AS MUDANÇAS DE GORBATCHEV

Gorbatchev

Vdovin

Entre as reservas do C.C. e o entusiasmo de Vdovin

Págs. 13 e 14

Diário de Lisboa

ANO 66 N.º 22 870 Terça-feira, 3 de Fevereiro de 1987 Preço 40$00

22280

Valente de Oliveira propõe esquema

GOVERNO QUER REGIONALIZAR PARA "REINAR"

O ministro Valente de Oliveira disse hoje aos jornalistas que, do seu ponto de vista, a solução indicada para a divisão do país no âmbito dos propósitos de regionalização agora em debate, deveria ser, grosseiramente em Norte, Centro e Sul. Trata-se de um ponto de vista que, em rápida análise, viria, de certo modo, consagrar e consolidar as actuais Comissões de Coordenação, a que aliás aquele membro do Governo esteve ligado, como presidente no Norte. Deste modo, regionalizar significaria reinar, para quem já estivesse melhor «instalado» no terreno.

Pág. 24

Soares recebeu Garcia dos Santos

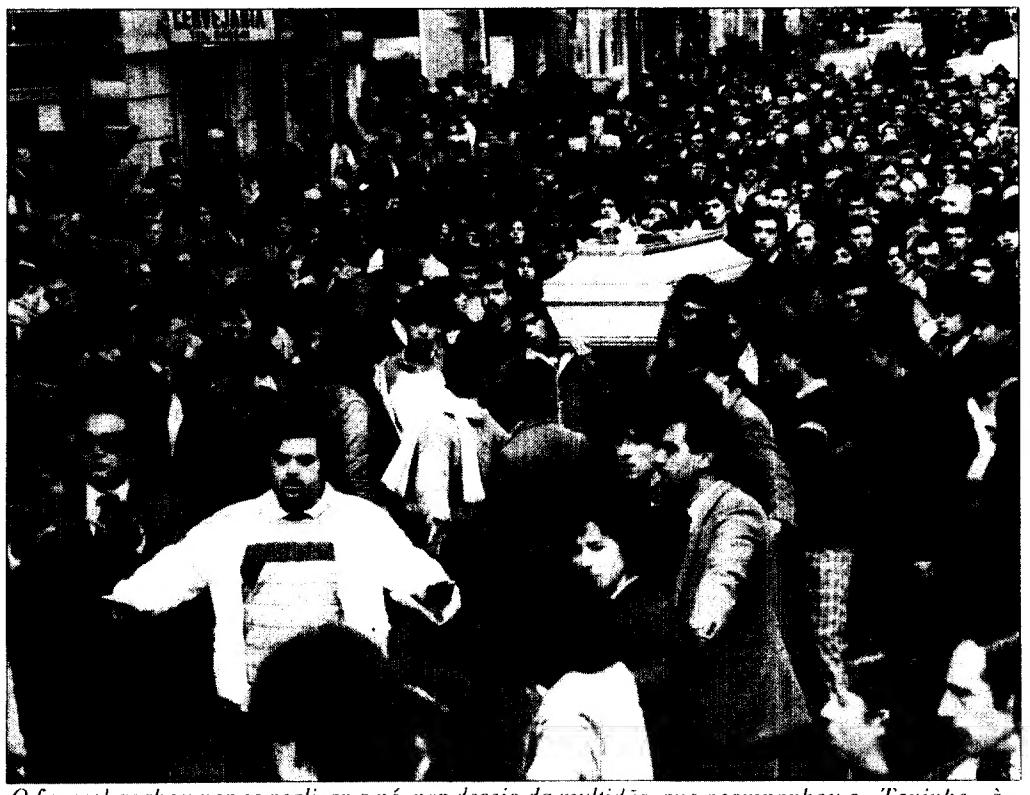
O encontro de Mário Soares, ontem, em Belém, com o general Garcia dos Santos, antecipa uma intervenção presidencial num dos «casos» existente no seio da hierarquia militar? Soares terá pretendido ouvir do próprio um relato da sua situação, por forma a poder pesar todos os factores antes de se decidir pela intervenção.

Pág. 3

Mar de gente no funeral do jovem morto por guarda-fiscal

Uma multidão de jovens residentes na Praça do Chile fez, esta manhã, com que o funeral do jovem assassinado na noite de sexta-feira para sábado se realizasse a pé, para o cemitério do Alto de S. João. Uma manifestação de pesar de muitos seus colegas e amigos mas também um protesto contra a violência gratuita, neste caso como resultado da actuação de um agente da Guarda Fiscal, que nem sequer se encontrava em serviço.

Pág. 7



O funeral acabou por se realizar a pé, por desejo da multidão que acompanhou o «Toninho» à sua última morada

MDP

Demitem-se uns regressam outros

Raul de Castro, e também Luís Azevedo, eleveram para dez o número de demissões até agora registado no MDP/CDE. Outras são esperadas abrangendo elementos mais próximos das posições do PCP, conforme disse ao «DL» uma fonte do MDP que, entretanto, salientou estar aquele partido a registar outras adesões. «Uns saem, outros entram...».

Pág. 3

"Torres e torres erguendo..."

A. Silva Graça
Vereador da CML de 1976 a 1986

Noticiaram os jornais e outros órgãos de comunicação social que a S.E.C., vai solicitar o embargo judicial das obras conhecidas pelo nome pomposo, mas nada prestigiante, neste caso, de «Torres dos Jerónimos». É que, a pouco mais de quinhentos metros do Mosteiro, o eng.º Kruz Abecasis licenciou a construção de dois elevados edifícios, sem ter em conta a dignidade do local e o impacto ambiental que a inserção de tais estruturas provocariam na zona.

Já não é a primeira vez que o actual presidente da Câmara Municipal de Lisboa, com a ligeireza e o despudor que lhe são, infelizmente, habituais, procura inserir na área de Belém, equipamentos urbanos completamente desadequados à monumentalidade e harmonia do local.

A primeira tentativa verificou-se logo no início do seu mandato inaugural, na fase que eu me atreveria a classificar de «nacional-popularucha». É que, penso ser profundamente injusto etiquetar com designação idêntica o mau gosto que grassa, por vezes, no mundo das cançonetas indígenas, sem olhar para o lado, e mesmo para cima, para aquelas que julgam ter qualidades e competências para governar e administrar as pessoas e as coisas pátrias. Foi quando, bem em frente do mesmíssimo Mosteiro (que lá vai, cheio de paciência e de dignidade tudo isto observando) e em conjunto com outras operações de gosto idêntico e, o que é pior, com desprezo pela traça citadina (de que destaco a tentativa consumada, embora por poucos meses, de encerrar parte do Miradouro de S. Pedro de Alcântara, para aí inserir um tasquinho tão ao seu jeito, que baptizado foi de «Gaiola Abecasis»), quis contruir uma Feira abarracada, com comes e bebes, e tudo. O brado e a indignação foram tais que o próprio Conselho de Ministros de então (dizem os cronistas da época) terá discutido o assunto e decidido intervir, forçando o iluminado presidente a desistir de tal intento. A bronca foi grande, com os pobres dos feirantes, cheiinhos de razão, a exigirem compensações pelas parcas economias que haviam investido, e com a Junta de Freguesia de Santa Maria de Belém a cair e a precipitarassim eleições intercalares.

Vem tudo isto a propósito, exactamente, destas duas atempadas, mas desnecessárias noutras circunstâncias, intervenções governamentais, relativamente espaçadas no tempo, mas accionadas por dois governos idênticos e até iguais quanto à coloração política do Primeiro-Ministro: Executivo AD em 1980, com o Dr. Sá Carneiro a liderar o seu partido, a coligação e o Governo; Executivo PSD em 1987, agora com o Dr. Cavaco Silva, chefe do partido e do Governo. Afinal, ambos responsáveis máximos do mesmo partido e da coligação que elegeram o Eng. Kruz Abecasis presidente do maior município português, por três vezes consecutivas. Curiosa constatação, digna de alguma reflexão.

Dir-se-ia que o PSD e a outrora coligação AD, embora sabedores das broncas vocações do Eng. Abecassis, não hesitaram entre o controlo partidário que procuraram, obter no maior e mais poderoso aparelho autárquico do País. E o risco que daí decorria para o próprio futuro da cidade de Lisboa. Optaram pelo primeiro. Pensaram talvez que em relação ao segundo, acções avulsas — como esta a que o Governo foi forçado — poderiam refrear a ira do obsessivo Presidente e assim defender o valiosíssimo património alfacinha. Mais não seja, tal pensamento terá aquietado a consciência de quem teve (e tem) de decidir nos respectivos estados-maiores partidários. Decisão perigosa, pois nem sempre é possível actuar a tempo. Medite-se no caso do Monumental, que apaixonou e indignou a opinião pública, e cuja intempestiva demolição criou uma situação irreversível e ainda à espera de melhores soluções que preencham o imundo buraco que ficou em seu lugar. E em tantos outros, que só nãose consumaram, pela fortíssima oposição que geraram, na opinião pública e dentro do próprio município.

Mas, se é assim, se os interesses dos partidos que o apoiam se sobrepõem aos interesses da comunidade, é legítima uma outra possível conclusão: que a Direita, PD ou CDS, não tem ninguém com mais qualidade, senso comum tão-só, sensibilidade, gosto pelas coisas da História e da Cultura, alguém, afinal, com a capacidade mínima de gestão para resolver os principais problemas da cidade, que se deixe destas operaçãoes espectaculares e especulativas, que nada solucioam, tipo «Torres e Torres erguendo», antes complicam alguém que avance para outras bem mais prosaicas, de cerzir uma velha e lindíssima urbe, cuidar dela com cuidado e competência, e assim ir resolvendo, um a um e de raiz os infindáveis problemas que nos afligem e que tornam, cada dia, a cidade mais inóspita e agressiva. Em silêncio, sem demagogia e frases ocas, de que afinal todos parecem estar fartos.

É certo que a falta de entendimento na área da Esquerda, maioritária na capital, tem facilitado a vida (e as reeleições) do Eng. Kruz Abecasis, e dos partidos que, a contragosto ou não, o apoiam. Não cuido neste momento em discutir ou analisar como têm actuado as diversas forças que se opõem a este estado de coisas, ou que, embora o façam de forma débil e inconsequente, de oposição se consideram. É quase seguro também que o engenheiro deseje por lá ficar eternamente, uma vez que as suas ambições de glória a tudo se sobrepõem, eventualmente até susceptíveis são de lhe obnubilarem o pensamento e o raciocínio. Mas que tal seja a vontade dos partidos apoiantes, dos seus simpatizantes e votantes, tenho as maiores dúvidas. Não está já em causa qualquer questão ideológica, ou de concepção urbanística ou outra. A própria ditadura nunca foi tão longe no desrespeito pelo património histórico edificado e pela traça urbanística e arquitectónica do casco velho da cidade. Exceptuando o terremoto de 1755, nunca a antiquíssima capital foi tão maltratada. Mas contra os abalos telúricos e outras iras da natureza, pouco ou nada pode o homem. Só é possível actuar depois, embora se possam atenuar os seus efeitos através de medidas preventivas específicas. Ao passo que contra este viver em terremoto lento (como lhe chamou, não há muito tempo, um vereador da C.M.L.), já se devia (e podia) ter actuado, uma vez que alguns dos malefícios emergentes desta governaçãoautárquica, descabelada e de mau gosto, já não têm cura. Há que pensar, todavia, no que ainda resta, que é muito. Somos, afinal, todos responsáveis.

JOVENS PUDESSEM...

Paulo Conrado
22 anos,
trabalhador-estudante

"Sem televisão estaria isolado e separado de tudo"

Qual é o teu emprego e o que estudas?
— Sou despachante e estou no 11.º ano, na área de Saúde.
Direcções contraditórias, não? O que pretendes, de facto, fazer?
— Tirar o curso de veterinária. Trabalho num despachante oficial apenas para ir ganhando algum.
Gostas de viajar? O diferente e o exótico atraem-te?
— Sim. De vez em quando vou dar umas voltas com a minha Yamaha 125. Mas do que eu gosto mesmo é de equitação.
Onde praticas?
Na Torre, em Cascais. Agora estou a tomar conta de um cavalo. Dá-me muito prazer.
Motos e cavalos: o mesmo fascínio pela deslocação, é?
— A moto interessa-me por me dar possibilidade de ir depressa, a velocidade atrai-me. E nos cavalos gosto da beleza, do vigor e da comunicação que se estabelece entre cavalo e cavaleiro. Por isso é que prefiro os cavalos «inteiros», os que não foram castrados. São mais temperamentais.
Que lugares escolhes nas tuas deslocações?
— O Alentejo, sobretudo. Mas em Angola, de onde eu vim, é que era bom viajar, pelo mato.
Gostas da Natureza?
— Sim. A Natureza tem harmonia, sente-se. Um sítio onde me sinto bem é a Quinta da Penha Longa, em Sintra. Vou muitas vezes lá, andar a cavalo. Aquilo é um paraíso, cheio de vida selvagem.
Não achas que só pouca gente tem acesso à equitação?
— É o que acontece, de facto. Mas devia-se possibilitar que um maior número de pessoas pudesse cavalgar.
O resto do mundo que não vês, e toda a gente que há por aí fora mas não sabes delas, existem realmente para ti, que estás aqui e só te apercebes do que te rodeia?
— Existem sim, e tenho noção disso por causa da televisão. Sem ela estaria isolado e separado de tudo.

MDP

DEMITEM-SE DIRIGENTES REGRESSAM MILITANTES

Raul de Castro, deputado do MDP, disse ontem à agência Lusa que se tinha demitido da Comissão Política e da vice-presidência do Conselho Nacional do partido. É o décimo dirigente do MDP que apresenta a sua demissão na sequência das conclusões do último Encontro Nacional.

Raul de Castro: mais uma demissão

Anteriormente, registara-se também a demissão de Luis Azevedo do cargo de presidente do Conselho Jurisdicional e de militante do partido.

Como razões para a sua atitude, Raúl de Castro alegou não poder continuar a assumir a sua quota parte de responsabilidade numa orientação política «que cada vez mais se apresenta com um carácter social-democrata» e colocou-se na disponibilidade para ser substituído na função de deputado que exerce há sete anos pelo círculo do Porto.

Na opinião de Raul de Castro, a actual orientação do MDP, que aponta para o rompimento da coligação APU nas eleições legislativas e para a renegociação do acordo com o PCP nas autárquicas, conduz ao «isolamento».

Em carta enviada á direcção do partido, Raul de Castro manifesta ainda a sua solidariedade para com os oito membros da Comissão Política que se haviam demitido anteriormente.

Comentando estas demissões, um dirigente do MDP disse que elas não têm tido impacto na organização, a qual atravessa uma fase de crescimento e recuperação de muitos elementos que desde há anos se haviam afastado.

Admite-se entretanto que outras demissões possam verificar-se a curto prazo, de elementos mais próximos das posições do PCP e como tal contrários à orientação seguida na sequência das decisões do Encontro Nacional.

Eleições antecipadas em 1987

— prevê Mendes Bota (PSD)

O dirigente algarvio e vice-presidente do grupo parlamentar do PSD, Mendes Bota, prevê, em 1987, «a exaustão de um modelo de governo minoritário» e defende, por isso, a realização de eleições antecipadas.

Em entrevista ao «Jornal do Algarve», Bota considera que a necessidade de eleições antecipadas dever-se-á, não ao interesse dos partidos da Oposição ou porque o Primeiro-Ministro e o PSD «queiram deliberadamente provocar uma crise», mas porque «todos em conjunto e a população em geral, chegarão à conclusão de que estamos perante um impasse prejudicial aos interesses nacionais».

O líder algarvio do PSD entende, ainda, não haver condições de investimento e confiança «com o parlamento a desfazer hoje o que o Governo fez ontem».

«Daí que— acrescenta— talvez não se resista à tentação de aproveitar a «boleia» das eleições para o parlamento europeu. Até lá, todos estarão à espera para ver quem salta primeiro. Ninguém quer arriscar. Eu arrisco».

Regionalização

Mendes Bota não se revela, entretanto, muito entusiasmado com a possibilidade de 1987 vir a ser o ano da regionalização e responsabiliza o PCP pelo adiamento do processo por ter avançado —diz— com um «projecto capcioso e subversivo da unidade nacional e dos verdadeiros interesses que devem estar subjacentes à regionalização». Bota prevê também «uma reflexão dos partidos democráticos» que irá «prorrogar inevitavelmente a criação das regiões para depois da revisão constitucional».

Mendes Bota

Comissão integra 37 personalidades

Campanha de apoio a Timor arranca amanhã em Lisboa

A comissão nacional da campanha «87/Timor» será integrada por 37 personalidades de vários sectores socio-profissionais, desde os presidentes das condefederações patronais até representantes das centrais sindicais. A comissão será publicamenre apresentada, amanhã, num hotel da capital.

Dela fazem parte, entre outros, o duque de Braganca, D. Duarte Nuno, António Maria Pereira, o provedor da Misericórdia de Lisboa, Maria Cavaco Silva, Natália Correia, um representante do Alto Comissário das Nações Unidas para os Refugiados, os ministro do Trabalho e Segurança Social e da Habitação e Obras Públicas e o Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas. O objectivo da campanha é proporcionar o alojamento às famílias de refugiados timorenses em Portugal. Os organizadores da iniciativa conseguiram já obter terrenos para esse fim.

Entretanto, num comunicado divulgado à imprensa, o partido «Os Verdes» exige que Portugal «assuma as suas responsabilidades e que sejam feitas pressões no sentido de garantir a independência de Timor-Leste e o respeito pela autodeterminação do povo maubere». O comunicado surge a propósito da detenção, há dois meses, de quatro jovens estudantes timorenses, em Djacarta, capital da Indonésia. «Os Verdes» apelam ainda para «que sejam tomadas medidas concretas com vista a uma eficaz intervenção do Governo português junto das entidades internacionais e junto da diplomacia holandesa, como forma da garantia da libertação dos quatro estudantes e o fim dos atentados cometidos, quotidianamente, contra Timor-Leste e o seu povo».

Soares interessa-se pelo "caso" Garcia dos Santos

● *Anunciada visita ao Brasil*

A situação do general Garcia dos Santos, actualmente na «estranha» posição de general no activo mas sem colocação, preocupa o Presidente da República, que ontem teve um encontro com o antigo chefe do Estado maior do Exército.

Mário Soares terá pretendido inteirar-se da real situação do general, tendo em vista a eventual resolução da sua situação.

O interesse de Soares neste caso segue-se à nomeação do general Soares Carneiro para vice-CEMGFA e aponta para uma actuação do presidente — comandante supremo das Forças Armadas — independente de quaisquer facções militares.

Uma possível intervenção no «caso» Garcia dos Santos seria, em termos públicos, e especialmente no plano militar, uma indicação nesse sentido, para além de surgir como uma «compensação» face à nomeação de Soares Carneiro.

Soares vai ao Brasil

Foi entretanto anunciado que Mário Soares visitará o Brasil entre 25 de Março e 3 de Abril, numa viagem marcada por vertentes culturais e económicas, nas palavras de uma fonte de Belém.

Durante os dez dias da visita, deslocar-se-à a Brasilia, São Paulo, Rio de Janeiro e, possivelmente, São Salvador da Baía e São Luiz do Maranhão.

Tratar-se-à da primeira visita oficial do actual Presidente da República, que para este ano tem também prevista uma deslocação à União Soviética, provavelmente no Outono.

Mais um caso para o Governo explicar

Portugal disposto a comprar 18 milhões de contos de canhões

Portugal poderá candidatar-se à compra de dez canhões anti-aéreos, no valor global de 18 milhões de dólares, se o Congresso norte-americano não bloquear a respectiva venda.

De acordo com a agência «Lusa», que cita fontes do Pentágono, os canhões autopropulsionados «Vulcan» de 20 mm (que em princípio serão vendidos com os sobressalentes e assistência técnica) são necessários a Portugal para «ajudar o país a obter uma capacidade de defesa aérea de curto alcance e a baixa altitude». Segundo a mesma fonte, «esta venda contribuirá para a política externa e objectivos de segurança nacional dos Estados Unidos, ao melhorar as capacidades militares de Portugal - impulsionando a racionalização, normalização a inter-operacionalidade da NATO e fortalecendo a defesa da aliança ocidental».

Um porta-voz do departamento norte-americano da Defesa revelou ainda que o Exército dos Estados Unidos terá a responsabilidade pelo cumprimento da transaccão, acrescentando que as armas serão fornecidas através da «abertura de um concurso».

Ainda em Paris, a rumo aos braços de Chirac

Desde ontem em Bruxelas

COESÃO ECONÓMICA E SOCIAL DA CEE E ÁFRICA AUSTRAL PREOCUPAM CAVACO

O Primeiro Ministro português chamou ontem a atenção para a importância da coesão económico-social da Comunidade Europeia, a qual considerou dever «ter dignidade semelhante» à da construção do mercado interno.

«Não seria possível construir um mercado interno que conduzisse a desigualdades ainda maiores, na medida em que assim se criariam tensões sociais e políticas insuperáveis», sublinhou Cavaco Silva que falava numa conferência de Imprensa conjuntamente com o seu homólogo belga no primeiro dia da sua visita a este país.

O chefe do Governo português que deu um especial ênfase à necessidade de se «enfrentar o problema da política agrícola comum», cuja situação considerou «insustentável», pediu apoios «mais fortes à modernização da agricultura portuguesa» uma vez que as perspectivas que condicionaram a assinatura do tratado de adesão, designadamente em matéria de evolução dos preços agrícolas, se revelaram incorrectas.

Neste quadro, admitiu implicitamente que os períodos transitórios definidos no Tratado de Adesão para o sector agrócola se poderão revelar insuficientes, caso não seja igualmente aplicada à reforma da política agrícola comum o princípio da coesão económico-social.

«Consideramos positivas as propostas do Presidente da Comissão Europeia nesta matéria, mas fizemos sugestões complementares, designadamente quanto à necessidade de uma definição mais cuidadosa de regiões desfavorecidas», afirmou Cavaco Silva.

Por seu turno, o Primeiro Ministro belga, Wilfried Martens, mostrou-se convicto de, a curto prazo, se poder implementar a correcta aplicação do Acto Único Europeu e pôr em prática as ideias do Presidente da CEE, Jacques Delors, sobre «o financiamento futuro e reformas da política agrícola comum e dos fundos estruturais».

África Austral

Uma outra matéria sobre a qual os dois primeiro-ministros manifestaram inteira concordância foi quanto à situação da África Austral.

Segundo Cavaco Silva, ambas as delegações se mostraram favoráveis quanto à necessidade de iniciativas da Comunidade Europeia na região «no sentido de resolver a questão da Namíbia na tentativa de tornar interno o conflito angolano, de contribuir para a paz em Moçambique apoiando o Presidente Chissano e de ajudar a pôr cobro ao apartheid na África do Sul mediante outros instrumentos que não exclusivamente o das sanções».

«Os nossos dois países têm uma ligação muito especial com África e vamos manter um contacto próximo na tentativa de apresentar novas iniciativas», referiu a propósito Wilfried Martens.

Quanto a Timor-Leste, Cavaco Silva afirmou ter explicado ao seu homólogo belga as posições do Governo português na matéria e que o ministro português dos Negócios Estrangeiros não deixará de colocar futuramente o problema a nível da Comunidade Europeia.

«A comunidade internacional deve exercer toda a pressão sobre a Indonésia para que seja possível restabelecer a auto-determinação e o respeito dos direitos do povo timorense», adiantou Cavaco Silva.

Conversações

As conversações tinham sido encetadas de manhã, durante um encontro de meia-hora, a sós, dos dois chefes do Governo. Em debate esteve matéria relacionada com as reformas da Comunidade Europeia, que viria a ser aprofundada a um nível mais detalhado pelas delegações dos dois países numa reunião realizada à tarde.

Ainda de manhã, Cavaco Silva, acompanhado de sua esposa, foi recebido durante uma hora em audiência pelos monarcas belgas no palácio real de Laeken.

De acordo com uma fonte citada pela Lusa, o rei Balduino mostrou-se interessado em conhecer «pormenores sobre a situação económica portuguesa», abordou a «questão africana» e manifestou empenho em que, no quadro da construção da Europa seja dada uma «atenção particular ao problema da luta contra a droga».

Seguidamente, o Primeiro Ministro português visitou o Parlamento onde almoçou a convite dos presidentes da Câmara dos Representantes e do Senado. À tarde, Cavaco Silva deslocou-se à Câmara Municipal de Bruxelas onde, em presença do burgomestre, Hervé Brouhon, assinou o livro de ouro da cidade.

Programa de hoje

No seu segundo dia de visita oficial à Bélgica, o Primeiro Ministro desloca-se à Comissão Europeia. À sua chegada terá um encontro de meia-hora com Jacques Delors, após o qual participará numa reunião extraordinária daquela Comissão onde pronunciará um discurso.

Durante os contactos aguarda-se que Cavaco Silva reafirme o seu apoio genérico às ideias que Jacques Delors tem vindo a defender na sua «volta das capitais», a propósito do financiamento futuro da Comunidade e das reformas da política agrícola comum e dos fundos estruturais.

Jardim manifesta-se contra aquisição dos "Airbus"

O presidente do Governo Regional da Madeira, Alberto João Jardim, manifestou «estranheza» pelo facto de a TAP ter optado pela aquisição do «Airbus», que não opera na actual pista do aeroporto do Funchal.

Falando numa conferência de imprensa, Jardim recordou que, sendo a transportadora aérea nacional uma empresa pública, «ela deveria tomar decisões em função de uma efectiva utilização dos principais aeroportos nacionais». O líder madeirense disse ainda que, ao contrário dos modelos 757 e 767 da «Boeing» - que já efectuam ligações directas entre a Europa e o Funchal ao serviço de um operador turístico alemão-federal - o «Airbus» não opera no aeroporto do Funchal, dadas as dimensões actuais da pista.

Comentando o «caso», Jardim perguntou se a TAP estará na posse de alternativas concretas que não prejudiquem uma região turística da Madeira, tendo em consideração as limitações operacionais impostas ao «Airbus» pela dimensão da pista do Funchal. «Pensamos que este caso constitui mais um exemplo que confirma a necessidade de uma pista intercontinental na Madeira, independentemente das obras na do Porto Santo», disse.

Autonomia

Jardim aproveitou a oportunidade para falar de outros temas. Desafiou então o Partido Socialista a «definir o que pretende em matéria de alargamento da autonomia, na próxima revisão constitucional». Afirmou, a propósito, que tal revisão não será possível sem um acordo entre o o PSD e o PS», justificando assim o desafio lançado aos socialistas, «na medida em que é necessário saber com o que podemos contar à partida e verificar se, em função disso, valerá a pena procurar um consenso, dado que a alteração do texto constitucional exige uma maioria qualificada».

No âmbito da política laboral, o dirigente madeirense voltou a reivindicar a participação da Região Autónoma no Conselho de Concertação Social, alegando existir «três realidades económicas diferentes: Madeira, Açores e continente». «O Governo Regional, atendendo a esta situação, não considera a Madeira vinculada às decisões tomadas no CCS e continua a defender, pese embora todas as pressões que vêm sendo feitas, actualizações salariais acima da taxa de inflação registada na Região em 1986», concluiu Jardim.

Mais 30 por cento que em 1985

Publicidade gastou 19 milhões de contos

O investimento publicitário em Portugal aumentou em cerca de 30 por cento em 1986, cifrando-se em 19 milhões de contos, contra 14,5 milhões em 1985 — revelam dados do sector, divulgados pela Lusa.

Do total, o meio «televisão», com cerca de 7,7 milhões de contos, corresponde a 40,5 por cento dos investimentos.

Quanto a meios de Comunicação Social no seu conjunto, televisão, jornais e rádio, o investimento foi de cerca de 13,5 milhões de contos (71,1 por cento).

Os restantes 30 por cento do investimento repartem-se por outras componentes do negócio publicitário, como sejam a publicidade exterior, o «marketing» directo, filmes e execução gráfica, entre outros.

Em termos de «equivalent biling», critério internacionalmente generalizado e que consiste na multiplicação da receita de cada agência pelo indicador 6,67, três agências a operar no mercado português ultrapassaram em 1986 os dois milhões de contos, liderando com 2,7 milhões a Mcann-Erickson-Hora. Segue-se a Ciesa, com 2,1 milhões, e a Lintas, com 2 milhões de contos.

No grupo das cinco grandes figuram, ainda, a J.W. Thompson, com 1,5 milhões, e a FCB, com 1,4 milhões de contos de «equivalent billing» em 1986.

Guterres desafia Santos Martins para debate sobre política industrial

António Guterres, responsável para a indústria do «Governo-sombra» PS, desafiou o ministro Santos Martins para um debate televisivo sobre política industrial. O dirigente socialista, que falava em conferência de Imprensa, acusou o Executivo de não ter uma política industrial e sublinhou haver uma «divergência fundamental, quer no plano ideológico, quer no da capacidade concreta para resolver os problemas nacionais», entre o PS e o Governo de Cavaco Silva.

Para Guterres, é vital que «o Estado e as associações empresariais e de trabalhadores assumam conjuntamente uma estratégia para o desenvolvimento industrial do país que rompa o dilema modernização/emprego, rejeitando o pensamento liberal assumido pelo Governo, que conduz à inacção ou a uma modernização conseguida à custa do desemprego generalizado».

A estratégia proposta pelo dirigente do PS envolve a reorganização do sector empresarial do Estado, o apoio estatal a iniciativas empresariais privadas, a aceitação de um grau apreciável de terciarização da economia e a promoção do desenvolvimento dos sectores de tecnologia intermédia e do crescimento da produtividade.

Aceitando, «sem tabus», o redimensionamento do sector empresarial do Estado, Guterres considerou que as empresas estatais «devem ser o vector da dinamização da economia». Responsabilizou, por outro lado, «os atrasos, hesitações e falta de programação e transparência nos investimentos do Estado e das empresas públicas», pela crise da indústria produtora de bens de equipamentos.

O Governo— acusou— não promoveu nenhuma reorganização dos sectores tradicionais e em crise, manteve o país durante um ano sem ter operativo nenhum esquema de incentivos ao investimento e nada fez para desburocratizar o exercício da actividade empresarial.

António Guterres anunciou, finalmente, que o seu partido vai propôr à comissão parlamentar de economia, finanças e plano, que se debruce sobre as acusações feitas pela ACAP(Associação do Comércio Automóvel de Portugal), relativamente à descida do imposto de venda sobre veículos, que beneficiaria sobretudo uma marca de automóveis. Disse ainda que a comissão deve ouvir a ACAP e o ministro da Indústria e do Comércio, Santos Martins.

Constâncio

Vítor Constâncio, presente igualmente na conferência de Imprensa, contestou a afirmação em França de Cavaco Silva de que o actual Governo é maioritário na prática devido à ausência de alternativas por parte da Oposição. Segundo Constâncio, «é injustificável que o Executivo se assuma como um Governo de gestão» e não proceda a reforma estrutural.

Divididos em quatro grandes grupos

PROJECTOS PARA O FEDER 87 ASCENDEM A 114 MILHÕES

O pacote de projectos portugueses candidatos em 1987 ao Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) será da ordem dos 114,8 milhões de contos.

Dos 114 896 148 contos, valor total dos projectos já apresentados em Bruxelas para 1987, 103 042 832 contos correspondem, ao montante elegível, prevendo o Estado português que 49 384 609 contos sejam o compromisso comunitário.

Segundo os dados fornecidos á agência Lusa, 33.862 507 contos deverão, dentro da programação financeira, entrar ainda durante este ano em Portugal, 9 941 261 contos em 1988, 5 055 606 contos em 1989 e 525 235 contos nos anos seguintes, isto sempre para o pacote FEDER/87 português.

Os projectos estão divididos em quatro grandes grupos, por entidades proponentes ou responsáveis pelos projectos, sendo a Administração Central, com 40,6 milhões de contos a que abarca a maior fatia, com 35 por cento do valor total.

Segue-se o grupo das Empresas Públicas, com 34 por cento (39,2 milhões de contos), o da Administração Local, com 24 por cento (27,5 milhões de contos) e o das Regiões Autónomas, com 7 por cento (7,4 milhões de contos).

Num ponto de vista geográfico, e analisando únicamente os grupos «Regiões Autónomas» e «Administração Local», o pacote português FEDER/87 contempla mais a região Norte, com 26,2 por cento do valor (9,1 milhões de contos), seguindo-se Lisboa e Vale do Tejo, com 20,4 por cento (7,1 milhões de contos), o Centro, com 18,2 por cento (6,3 milhões de contos),a Região Autónoma da Madeira, com 17,6 por cento (6,1 milhões de contos), o Alentejo, com 9,2 por cento (3,2 milhões de contos), o Algarve, com 4,4 por cento (1,5 milhões de contos) e a Região Autónoma dos Açores, com 3,7 por cento (1,3 milhões de contos).

Quanto a sectores cobertos pelos projectos-candidatos, nota-se uma grande predominância do investimento em infra-estruturas de transporte, hidraúlicas e de protecção do ambiente.

«Sem facturas não há dinheiro»

Os pedidos de pagamento apresentados por Portugal em Bruxelas no âmbito do FEDER ascendiam em 31 de Dezembro de 1986 a cerca de 75 por cento dos direitos de saque postos à disposição do País, disse à Lusa Silva Peneda.

O secretário de Estado do Planeamento e Desenvolvimento Regional fazia um balanço «altamente positivo» do primeiro ano de adesão à CEE quanto à capacidade de resposta no aproveitamento das verbas disponíveis junto do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional.

O FEDER, ao contrário por exemplo do Fundo Social Europeu, tem um regulamento que só permite o pagamento de verbas para projectos aprovados desde que sejam apresentadas facturas comprovativas das despesas feitas, pelo que a capacidade de resposta de um país mede-se muito pela rapidez com que vai conseguindo apresentar em Bruxelas os pedidos de pagamento respectivos.

Num total de cerca de 57,6 milhões de contos de compromissos assumidos pelo FEDER em relação a Portugal em 1986, o País tinha direitos de saque no valor de 40,2 milhões de contos, revelou à agência Lusa o secretário de Estado Silva Peneda.

No final do ano, tinham já dado entrada em Bruxelas pedidos de pagamento da ordem dos 30,2 milhões de contos, cerca de 75 por cento do total dos direitos de saque, faltando apresentar cerca de 9,9 milhões de contos devidamente comprovados com facturas.

«A maioria desse montante diz respeito a projectos apresentados pelas autarquias locais, cujo pacote FEDER/86 foi o último a ser aprovado em Bruxelas, em alguns casos já mesmo em Dezembro, pelo que a capacidade de resposta tem sido muito boa», disse Silva Peneda.

A melhor «performance» vem das empresas públicas, que em 31 de Dezembro já tinham excedido em 62 mil contos o seu «plafond» de direitos de saúde, enquanto à Administração Central faltava apresentar facturas no valor de 821 mil contos.

As Regiões Autónomas, com 3,7 milhões de contos por levantar, e a Administração Local, com 5,4 milhões de contos, eram os restantes grupos cujo comportamento na apresentação de pedidos de pagamento não foi tão perfeito como os outros dois.

«O sistema de fluxo dos fundos do FEDER é contínuo, pelo que as 'performances' destes quatro grandes grupos podem variar, não só devido à sua própria capacidade de avanço nos investimentos propostos e lesteza na apresentação de facturas como também devido à altura em que os projectos foram aprovados em Bruxelas», sublinhou Silva Peneda.

Comentando uma crítica da Associação Nacional de Municípios, segundo a qual estes teriam direito a 10 milhões de contos em 1986, só tendo recebido 2 milhões, por alegada burocracia do sistema nacional quanto às verbas do FEDER Silva Peneda contrapôs que «na realidade, esses 10 milhões de contos dizem respeito a direitos de saque, mas as câmaras têm de compreender que sem facturas não há dinheiro vindo de Bruxelas».

Orçamento da Câmara de Coimbra é superior a três milhões

O Plano e Orçamento da Câmara de Coimbra para 1987, ontem aprovado por maioria em reunião do executivo municipal, ascende a três milhões e 414 mil contos.

Aqueles documentos foram aprovados com os votos favoráveis dos vereadores do PSD, CDS e APU e as abstenções dos representantes do PS e do vereador do PRD.

Os quatro vereadores do PS declararam que o seu sentido de voto deve ser interpretado «como uma chamada de atenção no sentido de serem corrigidos os métodos de trabalho e a orientação da actividade municipal».

O reforço das verbas para as Juntas de Freguesia, cerca de 126 mil contos, e para o pelouro da Cultura, cerca de 102 mil, são as principais novidades do Plano e Orçamento em relação a anos anteriores.

Quinhentos e cinco mil contos para o sector do saneamento e salubridade e 500 mil contos para vias de comunicação e transportes são as parcelas mais sgnificativas do documento.

Câmara de Lisboa faz levantamento dos seus "interiores"

Por unanimidade, a Câmara Municipal de Lisboa decidiu constituir uma comissão de vereadores, sob a presidência de Nuno Abecasis, com representantes de cada uma adas forças políticas com assento no executivo com o objectivo de efectuar um levantamento e caracterização das instalações de todos os serviços da Câmara, tanto instrumentais como operativos, com vista à sua instalação adequada.

Nesta viagem aos seus «interiores», o Município lisboeta irá definir, com apoio do técnicos camarários, as prioridades de execução anual para inclusão no Plano de Actividades e no Orçamento da Câmara, tendo em consideração o estado fisico das instalações, as condições de higiene e segurança e a eficácia do funcionamento.

Também por unanimidade, o executivo camarário deliberou adjudicar por ajuste directo os trabalhos de acesso aos últimos edificios construídos no Bairro das Furnas, pelo montante de quatro mil e quatrocentos contos.

Por outro lado, o Municí-pio deliberou consultar empresas de cartografia para a elaboração de um estudo conducente ao estabelecimento de um sistema de informação urbana de referenciação espacial, denominado SIURE.

A proposta do vereador Lívio Borges considera que, num prazo de 15 a 20 anos, a nova cartografia numérica ou digitalizada deverá substituir a cartografia tradicional, razão pela qual a Câmara decidiu dar os primeiros passos na modernização deste serviço.

Por fim, por maioria, com a abstenção dos vereadores da Aliança Povo Unido foi aprovada uma proposta de Nuno Abecasis, que atribui a título póstumo a medalha de honra da cidade com o título de benemérito ao arquitecto Eduardo Bairrada, recentemente falecido. A proposta do presidente refere ainda que o nome daquele técnico camarário seja dado a uma das artérias da cidade em homenagem «à sua extraordinária competência e dedicação pelo serviço, e ao seu grande saber como olisipógrafo ilustre que foi».

Presidente da Câmara de Braga contra demolição de torre

O presidente da Câmara Municipal de Braga declarou ontem que a decisão por parte da secretaria de Estado da Administração Local e Ordenamento do Território de demolir a Torre dos Granjinhos é ilegítima.

Em declarações à agência Lusa, Mesquita Machado considerou que a construção do edificio tinha sido autorizada pelo Ministério da Cultura e que a última palavra sobre o caso cabe ao Tribunal Judicial. Mostrando-se convicto de que a demolição não se realizará, o edil bracarense adiantou que mais de metade das construções realizadas em Braga não estão de acordo com o Plano de Urbanização para a cidade, datado de 1958, e que prevê a pretecção do património cultural.

No entanto, diferente posição é a do secretário de Estado da Administração Local e Ordenamento do Território que, na passada semana, ordenou a demolição da Torre dos Granjinhos, antecipando-se, deste modo, a um processo judicial com o mesmo fim que estava a ser preparado pela delegação do Ministério Público.

De acordo com a directriz de José Nunes Liberato, os proprietários têm de demolir o prédio até ao final do corrente mês de Fevereiro, findo o qual caberá à Direcção Geral do Ordenamento do Território executar a demolição.

Recorda-se que o processo da Torre dos Granjinhos remonta a 1981, na altura em que foi realizado um Plano de Pormenor para uma zona da cidade de Braga, considerada de equilibrio delicado, uma vez que se encontra nas proximidades da Zona Arqueológica dos Maximinos e é vizinha de imóveis de grande valor arquitectónico, como sejam o Tanque do Ídolo, o Palácio do Raio, o Hospital e a Igreja de São Marcos.

De acordo com o plano então elaborado o imóvel a construir naquela área não deveria ter mais de quatro a sete pisos acima do solo, sendo a área coberta de 7.800 metros quadrados. No entanto, a construção subiu até aos 14 andares e a área construída passou para 16 mil metros quadrados...

Apesar da construção ter sido embargada em Abril do ano passado, tal disposição não foi aceite pelos seus proprietários que, segundo adiantou na semana passada o semanário «Expresso», durante esse tempo venderam os andares já construídos, apesar do Ministério Público ter diligenciado junto do Tribunal Judicial de Braga no sentido de serem impedidas tais transacções.

O «Expresso» assinala, ainda, que todo o processo de apreciação e aprovação da torre «é bastante obscuro», o que levou o Ministério do Plano e do Ordenamento de Território a instaurar um inquérito, e a ser proposta uma participação ao agente do Ministério Público na qual, de acordo com aquele semanário, seria réu o próprio presidente da Câmara.

ARCIL comemora dez anos

Uma «semana aberta» à Comunidade assinala o início das comemorações do décimo aniversário da Associação para a recuperação de Crianças Inadaptadas da Lousã (ARCIL).

A «semana aberta», que começou ontem, consiste em «ter a escola totalmente aberta a quantos queiram ver o que fazem e como fazem os deficientes a sua aprendizagem e, ao mesmo tempo, quais os caminhos que se podem trilhar para tal fim», explicou um dirigente da associação.

Um encontro sobre temas da educação especial, a realizar em Abril, e jornadas desportivas para deficientes mentais, a decorrer em Maio, completam o programa de comemorações do décimo aniversário da ARCIL.

A Associação é frequentada por 120 deficientes mentais, com idades compreendidas entre os 3 e os 42 anos, enquadrados em actividades que vão desde o ensino pré-primário oficial e emprego protegido ao apoio pela ocupação e pré-profissionalização.

Cursos de Letras

Secretário de Estado recebe estudantes

Dirigentes estudantis das Faculdades de Letras nacionais reúnem-se hoje com o secretário de Estado do Ensino Superior para debater as questões que estão na origem da actual luta dos estudantes.

O ministro da Educação poderá estar presente no encontro se a sua agenda o permitir, afirmou à Lusa a assessora de Imprensa do ministro. A mesma fonte acrescentou que deverão ser discutidos os processos de reestruturação dos cursos de Letras, mas afirmou — de acordo com a Lusa — que desconhece ser intenção do ministro suspender ou alterar os pontos que têm causado polémica, nos meios estudantis.

Hoje também João de Deus Pinheiro reúne-se com os conselhos científicos das Faculdades de Letras para debater a reestruturação dos cursos.

A coordenadora nacional dos estudantes de Letras propôs no fim-de-semana ás Faculdades respectivas uma greve nacional às aulas amanhã, se até lá não tiverem oportunidade de se avistarem com o ministro.

Reuniões gerais de alunos estão também previstas para as três Faculdades de Letras — Lisboa, Porto e Coimbra.

Nos planos de reestruturação dos cursos de Letras os alunos contestam a imposição de «numerus clausus» no acesso aos dois anos extracurriculares de formação profissional após os quatro anos normais de licenciatura para aqueles que quiserem leccionar.

Hospital de Guimarães custará mais de um milhão de contos

As obras de contrução do novo Hospital Distrital de Guimarães, avaliadas em um milhão e trezentos mil contos, e do centro de saúde (85 mil contos), foram ontem outorgadas.

Leonor Beleza disse que o Governo investiu em Guimarães «por uma questão de justiça e rigor».

«Por uma questão de justiça porque é necessário continuar uma obra interrompida há dois anos e pela importância de que se reveste a região de Guimarães», explicou.

O ministro de Estado, Eurico de Melo, presidiu à cerimónia.

Incapaz de resolver problemas do S. José

DIRECTOR DO "BANCO" DIZ QUE DEMISSÃO NÃO É PARA JÁ

O director do serviço de urgências dos Hospitais Civis de Lisboa sente-se «incapaz de resolver os problemas do banco do Hospital de S. José com as condições que me dão», mas nega ser sua intenção demitir-se a curto prazo. Essa decisão, como o «DL» ontem noticiou, havia sido anunciada aos chefes de equipa de triagem do banco dos HCL, na passada semana.

Um dos participantes nessa reunião reafirmou esta manhã ao nosso jornal que Lino Ferreira manifestara essa intenção.

O próprio director do banco do Hospital de S. José disse ter admitido a hipótese de se demitir do cargo numa reunião entre médicos, aos quais pediu que não divulgassem essa intenção, porque pretendia avisar, antes, a ministra da Saúde. Segundo Lino Ferreira — que poderá manter por isso mesmo a decisão que na passada sexta-feira comunicou aos chefes de equipa do Serviço Comum de Urgências dos HCL —, as reservas que colocava prendiam-se com «razões de ética».

Já ao fim da noite de ontem o director do banco de S. José veio afirmar que, afinal, já não se demitia, ou pelo menos que isso não estava nas suas intenções a curto prazo. «Vou continuar, não está no meu pensamento qualquer demissão imediata, só se a minha saúde piorar», acrescentou.

O dr. Lino Ferreira lamentou ainda o facto de ninguém o ouvir («ninguém me ouve, nem de um lado nem do outro», frisou), acrescentando que a situação dos serviços de urgência «é mais aguda entre Novembro e Fevereiro. Mas, em Maio — acentuou —, será também má».

O director do Serviço Comum de Urgências dos HCL manifestou a esperança de que o Hospital de S. Francisco Xavier, antiga clínica do Restelo, comece a funcionar, «mas isso por si só é insuficiente».

Considerou ainda que, enquanto os Hospitais Pulido Valente e Egas Moniz não começarem a funcionar como serviço de **urgências**, a situação «de caos» vai manter-se nos Hospitais de S. José e Santa Maria.

Em S. José «há doentes a mais para o espaço físico que existe, e onde deviam estar 20 estão, agora, 80 doentes» — sublinhou.

Tarefeiros, reforma e subida de letra

Enfermeiros dão prazo a Beleza sobre acordo celebrado há um ano

A ministra da Saúde é acusada pelo Sindicato dos Enfermeiros da Zona Sul e Açores de não respeitar o acordo celebrado entre ambas as partes em Julho do ano passado, o qual fundamentalmente previa que fosse contado o tempo de serviço aos enfermeiros tarefeiros e que a reforma fosse possível com trinta anos de serviço ou vinte, mas neste caso aos 60 anos de idade.

Dirigentes, delegados e activistas da Zona Sul dos enfermeiros exigem por isso que até 15 do corrente a ministra Leonor Beleza entregue a todos os Sindicatos o documento final da legislação, aprovada pelo Conselho de Ministros em 22 de Janeiro, que «comprove a veracidade das suas posições públicas», diz o Sindicato dos Enfermeiros da Zona Sul e Açores.

De outro modo, e de acordo com as decisões tomadas em plenário de dirigentes, delegados e activistas da Zona Sul, os enfermeiros prepararão e desenvolverão as acções que vierem a considerar necessárias, caso o documento final não lhes seja enviado ou não contemple os pontos fundamentais do acordo celebrado em Julho de 1986.

Recorde-se que esse acordo previa ainda a subida de uma letra para todos os enfermeiros, que fossem aumentados e criados mais escalões na carreira e que o tempo de permanência em cada escalão fosse reduzido em um ano.

Em 20 de Janeiro último, uma assembleia geral de seiscentos enfermeiros aprovou uma proposta de paralisação para oito dias depois, em sinal de protesto pela sua situação, a qual não se realizou porque a ministra anunciou que a legislação sobre a carreira de enfermagem já tinha sido aprovada pelo Governo.

Sabe-se que o Conselho de Ministros aprovou, de facto, legislação sobre o sector, mas não os pontos que o acordo previa. De facto, a reforma mais cedo não está contemplada e a reclassificação de letras está a ser efectuada pelos Ministérios das Finanças e da Saúde. Segundo o Sindicato da Zona Sul, isso prova «não ter sido aprovado o projecto que nos foi enviado em 16 de Janeiro deste ano, o qual já não correspondia totalmente ao acordado».

ESPECTÁCULOS ÚNICOS

NOITES DE 5 E 6 DE FEVEREIRO

BR

Alameda Cardeal Cerejeira
Parque Eduardo VII

Botequim do Rei

COM

CIDÁLIA MOREIRA

FADO E MUSICA AO VIVO
NO CORAÇÃO DE LISBOA
COZINHA TRADICIONAL PORTUGUESA

ELENCO PRIVATIVO

FERNANDO SOUSA
MANE
MILU
FLORA SILVA
CARLOS MARQUES

RESERVE JÁ SUA MESA • TEL. 53 20 74

MUNICÍPIO DE CASTRO VERDE

CÂMARA MUNICIPAL

ADMITE

1 ENGENHEIRO CIVIL OU ENGENHEIRO TÉCNICO CIVIL, para direcção, acompanhamento e fiscalização de empreendimentos no domínio do Saneamento Básico, financiados pelo FEDER.

Contrato por um ano, eventualmente renovável com possibilidade de ingresso no Quadro.

Remunerações e regalias da Função Pública, de acordo com o curriculum apresentado.

Informações pelos telefones:
(086) 22 417, 22 392, 22 199

TRIBUNAL JUDICIAL

DA COMARCA DE ÁGUEDA

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que pela 2.ª secção do 2.º Juízo, na Acção Sumária n.º 1509 que a autora «Fábrica de Ferragens Jomalco, Lda», com sede em Raso de Travassô – Águeda, move contra «Pereira & Barroso, Lda», com última sede conhecida na Rua José Falcão, 21-1.º Dt.º – Lisboa, correm éditos de trinta dias citando a Ré para, no prazo de 10 dias, findo o dos éditos, a contar da data da segunda e última publicação do anúncio, contestar, querendo, a presente acção sumária, sob pena de, não contestando, poder vir a ser condenada no pedido que consiste em pagar à A. a quantia de 124 058$00, juros e custas.

Águeda, 28/1/87

O Juiz de Direito
Afonso Manuel Pessoa dos Santos

A Escriturária
M.ª Fátima S. Anastácio Sobral

(«DL» 3/2/87 — 1.ª Pub.)

Sexta-feira na zona da Praça do Chile

Soldado da G F confessou ter assassinado aluno do Camões

Um soldado da Guarda Fiscal, de 20 anos, apenas refenciado pelo nome de José, foi ontem entregue sob prisão na Polícia Judiciária como assassino confesso de um aluno do 10.º ano do Liceu Camões, António Manuel Filipe Alves, de 16 anos, cujo funeral se realizou esta manhã da igreja de Arroios para o cemitério do Alto de S. João.

De acordo com testemunhas oculares, e tal como noticiámos na nossa edição de sábado, António Alves e um companheiro de liceu provocaram a ira do homicida, que trajava à civil, ao passarem por ele, na noite de sexta-feira e deram uma inocente gargalhada. Este dirigiu-se-lhes em voz exaltada ameaçando matá-los, pelo que os dois jovens se puseram em fuga, mas António Alves acabou por ser alcançado, junto ao prédio n.º 72 da Rua Ponta Delgada. «Ao agarrar o jovem por um braço com uma das mãos e segurando na outra a pistola — referiu uma dessas testemunhas — o assassino repetiu três vezes a mesma frase: «Vamos para a esquadra», tendo premido o gatilho logo a seguir, atingindo mortalmente o jovem no tórax e pondo-se em fuga».

Segundo o exame médico-legal da autópsia, António Alves, que na zona da Praça do Chile onde residia era conhecido pelo diminuitivo carinhoso de «Toninho», foi morto à queima-roupa por uma bala de calibre 7.65, tendo o projéctil entrado na zona do tórax, destruindo-lhe todos os tecidos musculares ali existentes e provocando-lhe a morte imediata.

Referindo-se à trágica, e condenável ocorrência, o Estado-Maior da Guarda Fiscal divulgou ontem um lacónico comunicado no qual afirma textualmente:« No dia 30 de Janeiro, cerca das 22 e 30, nas imediações da Praça do Chile, registou-se um incidente em que foi interveniente uma praça da Guarda Fiscal e do qual resultou a morte de uma pessoa. O militar não se encontrava no desempenho de qualquer missão de serviço e efectuou a sua apresentação na unidade a que pertence, após a ocorrência, tendo igualmente feito a entrega da arma que lhe está distribuída e de que era portador. Pelo Comando da Unidade foi feita a respectiva participação da ocorrência à Polícia Judiciária, entidade competente para a instrução do processo».

Brigada da Marinha tenta que mancha de poluição não saia da doca

O Serviço de Mar de Hidrocarbonetos está a procurar eliminar uma grande mancha de poluição ontem de manhã detectada dentro da doca do Jardim do Tabaco. A Direcção-Geral da Marinha enviou para o local uma brigada do serviço de combate à poluição do mar por hidrocarbonetos com a missão de conter a mancha de poluição.

O Serviço de Mar de Hidrocarbonetos é um departamento especializado da Armada, nos últimos dias muito solicitado. No passado sábado de manhã, por exemplo, esteve em missão ao sul da Arrábida, a verificar se havia derrame de nafta química provocada pelo rombo em seis dos 21 tanques do «Merkator», ainda a descarregar no terminal de Sines, como abaixo se refere.

Um porta-voz da Armada disse, entretanto, a propósito da mancha de poluição detectada dentro da doca do Jardim do Tabaco, ontem de manhã, que «estão a ser realizados exames», tendo a ocorrência sido participada à Capitania do Porto de Lisboa. Esta está neste momento a investigar a origem da mancha da poluição que aparentemente é de nafta.

«Se não surgirem contratempos a situação ficará resolvida ainda hoje», acrescentou aquele porta-voz da Marinha portuguesa.

O navio-tanque «Merkator» continuava esta manhã o descarregamento das dezoito mil toneladas de nafta química, um produto com as características da gasolina que não é perigoso para as espécies matinhas. O «Merkator», como o «DL» ontem noticiou, sofreu um rombo na passada sexta-feira quando navegava ao norte de Sines, abrigando-se dos ventos ao sul da Arrábida para a transfega da nafta química dos tanques atingidos por um rombo para outros seis incólumes. Tratou-se de uma operação delicada, mas bem conseguida, na qual participaram elementos do Serviço de Mar de Hidrocarbonetos (que não chegaram a actuar) e mergulhadores. A transfega foi operada e garantida a estabilidade do «Merkator».

Só depois de constatado que não havia vertimento nem um fio de nafta à tona da água é que o navio-tanque seguiu para o porto de Sines. Uma outra condição imposta pelas autoridades portuguesas havia entretanto sido verificada: a de que o barco respeitava todas as normas de segurança, através de uma sociedade classificadora de navios reconhecida pelo Governo.

O «Merkator» demorará ainda alguns dias a descarregar as dezoito mil toneladas de nafta química que transportava, por razões de ordem técnica. Um porta-voz da Armada disse esta manhã ao «DL» que o pequeno derrame que ocorreu no domingo, no início da operação no porto de Sines, não tem qualquer significado nem consequências e ficou a dever-se a «presumível erro de operação a bordo».

O balanço de 1986 num sector do crime

SEIS TONELADAS DE DROGA APREENDIDAS EM PORTUGAL E PRESOS 900 TRAFICANTES

CERCA de seis toneladas de droga foram apreendidas e mais de 900 traficantes de cerca de 30 países foram presos em Portugal ao longo de 1986, segundo uma fonte da Polícia Judiciária. Estes valores foram os mais elevados de sempre e resultam das acções empreendidas pelas várias entidades policiais comprometidas no combate à droga.

No mesmo período foram presos por crimes ligados à droga 1 450 indivíduos, sendo 1 128 consumidores e 322 consumidores-traficantes.

Em Portugal a problemática da droga ganha um especial relevo, participando no seu território indivíduos e organizações clandestinas de grande capacidade operacional, que movimentam somas de dinheiro invulgar — disse a fonte da PJ.

Com efeito — prosseguiu — há alguns anos a esta parte Portugal tornou-se num entreposto de trânsito de drogas ilícitas e de desvio ilegal de drogas lícitas para o continente europeu.

Apesar de alguns êxitos alcançados no combate ao tráfico de estupefacientes, as autoridades reconhecem não dispor de meios para neutralizar este «comércio» que tem a sua grande porta para a Europa no aeroporto internacional de Lisboa, apesar dos esforços para contrariar esse facto.

As redes internacionais, conhecendo as dificuldades existentes no aeroporto internacional de Lisboa, têm procurado outros destinos e outros «correios», utilizando ultimamente crianças e pessoas da terceira idade.

A droga proveniente da América do Sul, África e Ásia tem ultimamente escalado outros aeroportos europeus, mas o destino é Lisboa, uma das portas de entrada da Europa e também de consumo local.

Esta última acção das redes internacionais visa «passar as malhas» da Alfândega nos voos provenientes de África, Ásia e América do Sul, mas autoridades alfandegárias já detectaram as mudanças dos destinos das redes internacionais de droga e têm apreendido alguns correios de outros aeroportos europeus.

Os pontos de partida e tipos de droga são da América do Sul, a cocaína, da África, sobretudo haxixe e seus derivados, e da Ásia, heroína e também o haxixe.

O controlo em Portugal tem sido efectuado com base de imaginação e perspectiva dos funcionários nas fronteiras aéreas, terrestres e marítimas e também com a colaboração das polícias internacionais.

As carências técnicas e humanas das autoridades contrapostas à especialização e reapetrechamento e à inexistência de meios especializados para uma acção mais directa aos «correios» que diariamente procuram o destino das fronteiras portugueses.

Elementos a que a agência Lusa teve acesso indicam que a droga apreendida o ano passado nas fronteiras terrestres, marítimas, aéreas e dentro do território pelas alfândegas, Guarda Fiscal, Polícia Judiciária, Polícia Marítima, Guarda Nacional Republicana e Marinha de Guerra totalizaram cerca de 6 toneladas de heroína, cocaína, haxixe e liamba.

As autoridades portuguesas prenderam 2046 pessoas de 26 países, «correios», traficantes e consumidores.

Foram apreendidos 19 quilos de heroína, 1264 quilos de cocaína, 5384 quilos de haxixe, 117 quilos de liamba seca, 31 quilos de liamba verde, 375 pés de liamba e 370 gramas de óleo de haxixe.

A maioria dos traficantes são de nacionalidade portuguesa com 690 indivíduos, espanhóis 56, cabo-verdianos 39, colombianos 29, angolanos 27, ingleses e nigerianos 11, são os mais representativos.

A Polícia Judiciária, único organismo policial competente para realizar a iinvestigação do crime de estupefacientes, recebeu das restantes autoridades os traficantes e a droga apreendida.

A maior apreensão de sempre de haxixe — 3000 quilos — ocorreu em Julho do ano passado no porto de Lisboa.

A droga foi apreendida dentro de um contentor proveniente de um país do Médio Oriente, cujo manifesto de carga indicava tractores pesados.

No mercado de rua, o valor de uma tal quantidade de droga era superior a 1 milhão de contos.

Na altura, a Polícia Judiciária revelara que a droga no cais do porto de Lisboa, em Santa Apolónia, destinava-se ao mercado nacional e internacional.

A droga encontrava-se dissimulada em compartimentos falsos do contentor, que continha sucata de maquinaria de terraplenagem e não foi efectuada nenhuma detenção.

Foi o quinto desde meados de Dezembro

Suicídio de mais um jovem na Penitenciária de Lisboa

A Penitenciária de Lisboa registou na madrugada de ontem o quinto suicídio, por enforcamento, desde meados de Dezembro do ano passado, sendo desta vez a vítima um jovem recluso de 20 anos, Fernando Manuel da Silva Neves, que numa carta deixada à madrinha se lamentava estar preso há um ano e de não ser visitado por ninguém.

Segundo o director-geral dos Serviços Prisionais, dr. Fernando Duarte, Fernando Manuel, ao contrário de pelo menos três dos outros suicidas, «não era toxicómano e fazia as faxinas sem relutância».

Condenado por ter procurado cambiar um cheque que roubara, Fernando Manuel, que, após a morte da mãe epiléptica, foi criado numa instituição da Misericórdia, ainda viveu algum tempo com o pai no Bairro da Musgueira, em Lisboa, mas não se adaptou e acabou por ir habitar com outro jovem, também na Musgueira, até à sua detenção.

Tal como já tinha afirmado em ocorrências similares o dr. Fernando Duarte referiu-se à falta de pessoal especializado (sobretudo psicólogos) nas cadeias portuguesas, de forma a que os reclusos jovens pudessem ser minimamente acompanhados. Também o presidente do Sindicato dos Guardas Prisionais, Rogério Ribeiro, colocou a mesma questão, dado que, disse, «os guardas não têm tempo nem especialização para exercerem essas funções».

HOLANDA
TULIPAS EM FLOR
DE 1 A 16 DE MAIO
por ESPANHA • FRANÇA • BELGICA • HOLANDA • ALEMANHA • LUXEMBURGO, etc.
INSCRIÇÕES LIMITADAS
NOTA: A REALIZAÇAO DESTA VIAGEM É NO AUGE DA FLORAÇAO
RESERVAS E INFORMAÇÕES:
LUSANOVA TURISMO
Av. João XXI, 9-A, M. Moniz, 6-A
Tel. 89 43 11 89 44 80

Simultaneamente réu no Tribunal de Monsanto

JULGAMENTO DOS "COMANDOS" NÃO AVANÇA POR FALTA DO FURRIEL MAGALHÃES

Manuel Geraldo

A ausência de um dos réus, ex-furriel miliciano Fernando Magalhães, igualmente arguido no processo do «Caso FP-25» em audiência no Tribunal de Monsanto, avolumada pela falta do juiz-auditor do 2.º Tribunal Territorial de Lisboa (2.º TMT). dr. Cidarte, fez ontem à tarde adiar «sine die» a repetição do julgamento dos dezanove ex-militares do Regimento de Comandos da Amadora, a decorrer em Santa Clara desde o dia 12 do corrente.

Recorde-se que os arguidos (eram vinte antes da morte por ataque cardíaco do primeiro-sargento de Cavalaria Armando Branca em meados de Outubro do ano passado) são acusados de, em 30 de Julho de 1975, terem procurado afastar o coronel Leal de Almeida. Julgados 4 de Março a 7 de Junho de 1985, foram absolvidos com base na Lei da Amnistia. Num posicionamento controverso, o comandante da Região Militar de Lisboa, general Ricardo Durão, ordenou, no entanto, ao promotor de Justiça do 2.º TMT, coronel Cepeda, a interposição do recurso para o Supremo Tribunal Militar (STM). Em 16 e 23 de Janeiro de 1986, no auge das eleições para a Presidência da República, e com a «vaga da direita» liderada por Freitas do Amaral no meio do maior dos silêncios o STM determinou a anulação do julgamento, ordenando com declaração de voto contrário do próprio juiz-presidente, general Oliveira Rodrigues, e do juiz-auditor, dr. Maia Gonçalves, a repetição do pleito com base em alegadas contradições e obscuridades na sentença do 2.º TMT.

Fazendo um pequeno «filme» do que tem acontecido em Santa Clara (sobretudo de algumas questões só na aparência marginais» ao processo), diremos que o julgamento recomeçou no dia 12, desde logo com uma decisão polémica (porque incomum em anteriores pleitos) com a substituição de todos os juízes militares e do próprio promotor de Justiça (acusador público). Nessa sessão, tal como no primeiro julgamento, o Tribunal aceitou a aplicação imediata da Lei de Amnistia (74/79), assim como a prescrição dos «crimes» imputados aos réus. Foram então convocados doze réus, não tendo nenhum deles prestado declarações à excepção de Adamastor Pereira, que manteve a versão prestada em 1985.

Dois réus «proibidos» de comer

No dia 19 prosseguiu o pleito com a audição de mais quatro réus que igualmente não prestaram declarações. Nessa sessão o Tribunal indeferiu um pedido dos réus Damas e Carita Pereira para que lhes fosse fornecido amoço na messe militar mais próxima, nos dias do julgamento, direito que lhes tinha sido concedido pelos juízes anteriores, face à precária situação económica em que vivem. Nessa mesma sessão o Tribunal não aceitou que o capitão Patrocínio que entretanto passara à reserva (neste momento o úico réu no activo é o alferes Baptista), se apresentasse à civil, tendo-o coagido a fardar-se para que pudesse entrar na sala de audiências.

Para a sessão de ontem estavam convocados para além do réu furriel Magalhães, as principais testemunhas de acusação, com destaque para o coronel na reserva Jaime Neves, aguardando a defesa, ao que o «DL» apurou, que os mesmos mantivessem os depoimentos prestados no primeiro julgamento, em que ficaram destacadas na acta as seguintes frases: coronel Jaime Neves: «Não, não eram boatos que coriam na Unidade, na verdade eu disse que ava um tiro nos cornos desse maluco do Vasco Gonçalves e se hoje fosse necessário faria o mesmo»; ainda Jaime Neves: «Se quisesse tomar aquilo, nem sequer precisava de armas, bastava corrêlosà bofetada», major Ribeiro da Fonseca: «Medo não tive, se quer que lhe diga a verdade, aquilo só me dava vontade de rir»; tenente-coronel Lobato Faria: «Não lhes dei qualquer ordem, não falei com nenhum deles»; capitão Falcão: «Nós também tínhamos uma lista de saneamento para corrermos com eles».

Posto isto, a incógnita para a defesa reside agora em saber se estas testemunhas irão manter as suas declarações, fundamentando deste modo a tese de que os réus não exerceram qualquer tipo de violência sobre os seus opositores e desmontando, assim, tal como aconteceu no primeiro julgamento, a única «pecha» que alguns dos juízes do STM (Soares Carneiro incluído) encontraram para não manter o acórdão do 2.º TMT à data presidido pelo coronel Clodomiro Alvarenga.

Comerciante assassinado por disputa de terras

Em Ladrogões, no concelho de Montalegre, o comerciante António Afonso assassinou no passado sábado um seu conterrâneo, Carlos Pires, também comerciante. António Afonso, de 50 anos, e Carlos Pires, de 38 anos, eram proprietários de pequenos lotes confinantes, cuja delimitação ambos desejavam reverter a seu favor, para ali construir uma casa. No sábado voltaram a desentender-se tendo António Afonso disparado um tiro de pistola que atingiu mortalmente o seu opositor.

Corpo de Viorel Trifa seguiu para os EUA

O corpo de Viorel Trifa, arcebispo ortodoxo, falecido há uma semana em Cascais, seguiu esta manhã por via aérea para os EUA, tendo o seu advogado, John Sibisan, e elementos da Igreja Ortodoxa da Roménia naquele país deslocado-se a Portugal para tratar da trasladação do corpo.

Viorel Trifa, que durante a sua juventude militou numa organização pró-nazi na Roménia, aguardava uma decisão do Supremo Tribunal Administrativo para ser autorizado a residir em Portugal. Antecipando-se a uma eventual ordem de expulsão dos EUA, Viorel Trifa veio para o nosso país renunciando à naturalidade norte-americana.

Assaltavam estudantes na Baixa da Banheira

A PSP deteve ontem dois jovens da Baixa da Banheira por assalto a alunos da Escola Preparatória Álvaro Velho daquela localidade dos arredores do Barreiro. De acordo com o auto-de-notícia, Paulo Artur, de 18 anos, e Nelson Paulo, de 16, roubavam, «sob a ameaça de uma navalha de 16,5 centimetros de comprimento e sete de lâmina», fios, pulseiras e crucifixos de prata às crianças da escola. A PSP, que já há algum tempo recebia queixas de roubos do género, efectuou as detenções depois de perseguir os assaltantes

Primeiro julgamento de Monsanto recomeçou ontem

"Isto não é o processo das FP-25 mas de um partido chamado FUP"

— *afirmou o réu José Gomes*

Dos 12 réus chamados ontem a depor na 252.ª sessão do julgamento do chamado caso FUP/FP-25, cinco recusaram-se a falar — uns por considerarem bastantes as anteriores declarações dos respectivos patronos, o outros evocando a qualidade de «revolucionários» que como é sabido, não se explicam perante o que consideram um «tribunal burguês».

Entre os que se escusaram a falar pela última vez para dizer o que entendessem bem em sua defesa, figurou o padre operário Manuel Crespo, em liberdade provisória obtida do Tribunal por motivos de saúde, pelo advogado Manuel Magalhães e Silva.

Confiança e alerta

José Ricardo e José Gomes, dois outros réus, tomaram uma atitude diferente. Falaram. Sem papas na língua.

«Isto não é o processo das FP-25, mas o processo de um partido chamado FUP, liderado por Otelo» — asseverou, com convicção, José Gomes, antes de acrescentar:

«Se os juízes nos condenarem estão a condenar a esquerda em Portugal».

Este réu, porém, mostrou-se confiante perante o futuro, pois é sua convicção, conforme sublinhou, que «este tribunal não vai ser servil em relação ao Poder, apesar da agressividade que o juiz-presidente Adelino Salvado por vezes revelou no interrogatório dos réus».

«Estou confiante em que isto vai ser a nosso favor» — concluiu.

Referindo-se depois aos réus, que, como ele, foram militantes do PRP antes de se integrarem em estruturas do Projecto Global de Otelo, salientou que todos «vão continuar a lutar, independentemente, do que se passe neste julgamento, e seja qual for o partido em que cada um venha a estar no futuro».

Por outro lado, José Gomes, alertou toda a gente — desde os magistrados aos deputados — para a existência de fichas políticas que disse existirem em poder da Polícia Judiciária e que afirmou terem sido utilizados para o processo ora em juízo.

«Não somos só nós, aqui, neste processo» — afirmou — «quem está fichado, mas muito mais gente, do PS ao PCP».

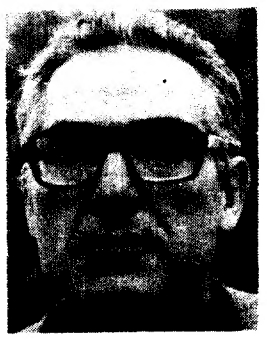
Na sequência, explicou estar a referir-se a fichas pessoais elaboradas por militantes do PRP, da OUT e dos «maoístas», com a caracterização político-partidária de terceiros, e que a Polícia teria apreendido e conservado até agora depois da ofensiva de 76 contra aquelas organizações e respectivos jornais, o «Página Um» e «A Voz do Povo».

Na sua intervenção José Gomes referiu-se ao procurador da República, Teodósio Jacinto, em termos tais que levaram este a protestar para a acta por se sentir ofendido na sua honra.

José Ricardo, com uma intervenção vincadamente política, afirmou, por sua vez, entre muitas outras coisas, que com este julgamento «apenas se procura destruir definitivamente Otelo Saraiva de Carvalho como uma referência de libertação, um símbolo da esquerda revolucionária».

O julgamento prossegue esta tarde.

ARTIGO DE FUNDO



Mário Castrim

...Resolveram então fazer um simulacro de guerra. E nos momentos que se seguiram foi grande a agitação. Houve que, em período muito breve, efectuar a concentração de meios disponíveis, tarefa espinhosa e de grande melindre. Há sempre quem, na eventualidade de uma guerra, tenha sobre o assunto, concepções diferentes e, por vezes até, contraditórias.

Tudo finalmente acabou por resolver-se, pois numa coisa todos acordavam: uma guerra era possível, logo havia que tomar as medidas necessárias de dissuasão e de retaliação ofensiva.

Combinou-se que tudo se passaria algures, no Atlântico e que o objectivo do exercício seria impedir que o inimigo avançasse de modo a controlar a passagem para o Mediterrâneo. Em caso de futura guerra havia que proteger maximamente a rota do petróleo, vital, como se sabe.

Conseguiu-se reunir duas fragatas cheias de reumático; uns lança-torpedos hóspedes da primeira guerra mundial; um submarino orgulhoso do seu escafandro medieval; um avião que parecia recortado das enciclopédias e dos almanaques de Santo António.

Foi muito lamentada a ausência sequer ao menos de um helicóptero pois, em caso de uma futura guerra, ele poderia ser de grande utilidade na detecção dos submarinos inimigos e no salvamento de vidas. Mas como não havia, paciência, fez-se mesmo o simulacro sem ele.

A operação cumpriu-se à risca, inclusive com a manobra das duas fragatas que se aproximaram cinco centímetros uma da outra, conseguindo-se, no entanto, evitar o abalroamento. O facto foi saudado com muitos aplausos e outras manifestações de alegria.

Em caso de guerra, o inimigo já sabe com o que pode contar! Houvesse ali um helicóptero e então, sim, o inimigo ainda levava mais para contar à família!

Foi neste momento que um carrinho se pôs em marcha, ao longo de alcatifa. Vinha carregado de bolachas, pãezinhos, fiambre, chocolates, leite, compota manteiga. Ouviu-se, jovial, a voz da mãe:

— Meninos, a brincadeira acabou. Guardem lá essa tralha. Toca a lanchar...

A tarde ia a meio. Como o tempo passa...

Ouro Sobre Azul

Um investimento em bens ao Sol

Adquira Certificados Prediais

DIREITO REAL DE HABITAÇÃO

- **Rigorosamente de acordo com a legislação.**
- **Registados em nome do adquirente na Conservatória do Registo Predial.**
- **Isentos de sisa, transmissíveis por via hereditária.**
- **Livremente alienáveis.**
- **Correspondem a co-propriedade, pronta a utilizar do Edifício Magnoliamar, na zona nobre do Complexo Turístico de Troia.**

TORRALTA

LISBOA
Av. Duque de Loulé, 24 — 1000 Lisboa
Telefones 55 44 79/54 21 39/55 65 86/55 45 71/55 47 94
Telex 16465 TORRAL P

TROIA
Complexo Turístico de Tróia — 2900 Setúbal
Telefones 065-44 161/44 405/44 270
Telex 18138 TROIAM P

PORTO
Rua Gonçalo Cristovão, 13-1.º Dto — 4000 Porto
Telefones 31 14 94/31 69 15
Telex 23643 TORCOR P

GMG

Jornadas de Comunicação e Cultura.

SOCIOLOGIA APLICADA

POIS bem, concluídas as jornadas de «Comunicação e Cultura» que abordaram um batalhão de assuntos (moda, jogos de computador, casas, amores e desamores, vida afectiva, aspectos vários da arte, banda desenhada, lides tauromáquicas, mecenato cultural e a dinâmica da geração de 60 no contexto português), que juntaram estudantes de sociologia, sociólogos diplomados e outros especialistas na tarefa árdua de traçar uma radiografia, parcial, da nossa cultura, vamos retomar o relato do que se passou na Aula Magna do ICSTE, reportando-nos especialmente aos últimos dias.

O significado do alojamento, enquanto espaço vivido pelos sujeitos sociais, foi tema de uma comunicação colectiva; a intromissão do computador na vida privada também mereceu ali uma interpretação, tendo em conta o alvoroço com que o fenómeno da informática está a ser recebido em Portugal — entre finais de 83 e meados de 85 venderem-se cerca de 100 mil Spectruns —, e a sua importância em termos de futuro. Depois, a teoria do sociólogo **Paulo Monteiro** sobre a arte, apoiada nos cadernos de Georges Braque. O pintor fala de um outro saber que estaria acima da ciência, há que atender **«aos dois pólos, o científico e o estético, à volta dos quais se organizam e desorganizam os elementos comuns a todas as experiências»**.

Alexandre Melo ocupou-se do estatuto crítico, dizendo não o chocar absolutamente nada **«ser cúmplice dos agentes económicos que querem promover e vender as obras dos artistas de quem gosto»**. Acha que a imparcialidade não é possível na medida em que o sentido da obra analisada **«está na alma de quem a contempla»**. Assim, a crítica será **«uma criação dentro da criação»**, não podendo portanto ser definida só em função do objecto. Daí que, no caso concreto das artes plásticas, área que é a sua, a tal cumplicidade com as obras a que aludiu **«não deverá ser mal interpretada»**.

Quanto à comunicação de Fernando Dias, antropólogo e professor da Escola das Belas Artes, incidiu mais sobre as relações entre os programas da antropologia da arte e da sociologia da arte. Limitou-se a questões práticas, descritivas que, por isso mesmo, não produziram chispa. Coube a Mário Vieira de Carvalho, musicólogo, a abordagem da ópera no século XIX e a António Pinto Ribeiro, professor de estética, na Escola Superior de Dança, tratar das **«atitudes»**, ou seja as posturas da dança e do próprio espectador que assiste ao bailado, com os seus juízos, leituras e gosto.

Geração de 60

Com afecto, porque mexia no vivido, **Rui D'Espinay** falou da geração a que pertence, a de sessenta, e do papel social que ela desempenhou face ao Estado autoritário e ao seu discurso ditado pela arrogância do **«quero, posso e mando»**. Cingiu-se a um enunciar dos factos, a seco, sem grandes extrapolações, que marcaram uma época. Fez aquilo que ele próprio classificou de **«recensão crítica dos anos 60...»**, ilustrada por material sonoro e gráfico de um tempo que, à distância, toma a forma de pesadelo. Mostrou-nos um poder grosseiro e ridículo, com os seus valores culturais pobríssimos e a contestação de uma juventude «engagé», empenhada **«numa mudança em termos de fututo mas construida no presente»**.

No desfile de memórias surgiram os filmes tontos do regime, os comentários hipócritas de Salazar, o nacional cançonetismo (Ó Zé Aperta o Laço, Olha a Mala, Tempo Volta para Trás e outros mimos do género), a repressão, o controlo das consciências, tudo aquilo que, na sua lógica, o sistema defendia. Contra isto os jovens **progres** erguiam as «Heróicas de Lopes Graça, as baladas de José Afonso, frequentavam os cineclubes, liam os escritores proibidos, solidarizavam-se com as lutas operárias, militavam em organizações clandestinas e aproveitavam todos os pretextos para se manifestarem. Como os heróis dos **westerns** tinham o culto da coragem e da lealdade. Eram generosos e idealistas esses jovens que viveram a chamada **década prodigiosa** que, aqui em Portugal, assumiu um cunho acentuadamente político.

Alunos de sociologia apresentaram uma comunicação sobre a banda desenhada que, sem intenção de ofensa, sereve-lou bastante desinteressante, ficaram-se muito aquém do desenvolvimento teórico que o tema merecia. Acho que a apreciação de **Jorge Colombo**, um dos novos da BD, agora mais dedicado ao grafismo, resume perfeitamente o teor do texto: **«redacção titubeante e turística sobre os princípios elementares, mais banais, da banda desenhada... não conheciam nem autores de consulta nem os próprios desenhadores.»**

Depois os especialistas convidados, Carlos Gonçalves e José Garcês, por muito conhecedores, também me pareceram já um tanto ultrapassados, desde o estilo ao discurso.

Quis **Luís Capucho** convencer-nos de que a tauromaquia é uma arte popular, o que não está fora de causa, e fê-lo com tamanha energia que quase contaminou a sala com a paixão dos toiros. Destrinçou os cavaleiros dos toureiros apeados, sublinhando as diferenças de técnicas e sociais, para tirar ilações sobre as classes antagónicas de onde cada um dos grupos provém. Os matadores, oriundos das classes populares e economicamente desfavorecidas, que sobem na vida à custa do risco; e os cavaleiros, filhos de latifundiários e ganaderos, vindos de uma camada social que dispõe de meios para praticar a modalidade tanto mais que esta exige cavalos de toureio, caríssimos, e a posse da terra.

Só que os grupos sociais, sejam toureiros a pé, cavaleiros, ganaderos, apoderados, críticos, etc, **«se combinam numa rede de relações complexas»** para oferecer ao público aficionado a **festa**, ritual onde se cruzam e se completam. **«Uma festa que é a vitória sobre a morte»**, sem a eminência do perigo uma corrida não tem sentido. Era provavelmente uma pulsão de morte, o que levava **Hemingway** às praças, a não perder um espectáculo que as ligas protectoras dos animais consideram «bárbaro e violento».

Falta ainda narrar o que se disse no painel do **mecenato cultural** onde intervieram inúmeras personalidades ligadas a empresas, fundações culturais, autarquias e Poder Central, este representado por Adelaide Rocha, da Secretaria de Estado da Cultura. Ao que parece há já algumas empresas dispostas a colaborar, prestando deste modo um prestimoso serviço à comunidade. **«O que atrai os mecenas talvez seja o desejo de publicidade...»** afirmou Alberto Vaz da Silva, em nome do Centro Nacional de Cultura. Buscando exemplos em Nova Iorque, **«a cidade do mundo onde se sente mais a arte»**, e em Londres, não deixou no entanto de se referir à timidez da nossa lei, **«é preciso ser mais ousada e a SEC não se pode demitir de apoiar, logisticamente, a sua implementação»**.

Lourdes Féria

"O Cacilheiro" venceu Concurso de Caldeiradas da Costa da Caparica

O restaurante «Cacilheiro» foi o vencedor do 4º Concurso de Caldeiradas da Costa da Caparica que decorreu este mês, naquela vila, por iniciativa da respectiva Junta de Freguesia. O resultado da votação foi ontem apurado, com abertura da urna onde os votos secretos dos membros do juri tinham sido depositados na sequência de cada prova.

O juri era constituido pelo presidente da Junta da Costa da Caparica, um representante da Câmara de Almada, um outro nomeado pela Região de Turismo da Costa Azul (Setúbal) — Manuel Luís Goucha —, mais o presidente do Sindicato dos Pescadores e um elemento escolhido pelo conjunto dos 32 restaurantes que este ano se apresentaram a concurso.

O resultado da votação secreta determinou que o segundo classificado fosse, por sua vez, o reastaurante «Carolina do Aires», que assim mantém uma tradição de bons lugares nestes concursos. Por sua vez, o 3º prémio foi pra o restaurante «O Bento», enquanto o quarto era atribuido ao «Praia Nova».

A votação secreta dos elementos do juri deu ainda os seguintes resultados: 5º, «O Lavagante»; 6º, «A Sereia»; 7º, «O Lavrador»; 8º, «Triana»; em 9º, dois restaurantes, «Atlântico e «Pátio Alentejano»; 10º, «Europa Mar»; em11º, mais uma vez duas casas, «Mar Alto» e «Doris»; em 12º, quatro restaurantes, «Porta Larga», «Copacabana», «D. Carlos» e «400»; 13º, «Panorâmico» e «Saltarico»; 14º, «Pipo» e «Transmontana»; 15º, «Barraquinha»; 16º, «Freitas»; 17º, «Mar Azul»; 18º, «Primoroso»; 19º, a dividir por dois, «O Ninho» e «Retiro do Fernando»; 20º, «Atrio»; 21º, de novo um par, «Férias» e «Maniés»; 22º, «Primavera»; e 23º, «Algamar».

Com os resultados deste concurso fica assim feita uma escolha que pelo menos permitirá ao cliente habitual das caldeiradas fazer uma primeira opção se quiser continuar a preencher gastronomicamente (e não só) alguns fins-de-semana, como de resto é vulgar, naquela praia, agora sujeita aos rigores do Inverno.

Aliás, um dos objectivos do concurso das caldeiradas, para além de pretender constituir uma forma de catalizar a produção e consumo daquele prato tradicional desta zona piscatória, era o de criar um polo de dinamização da Costa da Caparica, e em particular dos seus estabelecimentos do ramo hoteleiro, na época baixa.

Esta iniciativa da Junta de Freguesia da Costa da Caparica contou com o apoio da Câmara Municipal de Almada e da Região de Turismo da Costa Azul (Setúbal).

COSTA AZUL

PROGRAME AS SUAS FÉRIAS NA:

REGIÃO DE TURISMO DE SETÚBAL

TERRA DE FRUTOS E DE MAR...

INFORMAÇÕES: Rua do Corpo Santo Telef. 24284-29507 Apartado n.º 73 2901 - Setúbal Codex

ABRIU O MERCADO DE CÂMBIOS A PRAZO

● *Bancos estrangeiros ficam em vantagem concorrencial*

As empresas de exportação e importação têm ao seu dispôr desde ontem, data em que foi publicada a legislação no Diário da República de um mecanismo capaz de reduzir as incertezas cambiais com que forçosamente trabalham. Com efeito, hoje entra em vigor o diploma que autoriza o mercado de câmbios a prazo, afectando a actividade tanto de empresas como de instituições financeiras instaladas no mercado português com vantagens acrescidas para as estrangeiras.

As operações cambiais a prazo consistem no contrato de troca de divisas, entre escudos e as moedas constantes nas tabelas de câmbios, para a uma data superior a dois dias e inferiores a seis meses por um dado valor estabelecido entre as partes, contratantes.

As operações implicam a existência prévia de uma transacção comercial ou financeira, envolvendo mercadorias, serviços ou capitais.

As vantagens da liberalização do mercado cambial agora aprovada relacionam-se com a previsão dos gastos nas transacções operadas por empresas de exportação e importação.

Assim, uma empresa exportadora, que vai receber uma determinada soma dentro de três a seis meses, pode contratar com um banco a venda a prazo dessa soma. O banco compra esse montante num determinado dia, recebendo-o no prazo estabelecido de três ou seis meses, a uma cotação fixada no dia da transacção.

Do mesmo modo, as empresas importadoras, para quem a desvalorização do escudo funciona desfavoravelmente não permitindo prever margens de lucro com segurança, podem agora obviar essa situação. Ao comprar a prazo a moeda estrangeira, evita-se assim a tendência habitual de repercutir nos preços internos as incertezas cambiais, provocando a subida da inflação importada.

Vantagens também encontram as instituições financeiras instaladas em território nacional ao ver alargada a sua margem de actuação, com a possibilidade de prestação de novos serviços de comercialização de divisas em Portugal.

Contudo, veem-se em pior situação competitiva relativamente aos seus concorrentes estrangeiros. Com efeito, as instituições bem implantadas internacionalmente têm possibilidades acrescidas e mais favoráveis que os bancos nacionais sem um acesso facilitado das praças mundiais.

Receptividade espectacular

Enorme procura de informações junto dos bancos, por parte das empresas, foi a nota dominante do primeiro dia de aplicação do inovador mercado de divisas a prazo, segundo informações recolhidas na banca comercial.

«Temos recebido telefonemas de empresas a um ritmo espectacular», informaram do Banco Espírito Santo, informações essas corroboradas pelo Citybank que fala de «forte afluência de pedidos de esclarecimento».

As indicações recolhidas pela generalidade dos informadores bancárias aponta para uma densa utilização futura dos câmbios a prazo, principalmente por parte das empresas exportadores, a quem o novo sistema é especialmente destinado.

Norte-americanos ponderam riscos da desvalorização do dólar

Já se ponderam os riscos da queda do dólar, para a economia norte-americana, nomeadamente as influências negativas que a desvalorização da nota verde pode provocar ao nível da inflação e dos investimentos estrangeiros, segundo informações ontem divulgadas em Washington.

O próprio presidente da Reserva Federal, Paul Volcker, afirmou que o dólar desceu a níveis ameaçadores para o fluxo de investimentos estrangeiros nos Estados Unidos e para a estabilidade dos preços.

Falando perante a comissão conjunta do Senado e da Câmara de Representantes, Volcker disse ter-se atingido o ponto a partir do qual é necessário ponderar os riscos.

Riscos correm também as exportações japonesas, contra as quais as autoridades norte-americanas desencadearam esta operação-desvalorização e, por isso mesmo, o banco central do Japão continua a comprar dólares, desenfreadamente, para minorar os prejuizos. Entre o banco central nipónico e a Reserva Federal norte-americana trava-se, assim, um autêntico braço de ferro, até agora favorável aos americanos.

Ontem, foi anunciado que o Banco Central japonês comprou 8.500 milhões de dólares, durante o mês de Janeiro, em diversas praças financeiras, para travar a descida do dólar. A primeira compra ocorreu em 9 de Janeiro (dois mil milhões de dólares) quando o dólar caiu para 157,45 iénes. Mas foi necessário reforçar a intervenção porque o dolar continuou a baixar durante, praticamente, todo o mês.

Funcionários nipónicos disseram que o Japão dispõe, hoje, das segundas mais importantes reservas de divisas do mundo, a seguir à Alemanha Federal e antes dos Estados Unidos.

As reservas em dólares do Banco Central japonês, aumentaram 9.220 milhões em Janeiro, totalizando 51.459 milhões de dólares no último dia do mês. Em finais de Novembro, o Japão situava-se em terceiro lugar entre os detentores de reservas cambiais, com 41.980 milhões de dólares, contra 55.600 milhões da Alemanha Federal e 47.900 milhões dos Estados Unidos.

Ontem o dolar retomou a sua tendência para a baixa nos mercados monetários europeus, não obstante uma certa melhoria entretanto verificada na balança comercial norte-americana.

Ligação aérea ao Porto acelera serviço de "courier"

As empresas da região Norte vão passar a dispôr, nas suas ligações ao resto do mundo, das mesmas facilidades de acesso aos serviços de «courier» que já são acessíveis a partir de Lisboa. A actividade de «courier» está ainda pouco divulgada em Portugal mas conhece ritmos de crescimento bastante elevados no resto da Europa e nos EUA.

No essencial trata-se de um serviço próximo daquele que é proporcionado pelos operadores tradicionais de correios, mas que se distingue pela sua rapidez e por estar particularmente vocacionado para responder às necessidades de envio rápido de amostras e documentos, sentidas pelas empresas mais viradas para os mercados internacionais.

Em Portugal a actividade de «courier» pratica-se indirectamente através de agentes de companhias do ramo, mas a única que se encontra directamente estabelecida no país é a norte-americana DHL, que instalou um escritório em Lisboa, em 1982. A DHL lidera actualmente o mercado mundial de «courier» e conta com mais de 700 escritórios em 163 paises e 11 mil colaboradores.

Segundo foi anunciado na passada semana, em Lisboa, a filial portuguesa da DHL vai estabelecer dentro de dias uma ligação aèrea diária entre o Porto e Lisboa, que encaminhará as encomendas provenientes de toda a região Norte, por forma a seguirem para o estrangeiro no próprio dia em que são recolhidas. O sistema baseia-se na recolha das encomendas feita pela própria companhia junto dos seus clientes, que contratam o serviço telefonicamente, e na sua entrega pessoal junto do destinatário, em qualquer uma de 45 mil localidades de todo o mundo.

O transporte é efectuado através de uma frota privada, automóvel e aèrea, que inclui alguns boeings, e através de estafetas («couriers») que diariamente utilizam 200 vôos de carreiras regulares em 120 companhias de aviação.

Em 1987 a DHL propõe-se incrementar fortemente a sua actividade em Portugal e, segundo do seu director comercial, Américo Fernandes, concluiu no mês passado a instalação de uma rede de computadores, que permite a informatização de todas as operações e orçou em mais de 25 mil contos. Através deste sistema torna-se possível, entre outras coisas, conhecer imediatamente a hora a que a encomenda foi entregue e o nome da pessoa que a recebeu em qualquer dos destinos possíveis. Recentemente, a DHL instalou igualmente uma rede própria de comunicações, via rádio, que liga todos os estafetas da empresa aos centros de operações de Lisboa e do Porto.

Este ano ainda, a DHL deverá lançar em Portugal um sistema de transmissão electrónica de documentos, que recorrerá à tecnologia laser e aos serviços de satélites de telecomunicações. Este novo serviço permitirá a a transmissão instantânea de documentos e a sua entrega, em poucas horas, nas principais cidades europeias.

Bolsa movimentou em Janeiro acima de seis milhões de contos

As transacções na Bolsa de Valores de Lisboa atingiram em Janeiro o valor recorde de 6,13 milhões de contos, superando o máximo anterior, de 4,14 milhões, alcançado em Dezembro de 1986, revelam dados da instituição ontem divulgados.

O valor atingido em Janeiro ficou a dever-se muito ao interesse vestidores estrangeiros na compra de títulos cotados em Lisboa, adquirindo especialmente papéis da Celulose do Caima, da Inapa, Marconi, CISF e Sonae.

O interesse destes investidores estrangeiros resultou na subida das cotações dos papéis daquelas empresas. No início da semana passada as acções da Celulose do Caima cotavam-se a 94 000 escudos, subindo para 95 500 escudos.

Fontes da Bolsa de Lisboa garantiram que as empresas estrangeiras, que estão a comprar através de fundos de investimento e pensões, estão a fazer uma aposta a médio prazo no mercado da capital portuguesa sem qualquer objectivo especulativo.

O montante de acções negociadas atingiu o valor de 1,825 milhões de contos (545 201 títulos), no mercado oficial, e 1,965 milhões de contos (464 837 títulos), no mercado não-oficial (acções e cautelas de acções).

O mercado de obrigações atingiu um montante de 1,549 milhões de contos (1 083 681 títulos), o de títulos de participação 12,2 mil contos (8420), o de cautelas de títulos de participação 167,8 mil contos (142 070) e o de cautelas de obrigações 642,5 mil contos (86 379).

Bélgica emite moeda em ECU's

A Bélgica vai emitir em 25 de Março moedas de ECU para simbolizar a integração monetária europeia, foi ontem anunciado em Bruxelas.

O Banco Nacional belga vai proceder à emissão de moedas em ouro e em prata com o valor facial de 20 e 100 ECU's para comemorar o trigésimo aniversário da criação do Mercado Comum Europeu.

O ministro belga das Finanças, Mark Eyskens, qualificou a emissão das moedas como «um acto político de valor simbólico para tornar mais concreta a ideia de integração monetária europeia».

Uma das faces das moedas ostentará a efígie do Imperador Carlos V que mandou cunhar uma moeda no ano de 1520 que era válida na maior parte dos países europeus.

A outra face ostentará um círculo com 12 estrelas em representação dos 12 estados comunitários.

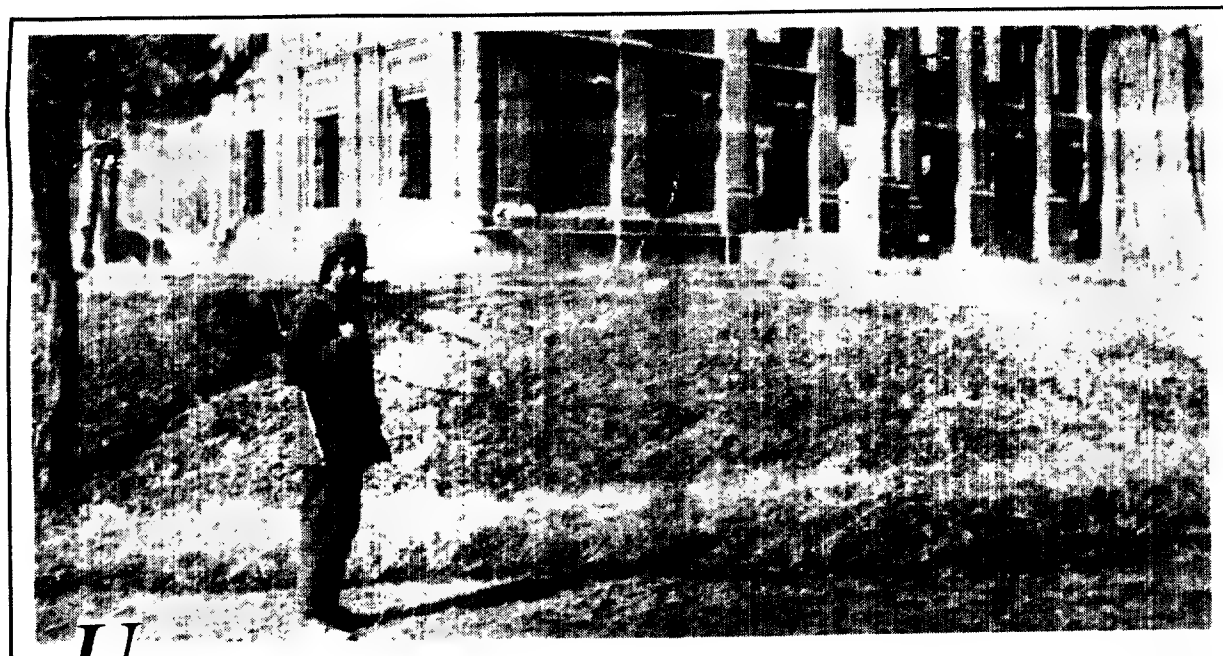
COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	53$50	59$50
ALEMANHA FED. (marco)	76$75	77$85
ÁUSTRIA (xelim)	10$85	11$05
BÉLGICA (franco)	3$498	3$748
BRASIL (cruzado)	3$800	6$300
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	104$35	106$85
(notas de 5 a 1000)	104$85	107$35
DINAMARCA (coroa)	20$25	20$65
ESPANHA (peseta)	1$051	1$171
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	138$25	141$75
(notas de 5 a 1000)	138$75	142$25
FINLÂNDIA (marka)	30$55	31$15
FRANÇA (franco)	22$95	23$65
HOLANDA (florim)	67$95	69$05
IRLANDA (libra)	205$00	209$00
ITÁLIA (lira)	$098	$113
JAPÃO (iene)	$865	$920
NORUEGA (coroa)	19$85	20$35
REINO UNIDO (libra)	212$15	216$65
SUÉCIA (coroa)	21$40	21$90
SUÍÇA (franco)	90$90	92$40
VENEZUELA (bolívar)	5$25	6$25

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.



Um soldado afegão em frente das ruínas duma mansão de férias da família real localizada a 20 quilómetros de Cabul. A guerrilha islâmica do Afeganistão anunciou ter atacado uma base aérea com centenas de rockets e destruído sete aparelhos. Foi o maior ataque reivindicado pela guerrilha desde que no dia 15 de Janeiro o governo de Cabul proclamou um cessar-fogo unilateral.

Um jornal suiço publicou uma fotomontagem do Papa a segurar uma embalagem de preservativos numa imagem concebida por uma empresa de publicidade para encorajar as pessoas a praticarem sexo sem riscos. O jornal «Blick», na sua edição de domingo, afirma que a fotografia do Papa não pretende insultar ninguém mas sim levar as pessoas e evitar contrair SIDA. A fotomontagem mostra o pontifice a sorrir, com uma embalagem de preservativis na mão, e a legenda: «O Quinto Mandamento: Não Matarás». O jornal cita os dois homens de uma empresa de publicidade de Basileia que conceberam a montagem, afirmando: ««O nosso anúncio destina-se a alertar aquelas pessoas que ainda acreditam que a SIDA, entendida como um castigo de Deus, afectará apenas «certas pessoas».

Um grupo ecologista, com máscaras e fatos e manifestação contra a poluição causada pelo tráfego Ontem, as autoridades da cidade declararam um «alar proibiram a circulação automóvel na antiga capital ale

Mortalidade infantil elevada nos EUA

Os Estados Unidos ocupam o último lugar entre os 20 países mais industrializados do mundo relativamente à diminuição da mortalidade infantil, revelou ontem o Fundo de Defesa das Crianças (CDF). A Finlândia, Islândia e Japão contavam entre 1980 e 1985 com a mais baxa taxa de mortalidade infantil do mundo. A Suécia situava-se em quarto lugar, enquanto a Dinamarca, Holanda, Noruega e Suiça se encontravam em quinto lugar e o Canadá, França, e Luxemburgo em nono. Segundo o relatório do Fundo de Defesa das Crianças, a Bélgica, Alemanha Federal e Estados Unidos ocupavam o último lugar. Nos EUA- revela o relatório- cerca de 40.000 dos 3,7 milhões de bébés nascidos em 1984 morreram antes do primeiro ano de vidfa, o que equivale a uma taxa de 10,8 mortes infantis por 1000 nados vivos.

« Um dos factores principais que distinge os Estados Unidos dos outros países industrializados que conseguiram diminuir com maior rapidez a taxa de mortalidade infantil deve-se ao facto destas nações assegurarem melhores serviços de maternidade», refere o relatório.

« De todos os países industrializados, os Estados Unidos têm um serviço pré-natal mais deficiente», acrescenta o estudo. O documento salienta ainda que outra razão para este insucesso se relaciona com a taxa de de mortalidade de bébés negros que atinge quase do dobro da taxa de mortalidade de recém-nascidos brancos. Em Portugal, de acordo com estatísticas fornecidas pelo Banco Mundial, a taxa de mortalidade infantil no primeiro ano de vida passou de 58 por cada 1000 nados vivos em 1970 para 25 por 1000 em 1983.

Ajudas externas: o exemplo de Cabo Verde

Cabo Verde deveria ser exemplo para outros países africanos que recebem auxílios económicos, declarou Pierre Damiba, director para África do Prgrama das Nações Unidas para o Desenvolvimento, ao semanário italiano «Panorama». No seu último número, aquele jornal publicou uma reportagem intitulada « Pobres Mas Espertos», cujo tema é a utilização por Cabo Verde dos auxílios económicos dos países desenvolvidos. Segundo o seu autor, Álvaro Ranzoni, «no resto de África, só metade, ou mesmo apenas 20 por cento, dos auxílios chega às populações locais», enquanto « em Cabo Verde a percentagem é de 100 por cento». « Nenhuma corrupção, uma burocracia ágil e um uso inteligente dos fundos e programas de cooperação» é a explicacão dada pelo director do PNUD.

« Os auxílios podem levar ao caos e mesmo sufocar os que o recebem», afirma, por seu turno, o primeiro-ministro cabo-verdiano, Pedro Pires. « São dezenas de países dadores, de agências mundiais, de organizações de voluntários, centenas de projectos variados, que muitas vezes colidem uns com os outros», prossegue Pedro Pires, para quem a razão da utilização integral dos recursos por Cabo Verde deve-se ao facto do seu governo «ter tentado harmonizar esse grande afluxo com os planos de desenvolvimento».

Novo coração artificial

Cientistas alemães federais construiram um novo tipo de coração artificial que não apresenta as desvantagens dos que são actualmente usados, anunciaram ontem investigadores do Instituto Frauenhofer. O princípio deste novo coração artificial é bastante simples: em vez de tentarem copiar o coração humano, como se tem feito nos corações artificiais em uso, a equipa alemã construiu um «orgão» completamente novo. O segredo está em terem desenvolvido uma «bomba de sangue» que não o expulsa sob pressão em sacudidelas intermitentes.

Ataque ao Líbano em perspectiva?

ESTADOS UNIDOS REFORÇAM PRESEN NO MEDITERRÂNEO ORIENTAL

Os Estados Unidos intensificaram ontem a sua posição no Mediterrâneo Oriental, anunciou o Departamento de Defesa em Washington. Esta medida é tomada numa altura em que as milícias islâmicas libanesas têm repetidamente advertido que está iminente um ataque dos Estados Unidos ao Líbano, nomeadamente a Beirute, onde foram sequestrados alguns cidadãos norte-americanos.

O porta-helicópteros «Saipan» e o porta-aviões « John F. Kennedy», liderando uma frota de mais dez navios, juntaram-se ao porta-aviões «Nimitz», em patrulha naquela zona do Mediterrâneo. O grupo do «Saipan» transporta 1.900 soldados de infantaria e mergulhadores e dispõe de pelo menos 30 helicópteros.

Enquanto isto, chegaram à base naval hispano-norte-americana de Rota (Cadiz), no sul de Espanha, três navios do grupo anfíbio da sexta esquadra dos Estados Unidos, incluindo o porta-helicópteros «Inchon» de 18.300 toneladas, e o navio de assalto «Nashville», de 17.000 toneladas. O «Incoh» e o «Nashville» podem transportar, respectivamente, 2.000 e 1.000 fuzileiros, com todo o seu equipamento.

Incialmente, estas unidades iriam substituir outras integradas na sexta esquadra, mas fontes militares espanholas revelaram que essa operação foi cancelada, pelo que duplicou na prática o potencial bélico do grupo anfíbio norte-americano no Mediterrâneo.

As milícias islâmicas libanesas têm repetidamente advertido, nos últimos tempos, que está iminente um ataque dos Estados Unidos ao Líbano, nomeadamente a Beirute, onde foram sequestrados alguns cidadãos norte-americanos.

Os radicais islâmicos avisaram já que executarão os reféns em seu poder, caso não sejam satisfeitas as suas exigências, ou se verifique un ataque norte-americano.

Em mensagens entregues a orgãos de comunicação social em Beirute, as milicias islâmicas exigiram que Israel liberte centenas de palestinianos detidos nas suas cadeias.

Entretanto, o ministro li-

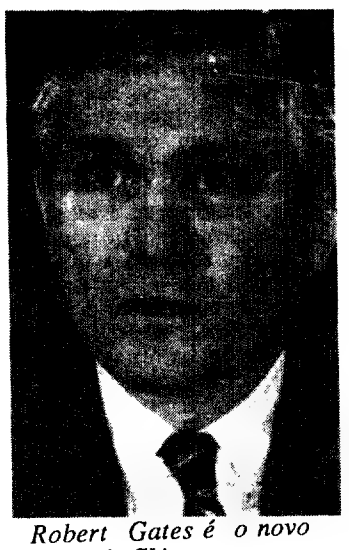
Director da CIA substituído pelo adjunto Robert Gates

William Casey, o director da CIA que se encontra em recuperação de uma operação a um tumor cerebral, demitiu-se ontem e será substituído pelo seu adjunto, Robert Gates, que trabalha há vinte anos naquela agência.

Segundo a Casa Branca - que revelou a demissão de Casey - Robert Gates é um veterano dos serviços secretos norte-americanos.

O porta-voz presidencial Marlin Fitzwater salientou que «foi Casey quem tomou a decisão de se demitir», acrescentando que, logo que possa regressar ao trabalho, será nomeado conselheiro presidencial. Casey é amigo de longa data do Presidente Ronald Reagan.

A demissão de Casey ocorre numa altura em que se põem muitas questões acerca do papel desempenhado pelos homens da CIA na venda clandestina dse armas norte-americanas ao Irão.



Robert Gates é o novo director da CIA

Alguns membros do Congresso insistem que a CIA não respeitou as leis respeitantes ao seu funcionamento, que determinam que os serviços secretos se afastem deste tipo de negócios.

Fitzwater declarou que o estado de saúde de Casey continua a progredir lentamente.

O seu sucessor entrou para a CIA em 1966 como analista dos serviços de informação, tendo ocupadoi interinamente o cargo de director a partir de 18 de Dezembro, data em que Casey sofreu um ataque cerebral.

A nomeação de Gates tem de ser aprovada pelo Senado.

O porta-voz presidencial disse ainda que Casey tinha enviado uma carta a Reagan pedindo a sua demissão, a que o Presidente respondeu que aceitava «com relutância e profundo desgosto».

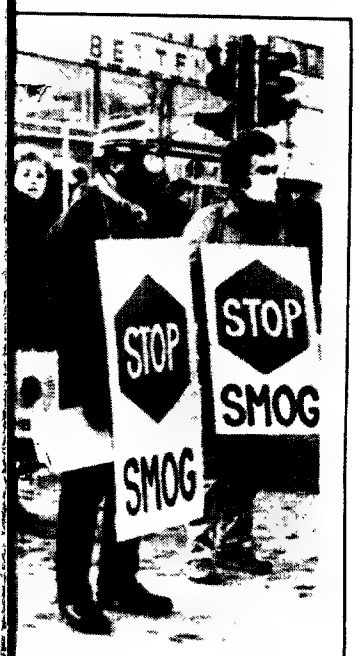
Situação em é de calma t

A situação na cidade de Melila, enclave espanhol em Marrocos, é de normalidade tensa, não havendo a registar qualquer incidente de importância, depois dos violentos distúrbios do dim-de-semana. As ruas são patrulhadas por militares, fortemente armados.

Os comerciantes muçulmanos, seguidores de Mohamedi Dudu, não abriram as suas lojas, atendendo a um pedido de um auto-denominado comité coordenador do povo marroquino de Melila.

Na parte cristã da cidade tudo corre normalmente. Os comerciantes abriram as lojas e os estudantes foram às aulas.

Hoje, apenas um grupo de uns 200 muçulmanos tentou concentrar-se diante do tribu-



os especiais, durante uma fego em Berlim Ocidental. alarme de primeiro grau» e alemã.

ENÇA

banês da Justiça e dirigente da milícia Xiita Amal, Nabih Berri disse que Terry Waite, enviado do arcebispo da Cantuária, foi «preso» pelos raptores de cidadaõs americanos. Berri salientou que o enviado do arcebispo «não foi raptado», mas não explicou a sua firmação.

Nabih Berri avisou também os Estados Unidos de que qualquer intervenção militar no Líbano pode causar a morte dos reféns.

Waite foi visto pela última vez a 20 de Janeiro quando saía do seu hotel em Beirute para um encontro com os xiitas

Melila

tensa

l, para exigir a libertação os 27 elementos que tinham ido detidos na sequência dos ncidentes.

O grupo dispersou-se pacifiamente, depois das adverências da Polícia, que foi reforçada com 150 novos gentes.

Os muçulmanos detidos duante o fim-de-semana poderão er acusados de se terem amoinado - informou o juiz José Maria Trevino, que está a prearar o respectivo processo.

A comunicade islâmica desta idade reivindicada por Marrocos recusa-se a ser considerada strangeira pelas autoridades spanholas que a governam e ão admite que apenas os criãos tenham aqui o direito à dadania.

URSS: resistência às reformas

Comité Central "esquece" voto secreto proposto por Gorbachev

Dominique Dhombres
Le Monde/«DL»

Terá o Comité Cental liquidado discretamente a proposta apresentada por Gorbachev no sentido dos dirigentes regionais e locais do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) passarem a ser eleitos por voto secreto e de haver mais que um candidato por cada cargo? Seja qual for a resposta, a verdade é que ao fim de dois dias a reunião do CC terminava sem ter nada ter sido decidido a este respeito.

A resolução de 23 páginas adoptada pelo Comité Central «esquece», com efeito, a proposta de Gorbachev, que fora acolhida com surpresa em todo o mundo. O cenário daí resultante é um pouco surrealista, mas ilustra de um modo exemplar a seguinte evidência: a Nomenklatura não se importa com as fantasdias de um secretário-geral desde que elas não se relacionem directamente com a sua segurança de emprego e «status» social. O projecto de Gorbachev não foi oficialmente abandonado, mas aparentemente o seu destino é a «prateleira».

O plenário do Comité Central foi, por outro lado, ocasião para uma nova mexida de quadros. Dinmoukhamed Kounaev, ex-lider do partido no Cazaquistão, foi demitido, sem explicações inúteis, do Politburo, agora reduzido a onze elementos. Mikhail Zimianine, cuja carreira se inciou sob a protecção de Béria, o chefe da polícia secreta de Staline, abandonou o Secretariado do CC.

Nikolai Sliounkov foi, por seu lado, chamado a integrar este organismo do partido, mantendo-se como membro suplente do Politburo, e deverá agora abandonar as suas funções de responsável do partido na Bielorússia. Alexandre Iakovlev, responsável no Secretariado pela Propaganda, passou também a membro suplente do Politburo. Finalmente, Anatolie Loukianov, que ocupava já um posto chave no CC, uma vez que todos os documentos oficiais passavam pelos seus serviços no «departamento geral», subiu ao secretariado.

A resolução votada na quarta-feira passada constitui na aparência um resumo fiel do discurso lido por Mikhail Gorbachev na véspera. No entanto, ela fica muito aquém deste, nomeadamente no que respeita ao tema «democratização». É verdade que o Comité Central fez sua a análise sombria do secretário-geral sobre a sociedade soviética, bem como as críticas por ele feitas contra o imobilismo no tempo de Brejnev, mas omitiu todas as referências ao «autoritarismo» stalinista.

O plenário reconheceu que «no final dos anos 70, princípios de 80, o nosso país perdeu o ritmo deenvolvimento» e evocou «o afrouxamento da disciplina, o aumento do alcoolismo e da corrupção». O CC sublinhou, à imagem de Gorbachev, a necessidade de se renovar os quadros « a todos os níveis, começando pelo Comité Central e o governo» para assegurar um «fluxo permanente de sangue fresco» de modo a que «o processo de renovação não seja mais interrompido». Ou seja, concluiu pela necessidade de impedir a todo o custo a repetição da estagnação característica da era brejnevia-na...

É, contudo, estranho que o plenário não tivesse retomado explicitamente esse ponto essencial da proposta de Gorbachev que era a eleição por voto secreto, e entre vários candidatos, dos dirigentes do partido. A resolução contenta-se em evocar de um modo vago a necessidade de «alargar a democracia e aperfeiçoar o mecanismo de formações dos orgãos elegiveis no seio do partido. A prática do candidato único parece não ter ainda os seus dias contados. Gorbachev não tinha, contudo, proposto que esta fosse abandonada no que respeita aos membros do Comité Central ou...ao secretário-geral.

O número das candidaturas

O plenário foi menos rigido no que respeita aos orgãos eleitos do Estado, cujo poder como se sabe é mais fictício do que real. « É necessário reduzir o formalismo da apresentação de candidatos aos Sovites e permitir a todos eleitores uma verdadeira expressão através de um número maior de candidaturas», afirma-se na resolução. Ironicamente, o «número» que aí se propõe tornar maior é o «1», uma vez que até agora nunca houve mais do que um só candidato por circunscrição aos Sovietes locais ou ao Soviet Supremo.

Mesmo neste âmbito o Comité Central não foi nem muito afirmativo, nem sequer muito claro. Na verdade, não se pronunciou pela existência de múltiplas candidaturas nas eleições locais e regionais. Se for correcta a nossa interpretação, então o CC terá apensa sugerido que, durante os «meetings» que todos os quinquénios são realizados nas fábricas e bairros, o partido, em vez de apresentar apenas um candidato, já escolhido previamente, avançará com vários. Mas nada garante a existência de vários nomes nos boletins de voto. Se, durante estes «meetings», os trabalhadores optarem mais uma vez pela sua já costumeira unanimidade, então nada será feito. Mas em primeiro lugar será necessário convencer os candidatos potencais a entrarem num jogo completamente insólito na URSS. Qual o soviético que de ânimo leve aceitará entrar numa competição na qual se arrisca a ser humilhado em público? Não é impunemente que se mantem durante 60 anos o poder absoluto de um partido para em seguida se pedir aos cidadãos que corram eles os riscos. A primeira pergunta que cada um deles fará é a de quem será o favorito do partido. E todo o processo depende desta postura inicial.

O plenário aprovou ainda um ante-projecto sobre a economia estatal, que deverá ser submetido à «discussão» em todo o país e apresentado na «conferência nacional» do partido anunciada para 1988. Este texto é ainda confidencial, mas integra cláusulas que, em nome da «autogestão», apontam para a possibilidade de eleição dos directores de empresas e de outros responsévis. « É importante compreender que a elegibilidade dos quadros dirigentes das empresas não só não anula, como até reforça, o princípio da direcção única», precisa a resolução.

Três promoções

No que respeita ao movimento de quadros, anunciado quarta-feira, ressalta o facto de os três promovidos terem diferentes protectores: Sliounkov, de 57 anos, é um homem do primeiro-ministro, Ryjkov, com quem já trabalhou no Comité Estatal de Planificação e que no Secretariado do partido tomara em maõs os dossiers económicos e talvez os da indústria de defesa. Loukianov, responsável do Departamento-Geral do CC, é um homem próximo de Lagatchev (o número 2 do Politburo).

Finalmente, Yakovlev, 63 anos, é, sem dúvida, um homem de Gorbachev. A sua polémica no passado com os nacionalistas «russos» valeu-lhe a reputação, entre os meios intelectuais, de ter uma atitude «trotskysta» no que respeita ao problema das nacionalidades.

A saída inglória de Kounaev era já esperada. Este cazakh e velho amigo de Brejnev, que nos últimos tempos foi acusado de corrupção e favoritismo, tinha sido afastado, em Dezembro passado, do seu cardo de primeiro secretário do partido no Cazaquistão, o que deu origem a dois dias de confrontos em Alma-Ata. Aos 75 anos e sem quaisquer agradecimentos oficiais, Kounaev abandonou o Politburo «para se reformar».

Zimianine foi melhor tratado: partiu aos 72 anos por «razões de saúde». Descoberto por Béria, Zimianine fez grande parte da sua carreira na diplomacia e é conhecido pelo ódio patente nos ataques sistemáticos contra os intelectuais inconformistas em geral e os filósofos, em particular.

24 HORAS

Inundações na URSS e Peru

Vinte e oito pessoas morreram em inundações e mais de seis mil ficaram desalojadas devido a chuvas torrenciais e à neve derretida que alagaram vastas regiões da Geórgia - anunciou a agência soviética TASS. O jornal «Izvestia» noticiou que alguns rios da Geórgia chegaram a subir cinco metros acima do seu nível normal, arrastando pontes à passagem. Também no Peru morreram pelo menos 43 pessoas e 20 foram dadas como desaparecidas devido a grandes chuvadas na zona dos Andes, perto de Oxapampa, anunciaram funcionários da defesa civil. As águas dos rios San Luís e Yamaquijo também transbordaram, alagando as zonas circundantes.

África do Sul multirracial

O presidente da Organização anti-apartheid sul-africana Congress Nacional Africano (ANC), Oliver Tambo, defendeu em Los Angeles a institucionalização de uma sociedade multirracial da África do Sul.Tambo, que dirigente o ANC há 20 anos, disse que a sua organização não cortará os laços que actualmente detém com os países socialistas, «que até ao momento têm sido os mais fortes aliados do ANC». Tambo, que falava numa conferência de Imprensa em Los Angeles, no âmbito da sua visita aos EUA, reafirmou a insurreição armada da sua organização contra o regime de Pretória, até que a África do Sul termine as suas actividades contra o ANC e os Estados da Linha da Frente.

Dissidência política na [illegible]

A actual campanha chinesa contra a ideologia anti-socialista limita-se estritamente às fileiras do Partido Comunista e não afectará a política económica nem os intelectuais fora do partido - refere a Imprensa de Pequim. Os jornais mais importantes incluem comentários na primeira página em que reafirmam a intenção dos líderes chineses de lutarem contra os dissidentes políticos, mas salientam que a actual campanha não se tornará um movimento político. A actual luta contra a liberalização burguesa limita-se ao PC e está a sere conduzida principalmente na área da ideologia política - referem os comentários.

Estudantes espanhóis

O ministro espanhol da Educação, José Maria Maravall, conferenciou com os representantes das organizações de estudantes do ensino médio, promotoras das recentes manifestações estudantis em Espanha, para negociar as suas reivindicações, mas não houve acordo. Os participantes na reunião, a segunda desde que o ministro decidiu negociar pessoalmente com os estudantes e que se prolongou por cinco horas, decidiram voltar a reunir-se amanhã para continuarem as negociações.Entretanto o Sindicato dos Estudantes organizou uma masnifestação para quinta-feira, cuja convocatória está pendente do resultado das negociações de amanhã.

Guerra Irão-Iraque

Um míssil terra-terra iraniano atingiu esta manhã Bagdad, disseram testemunhas. Trata-se do oitavo míssil a cair na capital iraquiana.Residentes disseram que o míssil causou uma forte explosão que foi ouvida num raio de vários quilómetros. Os vidros das janelas ficaram partidos num raio de dois quilómetros, disseram as mesmas fontes. Muitas pessoas subiram para os andares superiores das suas casas, para ver a zona do atentado. As autoridades não deram informações sobre o número de vítimas provocado pelos mísseis que antes atingiram Bagdad, mas disseram que as explosões mataram ou feriram um número indeterminado de civis.

Peste suína africana

Cerca de mil porcos foram abatidos na Estremadura espanhola por estarem afectados pela peste suína africana, informaram fontes do Governo regional espanhol. Os proprietários das quatro explorações ganadeiras que tiveram de sacrificar os seus animais foram indemnizados em 12 milhões de pesetas.

MUDANÇAS NA UNIÃO SOVIÉTICA SÃO DOMINADAS PELA DEMOCRACIA EM TODOS OS PLANOS

Transparência é a tónica geral das mudanças há dias anunciadas pelo secretário-geral do PC soviético, Mikhail Gorbachev, conforme sublinhou em conferência de Imprensa o embaixador da URSS em Lisboa, Valentin Vdovine. Trata-se, segundo palavras do próprio chefe do executivo soviético, na sessão plenária do Comité Central do PCUS, realizada no passado dia 27 de Janeiro, de uma «viragem radical» dominada pela democraticidade em todos os sectores da sociedade soviética. Porque, etende-o Gorbachev, «a democracia não é uma palavra de ordem, mas o ponto crucial» em que deve assentar toda a reorganização em curso na pátria de Lenine.

As mudanças decididas,porque resultaram de um processo de amadurecimento no seio de todas as camadas da sociedade soviética e da análise dos erros do passado, passam,segundo Vdovine, pela alteração dos pontos de vista e dos hábitos, para que não fiquem «à margem da essência da vida».

O sector económico e a gestão socialista são os pontos decisivos da reorganização, concedendo-se ao sector cooperativo e à auto-gestão a importância que lhe compete numa sociedade verdadeiramente socialista.

No plano político, coloca-se na ordem do dia o «aprofundamento da democracia no sistema eleitoral», para que sejam os próprios trabalhadores a propor e a eleger os seus dirigentes em todos os sectores. Para isso, impõe uma lei que corrija o sistema eleitoral. Essa lei, segundo Gorbachev proposto por Vdovine, terá de ser divulgada antes da sua entrada em vigor, a fim de possibilitar o seu «exame» público, no sentido de corresponder aos reais anseios de todas as camadas da população.

No âmbito da reorganização e reciclagem dos quadros do partido, dá-se especial relevo aos «direitos e responsabilidades» dos dirigentes, porque a mudança deve partir de «cima». A este propósito, Gorbachev sublinhou: «É preciso garantir a cada membro do CC o direito de levantar questões nos plenários, asim como de participar de forma criativa nos debates colectivos». E ainda: «No partido, e ainda mais nos plenários do CC, não pode haver pessoas que não estejam sujeitas à crítica, nem pessoas privadas do direito de criticar».

Mas as medidas «moralizadoras» propostas por Gorbachev e aprovadas pelo plenário do CC do PCUS estendem-se praticamente a todos os sectores da vida soviética, não se esquecendo os jovens, que segundo o projecto de reorganizacão em curso, deverão ser incentivados e responsabilizados, para que no futuro as mudanças se alicercem «em convicções firmes».

As transformações decididas são encaradas como um desafio do presente e um imperativo de sobrevivência no futuro. Para Mikhail Gorbachev, «o mundo inteiro está de olhos postos no povo soviético». A este propósito, o dirigente soviético interroga-se: «Conseguiremos ou não vencer e responder dignamente ao desafio lançado ao socialismo?» E conclui que não há «outro caminho» e que a resposta nado pode ser «adiada».

A essência das transformações

Os embaixador da URSS em Lisboa, ao abordar as decisões tomadas pelo Comité Central do Partido Comunista soviético, frisou que elas são ditadas por «uma estratégia cientificamente fundamentada do desenvolvimento acelerado», como aliás o próprio Gorbachev referiu no seu discurso.

Com esta reorganização da vida soviética pretende-se superar os «processos de estagnação», destruir o «mecanismo de travagem» e substituí-lo por um outro «seguro e eficaz de desenvolvimento sócio-económico acelerado».

Assim, a reorganização visa, em primeiro lugar, o apoio da «actividade criadora das massas, o desenvolvimento multilateral da democracia, da autogestão socialista, o incentivo da iniciativa e da actividade diligente, o reforço da disciplina e da ordem, a ampliação da transparência no trabalho, da crítica e da autocrítica em todas as esferas da vidade da sociedade». Em suma, «um grande respeito pelo valor e pela dignidade da personalidade».

O embaixador da URSS, Valentin Vdovin, durante a conferência de Imprensa em que revelou as decisões recentemente tomadas pelo plenário do PC soviético.

No domínicio económico, ela visa «o restabelecimento e o desenvolvimento dos princípios leninistas do centralismo democrático na gestão da economia nacional, a implantação em toda a parte dos métodos económicos de gestão, a renúncia ao comando e ao administrativo», garantindo a adopcção em todos os elos da economia «dos princípios de plena autogestão financeira e de novas formas de organização do trabalho e da produção, o incentivo da iniciativa inovadora e do espírito empreendedor socialista».

Também no campo da ciência, segundo Gorbachev, a reeorganização «é uma viragem decisiva», consubstanciando-se numa cooperação entre a ciência e a prática», com o fim de alcançar «os máximos resultados finais».

No domínio social, as mudanças encaminham-se no sentido de satisfazer cada vez mais e de uma forma plena «as necessidades dos soviéticos em boas condições de trabalho, de vida, de descanso, de ensino e de assistência médica. E, disse-o Gorbachev «um desvelo constante para com a riqueza espiritual e a cultura de cada homem e da sociedade em conjunto». É ainda «uma capacidade de coordenar a resolução dos problemas globais e essenciais da vida da sociedade com a solução das questões correntes que preocupam as pessoas».

Por outro lado, a reorganização da vida soviética passa pela «eliminação enérgica das deturpações da moral socialista e a materialização consequente dos princípios da justiça social: a unidade entre as palavras e os actos, entre os direitos e os deveres», para um engrandecimento «do trabalho honesto e de alta qualidade» e a superação «das tendências niveladoras na sua remuneração, das tendências consumistas».

Segundo Vdovine, o objectivo das mudanças na União Soviética «é claro» e pode resumir-se com as seguintes palavras de Mikhail Gorbachev: «renovar profundamente todas as esferas da vida do país, fazer com que o socialismo adquira formas mais modernas de organização social, revelar mais plenamente o carácter humanista do nosso sistema em todos os seus aspectos: económico, sócio-político e moral».

COMUNICAÇÃO

Director-Geral da BBC: uma demissão com "história"

Alasdair Milne, 56 anos, demitiu-se das funções de director-geral da BBC. Num breve comunicado, Milne evoca unicamente «razões pessoais». Sabe-se, na verdade, que a sua mulher está gravemente doente, embora outros motivos devam estar subjacentes à retirada. Em meios da oposição britânica suspeita-se da existência de «pressões» mais ou menos directas da parte do gabinete da senhora Thatcher e do Partido Conservador, às quais Milne se opôs frequentemente.

O líder do Partido Trabalhista, fazendo o elogio do demissionário, anunciou, ao mesmo tempo, que iria pedir «explicações». Os deputados trabalhistas adoptaram, na mesma ocasião, uma moção exigindo que o Governo se abstenha de qualquer «ingerência» na designação do sucessor de Milne. A senhora Thatcher já respondeu dizendo que a BBC é «totalmente independente» e que o director geral só depende do presidente da empresa.

Para além de tudo isto, sublinha-se que Milne, apesar de diversas tomadas de posição destinadas a defender a independência da BBC, tinha perdido a confiança de uma parte do pessoal, particularmente da Redacção, e que isto tinha contribuido para tornar a sua missão cada vez mais difícil.

A senhora Thatcher, ninguém o ignora, não aprecia grandemente a BBC, e não apenas devido ao facto do financiamento deste estabelecimento público, através de subsídios, não corresponder às suas opções económicas. Numerosos eleitores conservadores, sobretudo os mais à direita, consideram que a Informação, e muitos outros programas, refectem uma tendência «demasiado à esquerda».

Em 1984, os subsídios foram severamente limitados pelo Governo, o director-geral foi obrigado a fazer severos cortes no seu orçamento e a reduzir os efectivos de certos serviços, medidas que lhe valeram a hostilidade dos sindicatos.

O ano passado, uma crise de certas dimensões eclodiu quando, sob intervenção do ministro do Interior, o presidente da BBC anulou a difusão de um documentário televisivo que incluia o retrato de um suposto dirigente do IRA. Protestando contra esta «censura», o pessoal entrou em greve. Milne conseguiu o apaziguamente, mostrando claramente que desaprovava a interdição — murmura-se que, já nessa altura, teria ameaçado com a demissão. O programa foi para o ar, mas Milne impôs alguns retoques e esta concessão retirou-lhe o apoio da maioria dos jornalistas, que havia cerrado fileiras em seu redor.

Em 1986, uma comissão encarregada de reconsiderar o futuro da BBC publicou as suas recomendações, que ficaram aquém das expectativas do Governo, mas também de Milne. A introdução da publicidade foi reieitada.

Alguns dias mais tarde, Norman Tebbit, presidente do partido no poder, membro do gabinete e conselheiro próximo da senhora Thatcher, acentuou a ofensiva produzindo um relatório detalhado denunciando a «parcialidade» dos jornais televisivos da BBC na altura do «raid» aéreo norte-americano contra a Líbia, em Abril.

A resposta de Milne foi suficientemente dura, mas não chegou para dissipar o mal-estar.

Duas freiras filipinas lêm o jornal enquanto guardam urnas com boletins de votos.

Filipinas

Nova Constituição tem o "Sim" de 80 por cento do eleitorado

Os filipinos deram ontem á presidente Corazon Aquino um apoio esmagador, com 80 por cento do eleitorado, segundo os escrutinadores, a aprovar uma nova Constituição na qual ela tem jogado o seu futuro político, já que lhe garante um mandato presidencial de seis anos. Referindo-se ao referendo, Cory Aquino afirmou que foi «uma admirável manifestação de democracia».

Quatro em cada cinco votantes aprovaram a nova Constituição e mais de 80 por cento dos eleitores inscritos votou no plesbicito de ontem.

O «Movimento Nacional de Cidadãos para Eleições Livres», um grupo independente, disse que quase 4, 6 milhões de um total de 5, 7 milhões de votos contados até agora aprovavam a nova Constituição, enquanto 1,1 milhões a rejeitavam. Votaram cerca de 20 milhões de pessoas.

A contagem de votos é feita mais lentamente pela Comissão de Eleições, um orgão oficial, que está a escrutinar os votos das muitas ilhas que fazem parte do arquipélago filipino.

O antigo ministro da Defesa Juan Ponce Enrile, afastado em Novembro passado por Aquino, afirmou que «aceitava o veredicto do povo». Enrile, afastado do governo na sequência de rumores de uma temtativa de golpe de Estado, tem criticado a política da presidente e desenvolveu uma campanha activa contra a nova Constituição.

Observadores em Manila afirmaram, entretanto, que os militares parecem ter lançado uma nuvem sobre o plebiscito. Fontes militares disseram que uma elevada percentagem de votos negativos dominava os resultados preliminares nas Forças Armadas em Manila. As mesmas fontes acrescentaram que estes resultados reflectem o descontentamento das Forças Armadas com a política de Aquino de conciliação com os comunistas.

Pronunciando-se sobre os resultados do referendo, o antigo ditador Ferdinand Marcos disse que este constituiu «um dos últimos golpes» de Aquino contra a democracia.

Por seu lado, o primeiro-ministro japonês, Yasuhiro Nakasone, deu a sua «benção» à presidente filipina e disse aos jornalistas que a situação nas Filipionas » vai estabilizar-se».

PONTA ESQUERDA

Mário Soares recebe o Benfica

O Presidente da República recebe hoje pelas 16 horas, uma delegação do Sport Lisboa e Benfica, composta por membros dos seus órgãos sociais e pelos jogadores que integram a comitiva que amanhã à noite parte para Angola, onde irá disputar um torneio internacional com o FC Porto, Petro de Luanda e Vasco da Gama do Rio de Janeiro.

Saltillo: nada de novo

A assembleia geral extraordinária do Sindicato Nacional dos Jogadores de Futebol, reunida ontem em Lisboa, pronunciou-se favoravelmente sobre uma proposta da direcção no sentido do aumento das quotizações e da criação da figura do sócio honorário.

A reunião não teve, porém, carácter deliberativo, o qual apenas será assumido por uma nova assembleia geral extraordinária, que terá lugar na cidade do Porto no próximo dia 9 do corrente e dirigida especialmente aos associados do Norte, aos quais serão transmitidas as conclusões do encontro de Lisboa.

O presidente da mesa da assembleia geral do sindicato, o futebolista do Benfica Shéu Han disse que, no período de antes da ordem do dia, os associados presentes abordaram alguns assuntos de interesse para a classe.

«Em relação a Saltillo — afirmou Shéu —, o Sindicato dos Futebolistas Profissionais está na mesma posição que a opinião pública do País conhece: aguarda serenamente a divulgação dos resultados do inquérito oficial, para em seguida tomar posição e actuar em conformidade.»

Faro: árbitros precisam-se

O Conselho de Arbitragem da Associação de Futebol de Faro vai promover um curso de candidatos a árbitros de futebol, cujo início está previsto para o dia 2 de Março.

De acordo com aquele organismo, o curso está aberto a indivíduos de nacionalidade portuguesa com idades compreendidas entre os 18 e os 33 anos e que residam na região algarvia.

A iniciativa tem por objectivo a ampliação do quadro de árbitros da AFF de competições promovidas pela associação.

FIFA vende direitos televisivos dos próximos três mundiais

A Federação Internacional de Futebol (FIFA) vai vender os direitos de transmissão televisiva dos mundiais de futebol de 1990 (Itália), 1994 e 1998 por um recorde de 340 milhões de francos suíços (cerca de 31 milhões de contos).

O contrato foi estabelecido entre a FIFA e um consórcio internacional, devendo o acto de assinatura realizar-se no dia 9 de Março, em Zurique.

A comercialização dos direitos televisivos para os três mundiais (1990, 1994 e 1998), supera em larga escala os 49 milhões de francos suíços (cerca de 4,5 milhões de contos) paga pela transmissão dos jogos do último mundial, no México.

O porta-voz da FIFA, Guido Tognoni, declarou que a transmissão dos 52 jogos do mundial no México foram comercializados a baixo preço, ou seja a 1 milhão de francos suíços (perto de 91 milhões de escudos) por jogo.

Pfaff: mais dois anos no Bayern

O guarda-redes da selecção belga, Jean-Marie Pfaff, renovou por dois anos o seu contrato com o Bayern de Munique, campeão alemão-federal de futebol, tendo ambas as partes guardado sigilo absoluto sobre as condições do contrato, que termina em 30 de Junho de 1989.

Pfaff, de 33 anos, representa o Bayern de Munique desde 1982, ano em que se transferiu do Beveren, da Bélgica, para o clube bávaro, por uma quantia de 400 000 dólares (cerca de 52 000 contos).

Maradona sofre castigo

Diego Maradona foi castigado com um jogo de suspensão em virtude de ter insultado o árbitro do jogo entre a Fiorentina e a sua equipa, o Nápoles, a contar para o campeonato italiano de futebol.

A Comissão Disciplinar entendeu que Maradona proferiu palavras injuriosas contra o árbitro, tendo na notificação declarado que «como capitão de equipa o jogador deve dar o exemplo e respeitar as decisões do juiz da partida».

Violência no Olímpico de Roma

Oito feridos e cinco pessoas detidas é o balanço dos confrontos violentos entre adeptos do Roma e do Atalanta no final do jogo que após aquelas duas equipas para o campeonato italiano.

Os adeptos rivais começaram por lançar garrafas e pedras uns conta os outros antes de a polícia intervir e deter alguns dos implicados.

DL DESPORTO

Esta noite, nas Antas

O REGRESSO DO "PEQUENO GENIAL"

Chalana: o estilo para portistas verem

Mais de dois anos depois de ter abandonado os relvados portugueses ao serviço do Benfica, Chalana volta hoje a actuar para o público português, mas agora vestindo a camisola do Bordéus.

Este encontro de carácter particular entre o vencedor da Taça de França e os bicampeões nacionais, faz parte de um programa de jogos que o Bordéus está a efectuar como preparação para o campeonato do seu país.

Para o público português, o encontro reveste-se de uma expectativa muito grande já que é a primeira vez que o ex-internacional do Benfica actua nos relvados portugueses depois da sua passagem para o clube francês.

Tal como afirmou o presidente do FC Porto (Pinto da Costa) «o encontro só é possível porque o Bordéus, tendo em atenção tudo o que o clube fez pelo seu atleta recuperando-o para o futebol, baixou significativamente o 'cachet' que costuma cobrar em jogos particulares».

Sendo assim e em vésperas da partida da equipa do FC Porto para Angola, onde disputará um torneio quadrangular integrado nas comemorações do X aniversário da empresa Sonangol, vai ser possível aos amantes do futebol ver em acção alguns nomes sonantes tal como Giresse e Tigana, entre outros.

Selecção prepara-se

Mário Jorge, com sintomas de gripe, e Manuel Fernandes, tocado num pé, são os únicos jogadores que não se apresentaram a 100 por cento no estágio da selecção nacional de futebol, ontem iniciado em Braga.

A equipa teve durante a tarde uma primeira sessão de trabalho no pavilhão municipal Flávio Leite, sob a orientação de Juca, o qual referiu que a importância do encontro de amanhã frente à Bélgica reside na possibilidade de serem ensaiados novos esquemas tácticos para o jogo de 14 de Fevereiro, frente à Itália.

Interrogado sobre a presença de Álvaro entre os convocados, Juca manifestou-se satisfeito com o regresso à equipa das quinas do defesa benfiquista, acrescentando que ele só agora foi convocado, depois de abandonar o grupo de Saltillo, por apenas actualmente se encontrar no apuro de forma que justifica a convocação.

Televisão: sim ou não?

Parece ainda em fase de negociações, a transmissão pela RTP, do encontro de amanhã entre Portugal e a Bélgica, a realizar no Estádio 1.º de Maio em Braga pelas 20.30 horas, já que segundo o dirigente da Associação de Futebol de Braga (Renato Feio) ainda não existe acordo financeiro entre aquele organismo e a RTP.

Associação de Treinadores apoia Raul Águas

Manifestando total inconformismo com a severa punição que lhe foi aplicada (seis meses de suspensão) pelo Conselho de Disciplina da FPF, o treinador flaviense Raul Águas avistou-se com o presidente da sua associação de classe (Henrique Calisto) no sentido de reclamar apoio jurídico no recurso que irá apresentar. Naturalmente que o presidente da Associação Nacional de Treinadores logo se colocou ao lado do colega e, prontamente, o caso foi entregue ao jurista Roque Lino que se ocupará das formalidades legais para interpor o correspondente recurso.

Vítor Oliveira: O senhor que se segue?

Dirigentes, associados e adeptos do Portimonense têm vindo a mostrar algum descontentamento e compreensível desencanto pela produção da sua equipa de futebol no campeonato em curso, e o «0-5» ocorrido no Restelo estará na origem de uma reunião que terá lugar durante o dia de hoje, sendo previsível que Vítor Oliveira venha a ser o 8.º técnico «despedido» do ano, tanto mais que, ao que consta, terá colocado o lugar ao dispor do executivo.

Futebol de salão

Prossegue a intensa actividade de futebol de salão por iniciativa da Associação de Futebol de Salão de Lisboa

1.ª Divisão (14.ª Jornada): Clube Infante Sagres, 1 - CCD St.ª Eulália, 3; Ass. Mor. Freixieiro, 4 - Lasa Desportiva / Filasa, 3; GD «Os Académicos», 4 — Crecor, 0; Ass. Mor. Carvalhido, 4 - TCR / Arsol, 5; CD Marítimo Olhanense, 2 - CCD o Sol Nasce Para Todos, 2; Ciclo Clube de Lagos, 4 - RC Dragões, 3; Europeia, 4 - Palácio FC, 1; GD Páteo Alfacinha, 3 - Santa Cruz FC, 1; GDB /Aiwa, 10 — GD Ismailitas, 4; Movelmoda, 2 - GD Quintinha, 1.

1.ª Divisão (15.ª Jornada): Clube Infante Sagres, 4 - Lasa Desportiva / Filasa, 6; Ass. Mor. Freixieiro, 4 - CCD St.ª Eulália, 6; GD «Os Académicos», 3 - TCR / Arsol, 1; Ass. Mor. Carvalhido, 7 - Crecor, 1; CD Marítimo Olhanense, 8 -RC Dragões, 5; Ciclo Clube Lagos, 1 - CCD O Sol Nasce Para Todos, 3; GD Páteo Alfacinha, 3 - Palácio FC, 1; Europeia, 2 - Santa Cruz FC, 0; GDB / Aiwa, 11 - GD Quintinha, 2; Movelmoda, 6 - GD Ismailitas, 2.

Classificação

	J	V	E	D	P
«Os Académicos»	13	11	1	1	23
GDB/Aiwa	13	11	0	2	22
Europeia	13	10	2	1	22
Movelmoda	13	10	1	2	21
P. Alfacinha	13	9	1	3	19
GD Quintinha	13	9	0	4	18
St.ª Eulália	13	8	2	3	18
TCR/Arsol	13	7	2	4	16
Palácio FC	13	5	3	5	13
Olhanense	13	5	3	5	13
Dragões	13	5	1	7	11
O Sol N.P.T.	13	3	4	6	10
CC Lagos	13	4	2	7	10
St.ª Cruz	13	4	1	8	9
Freixieiro	13	3	3	7	9
CI Sagres	13	2	3	8	7
Lasa Desp.	13	3	0	10	6
Ismailitas	13	2	1	10	5
Carvalhido	13	1	2	10	4
Crecor	13	1	2	10	4

Sorteio da "Taça de Portugal"

Sorte afasta-se dos fracos

Realizou-se ontem, nas instalações do Centro de Medicina Desportiva, o sorteio para os oitavos-de-final da Taça de Portugal, cuja eliminatória está marcada para 8 de Março próxim[illegible] no caso de haver lugar a de[illegible]pates estes terão lugar no d[illegible] do mesmo mês.

Mais uma vez o sorteio ca[illegible]chou em prejudicar os mais m[illegible]destos e de menores potencialidades, colocando-os frente aos «poderosos» e com a particularidade de serem visitantes. A excepção coube ao SC Covilhã a quem caberá ser visitado pelo FC Porto.

Entre equipas do primeiro escalão apenas um confronto que coloca no mesmo palco o Farense e o Rio Ave. Veja-se o quadro:

Entre equipas da I Divisão: Farense - Rio Ave; **Entre equipas das I e II Divisões:** Benfica - Torreense, V. Guimarães - Silves, Sporting - Esp. Lagos, Covilhã - FC Porto e Olhanense - Chaves; **Entre equipas das I e III Divisões:** Portimonense - Ermesinde e Boavista - Torralta.

«Nacional» de Juniores

O sorteio do Nacional de Juniores deu o seguinte calendário:

1.ª jornada — Zona Norte: Boavista - Sporting de Braga, União de Coimbra - Famalicão e Beira Mar - FC Porto. Zona Sul: Torralta - Barreirense, Nazarenos ou União de Leiria - Benfica e Académica - Sporting. **2.ª jornada** — Zona Norte: Sporting de Braga - União de Coimbra, FC Porto - Boavista e Famalicão Beira Mar. Zona Sul: Barreirense - Nazarenos ou União de Leiria, Sporting - Torralta e Benfica - Académica. **3.ª jornada** — Zona Norte: Beira Mar - Sporting de Braga, União de Coimbra - Boavista e FC Porto - Famalicão. Zona Sul: Académica - Barreirense, Nazarenos ou União de Leiria - Torralta e Sporting - Benfica. 4.ª jornada — Zona Norte: Sporting de Braga - Famalicão, Boavista - Beira Mar e União de Coimbra - FC Porto. Zona Sul: Barreirense - Benfica, Torralta - Académica e Nazarenos ou União de Leiria - Sporting.

A primeira jornada realiza-se no domingo; terminando esta fase em 26 de Abril.

Benfica: terceira coluna vai avançar?

Realiza-se amanhã, [illegible]o Alfacinha, em Lisboa, um encontro entre Marcel de Al[illegible]ida (que estará acompanhado por alguns dos seus apoiantes às próximas eleições do Benfica) e os representantes da Comunicação Social, durante a qual se espera a definição do posicionamento daquele conhecido empresário quanto à sua disponibilidade em entrar no confronto com Fernando Martins e Cavaleiro Madeira ao lugar cimeiro do executivo benfiquista.

Segundo fonte próxima de Marcel de Almeida, admite-se que este venha a integrar uma lista de candidatura mas não no lugar de presidente que será confiado a outra figura relevante do clube.

Sabemos, também, de que entre os contestatários a Fernando Martins e não aderentes a Cavaleiro Madeira, se contam entre outros o dr. Juiz Adriano Afonso, Ferreira Queimado, Gaspar Ramos, José Gomes Machado, Ilídio Trindade, Gilberto Cardoso constando ainda que Roberto Gulbenkian poderá integrar o elenco desta «terceira coluna»

Dínamo de Bucareste na Luz

As conversações entre os dirigentes do Benfica e os seus homólogos do Dínamo de Bucareste chegaram a bom termo relativamente à visita daquele clube a Lisboa no próximo dia 15 para um encontro a realizar no estádio benfiquista. Fernando Martins e seus pares do executivo, procuram, deste modo, manter os futebolistas em actividade durante o interregno do campeonato nacional até 22 do corrente.

Seabrinhas requisitados

As direcções do FC Porto e do SL Benfica, considerando a importância do torneio internacional de Luanda, em que terão como parceiros o Petro de Luanda e o Vasco da Gama do Rio de Janeiro e desejando fazer-se representar por todos os seus principais atletas, solicitaram à Federação Portuguesa de Futebol a dispensa dos futebolistas convocados para o confronto de amanhã com a Bélgica. O «DL» contactou esta manhã com César Grácio (secretário-geral da FPF) que confirmou o pedido, informando-nos de que o mesmo está sendo analisado pela direcção e membros do Gabinete Técnico, sem que até ao momento tenha sido tomada qualquer decisão.

Carlos Castilho: suicídio

Carlos José Castilho, que integrou a selecção do Brasil de futebol nos «mundiais» de 1950, 1954, 1958 e 1962, suicidou-se ontem atirando-se de um sexto andar, do luxuoso apartamento que possuia nos arredores do Rio de Janeiro.

Castilho (59 anos) encontrava-se numa fase de «depressão profunda», revelaram membros da sua família.

Recorde-se que aquele ex-futebolista era técnico de uma equipa dos Emiratos Arabes, estando actualmente no Brasil a gozar um período de férias.

Tubarões perturbam regata

As tripulações das embarcações participantes na regata Taça da América foram avisados de que grupos de tubarões estão a seguir a rota dos barcos.

«Não sabemos o que está a atrair os tubarões» — disse um oficial da prova, acrescentando que muitos tubarões foram avistados não só pelos marinheiros como também pelo pessoal dos aviões que acompanham a competição. «Trata-se na maior parte de tubarões-martelo, mas um tubarão é sempre um tubarão» - adiantou.

Basquetebol: a crise é da arbitragem

A maioria esmagadora dos jogos do «nacional» de basquetebol dos escalões de formação (14/15 anos) estão a ser apitados por «curiosos» que se oferecem à última da hora em virtude da falta de árbitros.

A revelação foi feita por Aurélio da Cruz, secretário permanente da Associação de Basquetebol de Lisboa, que classificou de «preocupante» a situação criada com a falta de árbitros.

«Quando há jogos simultâneos nos diversos «nacionais» de seniores, juniores e escalões de formação não há árbitros que cheguem, pelo que quem sofre mais são os jovens» — frisou aquele responsável.

Segundo aquele dirigente quando não há árbitro num jogo de juvenis recruta-se um seccionista, um espectador ou mesmo um jogador de uma equipa para apitar a partida. «A solução não é a ideal porque cria sempre desconfiança nos espectadores, que não estão habituados a ver um estranho a arbitrar os jogos» — disse Aurélio da Cruz, que lamentou o facto de as pessoas não enveredarem mais pela arbitragem. «Actualmente está a decorrer um curso de árbitros e oficiais de mesa que pode ajudar a superar o problema» — disse aquele dirigente, acrescentando que já foi preciso fazer deslocar um árbitro de Évora para apitar um jogo de juvenis em Queluz.

Sobre as remunerações e compensações dadas aos árbitros, Aurélio da Cruz disse que um árbitro recebe mais de mil escudos por apitar um jogo da divisão honra, tendo ainda ajudas de custo e subsídios de deslocação e alimentação. «Os árbitros escolhidos para apitar jogos do escalão de formação recebem cerca de 500 escudos, o que pode ser considerado insuficiente para o trabalho desempenhado» — reconheceu.

Taça de Portugal

Sporting-Benfica e Illiabum-FC Porto são os encontros das meias-finais da Taça de Portugal em basquetebol cujo sorteio se efectuou ontem na sede federativa.

A data dos jogos está ainda por deinir entre os próximos dias 21 e 22.

Após a conquista do "Europeu"

Meninas do Sameiro já pensam no "bis"

A treinadora do Sporting de Braga (Maria do Sameiro Araújo) afirmou à chegada a Lisboa que a conquista do título de campeã da Europa de corta-mato é o ponto de partida para a sua revalidação.

Para a técnica do Sporting de Braga torna-se necessário pensar na edição de 1988 da Taça dos Clubes Campeões Europeus de corta-mato em termos de «revalidação do título pois com um trabalho sério ela está ao nosso alcance».

A equipa bracarense arrecadou a sua primeira vitória no europeu de corta-mato após dois anos consecutivos como vice-campeã.

Apesar do Sporting de Braga ter preferência na organização da próxima edição do «europeu» de corta-mato, Maria Sameiro referiu ser muito pouco provável que tal venha a acontecer pois «existem candidaturas muito fortes como a do País de Gales, França e Turquia».

Albertina Machado com um 4.º lugar e Conceição Ferreira em 6.º da geral contribuíram de forma decisiva para a conquista do troféu.

Alegria triunfante com taça no bornal

Mamede: «Fui realmente batido»

Enquanto o Braga à terceira tentativa conquistava o título, o Sporting Clube de Portugal, no sector masculino, interrompia um reinado de seis anos como campeão ao ser «ultrapassado» pela equipa italiana Pro Patria, onde se destacava o atleta Alberto Cova. **«Foram melhor que nós»** comentou o técnico da equipa leonina, Moniz Pereira. Apesar do desaire da equipa leonina, Moniz Pereira qualificou a actuação dos gémeos Castro de «excepcional» — segunda e terceira posições respectivamente.

Dionísio Castro revelou que a desistência de Fernando Mamede **«desmoralizou um pouco as pessoas»**. «Ainda tentei puxar pelos meus colegas de equipa mas não foi possível» adiantou Dionísio Castro para o qual foi «óptimo» o 3.º lugar na linha de chegada.

Quanto a Domingos Castro **«após a desistência de Mamede fiz a minha corrida pois sabia que já não era possível o título».**

Fernando Mamede, que desistiu ao quinto quilómetro, reconhece a sua derrota afirmando **«Fui realmente batido».**

Acácio na Volta a Andaluzia

Acácio da Silva classificou-se em 15.º lugar no prólogo da Volta à Andaluzia em Bicicleta, disputada na distância de 4,3 quilómetros, em Almeria.

O prólogo foi ganho pelo espanhol Jesus Blanco, da Teka, em 5 minutos e 08,81 segundos, à média de 49,456 quilómetros-/hora, enquanto Acácio da Silva cobriu a distância no tempo de 5.26,55. Em 2.º lugar ficou o alemão-federal Rolf Golz, da equipa holandesa Superconfex, cronometrado em 5.18,02, e o 3.º classificado foi o belga Marc Somers, da Dormilon, com 5.18,46.

Bibliografia desportiva

Desporto e sociedade

De quando em vez, a Direcção-Geral dos Desportos remete-nos alguns dos exemplares que vão constituindo a antologia de textos subordinada ao genérico «Desporto e Sociedade». Aconteceu agora com os n.ºs 26 a 30 e, ainda, 32 e 33. Títulos e assuntos diversificados: «As leis de foot-ball em verso» (autor: Zé Maria), «Museu alemão do desporto em Colónia» (Manfred Lammer), «Actividades de lazer e de desporto para todos em abordagens de rede e de baixo custo» (Lamartine Pereira da Costa), «O ruído das actividades de lazer» (Alan D. Wallis), «Parecer sobre direito desportivo das Federações» (Procuradoria-Geral da República) e «A tarifação dos serviços recreativos municipais: os fundamentos teóricos» (Jean-Guy Lachance).

Por quinze tostões, Zé Maria (José Maria Ferreira) apresentava, em Abril de 1920, as 17 leis do futebol explicadas em verso, num pequenino opúsculo que tinha perfácio do poeta Silva Tavares e patrocínio da Casa Vítor Gonçalves, Ldª, que pertencia ao «internacional» do Benfica que foi pai do general Vasco Gonçalves, primeiro-ministro de Governos após o 25 de Abril.

Manfred Lammer faz acudir à nossa memória a visita feita ao Museu do Desporto (em Colónia) durante larga digressão na RFA que o governo germânico proporcionou ao enviado especial do «Diário de Lisboa» e foi objecto de uma série de crónicas há poucos anos. Lamartine Pereira da Costa faz uma revisão da teoria e da prática que rodeiam o rápido processo de transição que o desporto experimenta nos dias actuais, com a crescente importância do lazer e das actividades físicas. Quanto a Alan Wallis, especialista da medida da poluição sonora, evoca alguns aspectos fisiológicos e psicológicos e um malefício social intolerável e indica como nos devemos proteger, individual e colectivamente, do ruído excessivo de certas actividades de lazer: desde os desportos com motor aos clubes de tiro, dos «walkman» que tapam os ouvidos dos apaixonados pela música «rock» aos sons que se despedem das discotecas. E termina com o urgente apelo: é forçoso limitar o nível sonoro para protegermos as nossas vidas.

Por último, Jean-Guy Lachance esboça **«um quadro teórico que deveria servir de base, de fundamento na elaboração de qualquer política de tarifação no âmbito do lazer»**. Sintetizando: aplausos para a DGD pela continuidade de uma iniciativa que tem João Boaventura como coordenador de edições.

COMUNA TEATRO DE PESQUISA
PRAÇA DE ESPANHA · T. 726 08 18
TERÇA A SABADO AS 21,30 H
TEXTO DE ROGER VITRAC
2.º mês
«VICTOR» ou as crianças no poder
DOMINGO 17 H
*VEJA TEATRO A PREÇOS REDUZIDOS
*TERÇA *QUARTA *E QUINTA
PREÇO UNICO: * 200.00
APOIO - F. GULBENKIAN · A. FRANCAISE
SUB S.E.C.
BRAZ E BRAZ * SECLA – FAIANÇA * R. COMERCIAL

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
17.º JUÍZO
ANÚNCIO

Processo N.º 3541
2.ª Secção

O DOUTOR ANTÓNIO CORREIA DE ABRANCHES MARTINS: JUIZ DE DIREITO DA COMARCA DE LISBOA: 17.º JUÍZO CÍVEL, DESTA SECÇÃO.

Faz saber que pela 2.ª Secção do 17.º Juízo Cível de Lisboa, correm éditos, de trinta dias, que começarão a contar da segunda e última publicação do anúncio, citando a ré VIA CONSTRUTORA, CONSTRUÇÃO E MONTAGENS, LDA: com a última morada conhecida em Rua Rodrigo da Fonseca, 52-1.º Esq. em Lisboa, actualmente ausente em parte incerta, para no prazo de 10 dias, findos os de éditos, contestar, querendo a Acção Sumária n.º 3541, que lhe move a Autora EURORREVE — SOCIEDADE DE COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES, LDA, com sede na Rua Buenos Aires, n.º 7 c/v-A, em Lisboa, sob pena de poder vir a ser condenada no pedido, conforme tudo melhor consta no duplicado da petição inicial, que fica à sua ordem, nesta secretaria.

Lisboa, 15 de Janeiro de 1987

O Juiz de Direito
a) António Correia de Abranches Martins

A Escriturária
a) Constança Milagre Pena

«DL» 3/2/87 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

4.º JUÍZO

ANÚNCIO

O DOUTOR JOSÉ DAVID PIMENTEL MARCOS, JUIZ DE DIREITO DA PRIMEIRA SECÇÃO DE PROCESSOS DO QUARTO JUÍZO CÍVEL DE LISBOA

FAZ SABER que por este tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação do respectivo anúncio, citando os herdeiros incertos do falecido MANUEL PEREIRA DA CUNHA, solteiro, maior e que foi residente na Rua Escola do Exército, n.º 26 - 2.º Dt.º, em Lisboa, para no prazo de 20 dias, findo o dos éditos, contestarem, querendo, a Acção Ordinária n.º 3138, que lhes move a autora, Romana da Conceição Pais, residente na morada supra indicada, na qual a autora pede que lhe seja reconhecido o direito a haver alimentos de herança, como tudo melhor consta da petição inicial, cujo duplicado se encontra à sua disposição nesta Secretaria Judicial

Lisboa, 22 de Janeiro de 1987

O Juiz de Direito,
(Ilegível)

O Escrivão Adjunto,
(Ilegível)

«DL» 3/2/87 – 1.ª Pub.

E P

	T. 6 h	Min.	Prec. Às 13 h.
	1	1	0,0 Nevoeiro
	6	5	0,0 Pouco nub.
	5	5	0,0 Limpo
	6	6	0,0 Pouco nub.
	–	–	– –
	8	8	0,0 Muito nub.
	10	10	0,0 Limpo
	–	–	– –
	7	7	0,0 Muito nub.
	10	10	0,0 Encoberto
	8	8	0,0 Neblina
	9	8	0,0 Muito nub.
	11	11	0,0 Chuva
	14	13	0,0 Pouco nub.
	13	12	0,0 Muito nub.
	15	14	0,0 Pouco nub.

... para hoje: Lisboa 15, Porto 14, ...da 17, Funchal 19.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

N E

	T. 7 h	Min.	Às 13 h.
	5	4	Nevoeiro
	4	3	Nevoeiro
	2	1	Nevoeiro
	3	2	Chuvisco
	0	–	Bruma
	0	-2	Neblina
	1	1	Neblina
	-5	-6	Neblina
	-3	-2	Neblina
	-5	-2	Pouco nub.
	-8	-8	Neblina
	-6	-7	Bruma
	-13	-14	Limpo
	8	8	Muito nub.
	-11	-12	Neblina

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

N M

	Min.	Máx.	Às 13 h.
	–	–	—
	18	29	Limpo
	9	24	Nublado
	-12	-6	Neve
	10	24	Limpo
	-3	3	Nublado
	22	36	Nublado
	8	16	Nublado
	19	30	Nublado
	-1	3	Neve

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

TEMPO

HOJE

No continente:
Céu geralmente muito nublado, apresentando boas abertas a partir da tarde nas regiões Norte e Centro. Vento moderado de sul tornando-se fraco no quadrante leste. Aguaceiros, que poderão ser de neve na serra da Estrela e que diminuirão gradualmente de frequência nas regiões Norte e Centro. Possibilidade de trovoadas.
Estado do mar:
Costa Ocidental: **Mar de pequena vaga a cavado, tornando-se encrespado a partir da tarde. Ondulação oeste de 3 a 4 metros tornando-se gradualmente noroeste de 4 a 5 metros.**
Costa Sul: **Mar de pequena vaga a cavado, tornando-se encrespado a partir da tarde. Ondulação sudoeste de 2 metros no barlavento e 1 a 2 metros no sotavento.**
Nos Açores:
Grupo Ocidental: Céu muito nublado. Vento moderado de sudoeste e soprando forte durante a madrugada e manhã. Períodos de chuva. Grupo Central e Oriental. Períodos de céu muito nublado. Vento de norte, rodando para sudoeste moderado, no Grupo Central. Períodos de chuva no Grupo Central a partir da tarde.
Estado do mar: **Mar cavado ou alteroso. Ondulação de noroeste de quatro a seis metros. Grupo Central e Oriental. Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação de noroeste de quatro e seis metros.**
Na Madeira:
Períodos de céu muito nublado. Vento moderado a forte, de norte. Aguaceiros. nas encostas virada a norte.
Estado do mar: **Mar cavado a alteroso. Ondulação de noroeste de quatro a cinco metros na costa Norte e ondulação de sudoeste de um a dois metros na costa Sul.**

AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco a moderado do quadrante norte. Possibilidade de aguaceiros. Pequena descida da temperatura.

DEPOIS

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco a moderado de leste. Possibilidade de aguáceiros nas regiões do Sul.

MARÉS

Hoje

Praia-Mar		Baixa-Mar	
6.20	4,2 m	.. ..	.. ..
18.43	3,8 m	12.09	1,2 m

Amanhã

7.02	3,9 m	0.19	1,4 m
19.26	3,6 m	12.51	1,5 m

● Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

VASCO WELLENKAMP: COREÓGRAFO HÁ 10 ANOS

Vasco Wellenkamp é há 10 anos o coreógrafo residente do Ballet Gulbenkian, mas com um outro olhar, hoje, sobre a dança: não procuro já o novo pelo novo, uso todas as linguagens. Com 45 anos de idade e 26 de carreira como bailarino (começou no Verde Gaio, com Margarida de Abreu e Fernando Lima), Vasco Wellenkamp, nascido em Lisboa, recusa definir-se dentro desta ou daquela corrente estética, deste ou daquele estilo de coreografia.

«O meu trabalho depende daquilo que me inspira. A música é, evidentemente, a linha de força. Preciso de gostar dela, em primeiro lugar. Depois vou para o estúdio com o ritmo na cabeça. É ali, com os bailarinos, que começa a verdadeira pesquisa» – explicou.

Como exemplo, citou o bailado «exsultate jubilate» com coreografia sua, estreado recentemente pelo Ballet Gulbenkian, um «bailado festivo e alegre porque baseado num trecho musical de Mozart que tem essas características. Não podia fazer um bailado dramático a partir daquela música».

Depois da música, podem ser os bailarinos a fonte de inspiração para o coreógrafo: «a frescura e características individuais de cada um sugerem, por vezes, movimentos e até novas linguagens».

«Os bailarinos precisam de ser inteligentes e sensíveis. Vão evoluindo nos seus movimentos e acompanhando a criatividade do coreógrafo. Às vezes encontram por eles próprios coisas muito bonitas. À medida que o trabalho avança, vou sentindo a necessidade do que é preciso a seguir.»

«As ideias coreográficas – explica – vão-se organizando segundo as suas regras próprias, tal como se organizam as ideias em literatura.»

Wellenkamp afirma ser capaz de se socorrer, no seu trabalho, de outras artes ou técnicas, como o teatro e os efeitos plásticos, mas «só na medida em que eles forem absolutamente necessários ao essencial que é a dança».

A dança tem que passar essencialmente pela dança – sublinha.

O facto de ser português influenciou Vasco Wellenkamp, que considera o arquétipo «lírico» dos portugueses algo de «muito forte e inevitavelmente presente em todas as formas de arte e no bailado também».

Os nossos defeitos...

Os portugueses, enquanto criadores têm também defeitos característicos. O maior de todos é, para Wellenkamp, o «de não sabermos olhar para nós e valorizar o que temos de bom».

«Não duvidamos de Carlos Lopes ou do Benfica, porque os sucessos deles são quantificados em marcas e golos. Mas quando se trata de coisas subjectivas, de cultura, de valores individuais, pomo-nos sempre em questão. Somos muito provincianos nesse aspecto» considerou.

Outro defeito dos portugueses consiste em «serem caóticos e desorganizados. A dança ou se faz com disciplina e método ou não se faz».

Disciplina e método foram ensinados aos bailarinos da Fundação Gulbenkian pelos melhores professores e coreógrafos ao longo de 20 anos.

«A regularidade e as condições de trabalho que a instituição proporcionou deu os seus frutos, como não podia deixar de ser. O resultado é uma companhia com bailarinos do melhor nível e coreografias que não envergonham ninguém», afirmou.

Ao longo destes 20 anos, o Ballet Gulbenkian passou do semiamadorismo para o profissionalismo e, finalmente, para uma nova estética conseguida a partir dos coreógrafos da casa.

Com entusiasmo, Wellenkamp falou das qualidades necessárias a um bailarino, não só disciplina e método, mas também «grande espírito de sacrifício e um esforço físico semelhante àquele que se exige dos atletas de alta competição».

Um bailarino dança uma média de seis horas por dia «e não pode viver sem isso. O seu corpo ressente-se se parar mesmo que sejam dois dias».

Esse treino, feito ao espelho, é necessário «porque um bailarino está sempre a vencer etapas do seu corpo, ultrapassando dificuldades, lutando contra limitações».

«Consegue-o a pouco e pouco, mês a mês, ano a ano, trabalhando e suando. De início, o corpo de um bailarino é totalmente diferente daquilo em que consegue torná-lo. Para mim, os corpos dos bailarinos são os mais belos, os que têm uma postura mais elegante.»

Agora é muito diferente

«Nenhuma tecnologia nova pode ajudar-nos. Esta profissão é daquelas que exigirá sempre professores e assentará sempre na tradição oral», disse Wellenkamp.

Apesar de as bases serem as mesmas desde há 100 anos — esforço físico, sacrifício, força de vontade — o bailado nos nossos dias «é muito diferente do bailado no princípio do século: é preciso aliar ao talento uma grande capacidade técnica, ultrapassada que está a época em que se cultivavam todas as excentricidades das vedetas».

Para o coreógrafo, «hoje há maior verdade. Muitos dos grandes nomes do passado não tinham hipóteses de ser conhecidos actualmente.

«Veja, o mundo está pejado de Nijinskys, no sentido em que muitos bailarinos obscuros dominam técnicas incomparavelmente superiores à dele. Isadora Duncan, por exemplo, era limitadíssima do ponto de vista técnico.» O violento esforço físico exigido a um bailarino leva a que a sua carreira termine por volta dos 40 anos: «Problemas na coluna, nos joelhos, e nas articulações em geral, aparecem mais cedo.

«A nossa resistência diminui muito. Eu já não consigo, como antes, passar um dia a transpirar de manhã à noite.»

Vasco Wallenkamp considerou uma «contrapartida» do treino diário ao espelho «um certo narcisismo muito comum entre os bailarinos» e que «é preciso saber controlar».

À parte isso, a dança é, na sua opinião, «uma boa escola para qualquer pessoa, já que desenvolve qualidades importantes, como o poder de concentração e coloca o esforço físico ao serviço da sensibilidade».

Público é receptivo

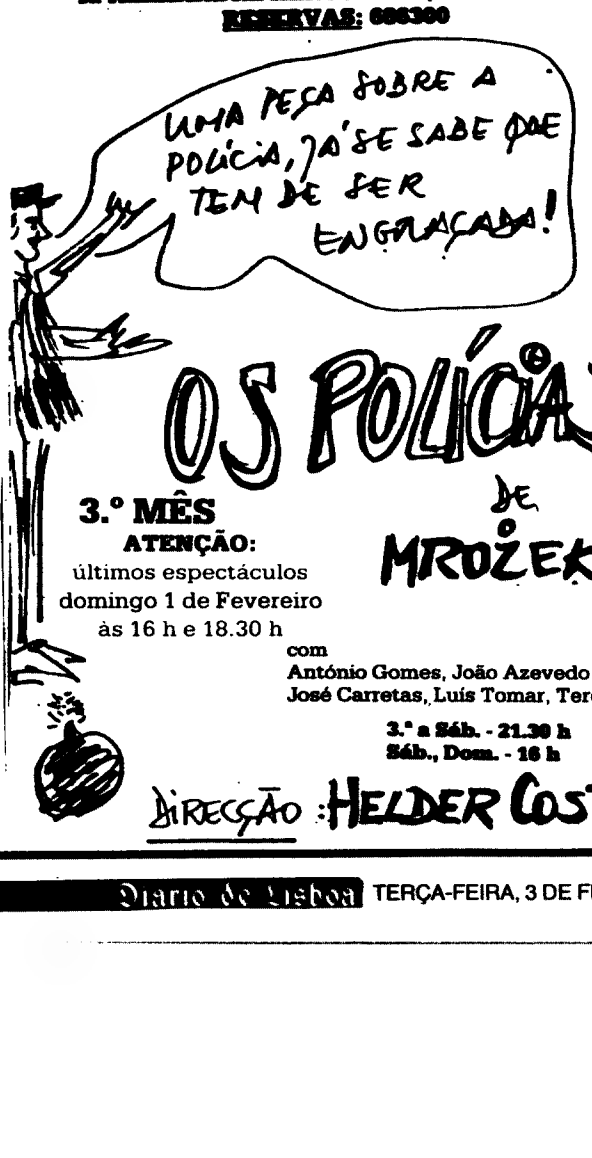
O público português de bailado, embora escasso, é, na opinião de Wellenkamp, «muito espontâneo e receptivo, com grande necessidade de abertura, de ver coisas novas».

«O público britânico é o contrário disto, extremamente conservador, com uma visão até colonialista. O acolhimento que fez ao Ballet Gulbenkian demonstrou-o. A crítica estabelecida, das grandes revistas de dança, não pôde deixar de considerar que a companhia tinha um bom nível artístico, mas foi extremamente irónica em relação aos bailados. Isto só porque vínhamos de Portugal, um País que, para eles, é subdesenvolvido», afirmou.

O décimo aniversário de permanência de Vasco Wallenkamp, como coreógrafo residente no Ballet Gulbenkian, foi assinalado com um programa preenchido por três bailados da sua autoria, um dos quais, «Exsultate Jubilate», em estreia absoluta.

As outras duas obras são reposições. Trata-se de «Danças para uma Guitarra», com música de Carlos Paredes, e «Antigas Vozes de Crianças», com música de George Crumb, sobre poemas de Garcia Lorca.

A BARRACA
R. ALEXANDRE HERCULANO, 70 — LISBOA
RESERVAS: 686300



OS POLÍCIAS DE MROŽEK

3.º MÊS
ATENÇÃO:
últimos espectáculos
domingo 1 de Fevereiro
às 16 h e 18.30 h

com
António Gomes, João Azevedo
José Carretas, Luís Tomar, Teresa Faria

3.ª a Sáb. - 21.30 h
Sáb., Dom. - 16 h

DIRECÇÃO: HELDER COSTA

TEATRO
VASCO SANTANA
Tel. 768609

TEATRO-ESTÚDIO de LISBOA
Em exibição de
3.ª a sábado às 21.30
Domingo às 16 horas.

ESTREIA DE

SYLVIA PLATH-
Quem a matou?

de BARRY KYLE
Trad. M.ª TERESA GUERREIRO
Dir. LUZIA MARIA MARTINS
Mont. FERNANDO FILIPE
INTÉRPRETES (ordem de entrada em cena)
CLARA JOANA * LUÍSA ORTIGOSO *
MANUEL MENDONÇA * MARIA DULCE

O TEATRO ESTÁ AQUECIDO

Sub. SEC

LETRA RASGADA

FERNAND BRAUDEL

Ernesto Sampaio

PARA Fernand Braudel, o grande historiador francês recentemente desaparecido, não há discontinuidade completa entre o passado, por mais remoto que seja, e o presente.

Tributário dos geógrafos franceses das primeiras décadas do nosso século, que inauguraram uma geografia humana de tipo novo, com profundas consequências nas ciências humanas em geral e na investigação história e particular, Braudel, através dos seus estudos sobre a paisagem agrária, a boa ou má fortuna das culturas com que os homens procuraram transformá-la, os climas, as doenças, as atitudes, os comportamentos, opera uma espécie de «transfert» da geografia humana à história económica e social.

Foram, por isso, relevantes acontecimentos culturais as publicações em versão portuguesa de obras como **O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na Época de Filipe II** (D. Quixote) ou os dois primeiros volumes da imponente trilogia **Civilização Material, Economia e Capitalismo** (Cosmos), onde assistimos à construção e desenvolvimento de um «modelo» assente em dois registos históricos: o da «civilização material» e o da «civilização económica». O primeiro registo desenha o mapa de uma espécie de geologia da história constituída pela vida material; é a zona da longa duração e da persistência «inercial», apenas aflorada por movimentos lentos próximos da velocidade-zero, «quase fora da história», que serve de alicerce e irriga através de mil meandros a totalidade do edifício histórico.

Neste plano situa-se o «quotidiano inconsciente», quase inerte, não económico, onde as personagens são os grandes números, as massas anónimas, os hábitos inveterados que recusam projectos, inovações, transformações. É o nível «biológico» da história, feito de pequenos acontecimentos, insignificantes se os considerarmos isoladamente, mas cuja repetição ao infinito forma o cimento e a estrutura da vida quotidiana, constituindo a série da longa duração.

O segundo registo fornece a estrutura temporal do modelo, reordena-lhe o material cronologicamente, estabelece a participação das diversas regiões no processo económico, com os seus ritmos, ora lentos, ora acelerados, marca-lhe o ritmo das pulsações, os tempos das expansões e das contracções. O teatro económico mundial readquire a sua ordem diacrónica, onde as personagens, em fila, recitam o papel que lhes coube, das economias de dominante urbana, como Veneza ou Amesterdão, às economias arcaicas, encerradas no repetitivo fluir das estações.

Sustentada por uma sábia arquitectura, construída com minúcias de ourives e uma atenção escrupulosa aos mais pequenos pormenores, a obra de Braudel consolida aquela história nova cujos fundadores foram Marc Bloch e Lucien Febvre. História «total», «à part entière», que renuncia à explicação monocausal, rejeita a parcelização do homem histórico em «homo oeconomicus», «religiosus», «politicus» e se constrói em estreita relação com as ciências sociais.

Para Braudel não existe história senão da globalidade; se se isola um sector não se consegue compreendê-lo verdadeiramente. Reside aí a inovação do seu modo de pensar e escrever história: a longa duração em vez do tempo breve, a continuidade das estruturas em lugar da novidade dos acontecimentos, a organização dos temas históricos em conjuntos mais vastos e a sua dissolução em componentes mais pequenos, o recurso às outras ciências do homem.

A pedagogia dos **Annales**, primeiro com Bloch e Febvre e depois com Braudel, foi a confirmação constante de que não se pode ser historiador se não se faz geografia, demografia, economia, antropologia, politologia, etc., transformando a investigação histórica numa rede de múltiplas interdependências, espécie de polifonia de factores que se vão iluminando uns aos outros na «recuperação» do passado, com a perspectiva de uma nova ideia do «tempo histórico» que inverte as habituais hierarquias e coloca em primeiro plano as estruturas profundas, as infinitas inércias materiais e culturais onde se dissolvem os **acontecimentos** da política, os projectos racionais e até a consciência que os homens julgam ter daquilo que vão fazendo. Por outras palavras: para Braudel e para os fundadores dos **Annales**, o mais importante não é o «evénementiel», o excepcional, o espectacular, mas o quotidiano.

Estabelecido o primado do quotidiano, reencontram-se níveis de funcionamento da sociedade que estabelecem novas hierarquias do real, no âmbito de uma dupla problemática: a económica e social (modos de produção, mercados, luta de classes) e a do poder, noção mais recente que ajuda a entender, na acção dos homens, dos grupos, das categorias sociais, o que está em jogo e através de que práticas se procura dominar, «ter poder». Trata-se de uma forma nova daquilo a que poderia chamar-se antropologia histórica da política, não reduzida às suas manifestações superficiais, mas procurada em profundidade nas relações de poder.

Na obra de Braudel, encontramo-nos perante um quadro apaixonante da vida material, feito de espaços e tempos simultaneamente próximos e longínquos, cidades populosas, tráficos, portos marítimos, odores, ruídos, tudo ligado por uma vontade de explicação total dos sistemas humanos, numa perspectiva histórica de longa duração e através de uma prática extraordinária da interdisciplinaridade: é todo o conjunto das ciências sociais que se vê chamado a iluminar a história da humanidade.

Madonna

Música nas ruínas da Babilónia com vedetas de quatro continentes

MADONNA e outras estrelas do «rock» deverão participar num grande festival de música de quatro continentes, que está a ser preparado para Outubro, nas ruínas da antiga Babilónia, segundo informações provenientes de Bagdad.

Entre os artistas cuja presença já foi confirmada destaca-se a cantora de «True Blue» que, segundo o responsável pela organização do evento, Munir Bashir, «está no coração de todos os jovens iraquianos».

Com a duração de um mês e a participação de artistas de fama da Europa, da Ásia e de África, além dos Estados Unidos, o festival, a realizar-se, será o maior acontecimento internacional do género jamais realizado no Iraque.

Além de Madonna e de outros astros do «rock», Bashir tenciona levar a apresentarem-se entre as muralhas do que foi um dos berços da civilização, nas margens do rio Eufrates, cantores líricos italianos, bailarinos de flamenco, grupos folclóricos da Grécia e da Jugoslávia e grupos de dança franceses e soviéticos, entre outras atracções.

O organizador do festival não esconde que está a ter algumas dificuldades na constituição do elenco artístico devido aos receios provocados pelo conflito bélico entre o seu país e o Irão de Khomeiny.

Bashir afirma que a «Guerra do Golfo» está a amedrontar sobretudo os artistas americanos, mas na sua opinião os medos são infundados: a Babilónia encontra-se a noventa quilómetros da actual linha da frente iraquiana, «muito longe do clamor dos mísseis e canhões».

A recente evolução da que por sete anos foi dada como a «guerra esquecida», com as tropas dos «ayatolhahs» aparentemente empenhadas em investir sobre o território do Iraque, faz com que permaneçam muitas dúvidas sobre a realização do festival, na qual o presidente Saddam Hussein parece ser um dos maiores interessados.

Com efeito, apesar de a braços com a guerra, Hussein deu ordens para que não fossem poupadas divisas para o restauro do Palácio de Nabucodonosor e do pouco que resta da mítica cidade dos jardins suspensos e da torre de Babel.

Sob o olhar severo do presidente, que do alto de um enorme retrato de dez metros, afixado no reconstruído Palácio de Emach, parece controlar todos os seus movimentos, os operários trabalham com fervor, mobilizados numa outra guerra, esta contra o tempo: o festival está programado para ter lugar no anfiteatro de Babilónia dentro de 8 meses.

Além da «Guerra do Golfo» e da do tempo, as autoridades iraquianas parecem empenhadas em desafiar a maldição divina transmitida pela Bíblia no «Livro das Revelações»:

«E o anjo do senhor lançou uma rocha ao mar e disse: assim Babilónia, a grande, se desmorone com violência e que nunca mais seja encontrada e o som das harpas e o canto dos menestréis, a melodia das flautas e das trompas não sejam em ti ouvidas, ó Babilónia, nunca mais.»

Se as guitarras eléctricas que deverão acompanhar Madonna e os seus pares chegarem a soar entre as muralhas da cidade condenada, em Outubro viver-se-á uma data particularmente importante para o «rock», fruto da cultura da juventude do pós-guerra e do apogeu da civilização industrial.

Na sua simbologia, Babilónia continuou a ser expressão do mal, visto ser o nome pelo qual eram também chamadas as grandes metrópoles ocidentais, como Nova Iorque ou Londres, epicentros do capitalismo, um dos «pecados» de civilização alvos da contestação juvenil.

Afinal, o mesmo significado dado pelos «rastafari» jamaicanos e pelos seus grandes arautos dos últimos anos, os músicos e cantores de «reggae».

«Houve tempo em que Babilónia foi o berço da civilização e este será um festival mundial, iraquiano, uma festa para a civilização moderna», assegura Munir Bashir.

A Babilónia onde agora os operários de Hussein trabalham não é a de Hamurabi, berço da civilização, do século 18 ants de Cristo, que foi submersa, mas a de Nabucodonosor, não menos gloriosa, cujas ruínas datam do século sétimo a. C.

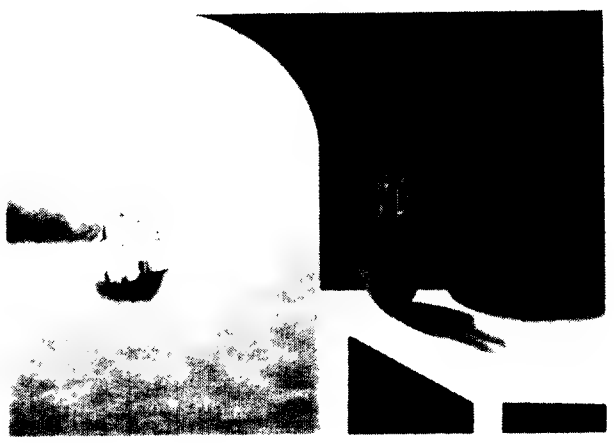
POMAR - PARA VER E SENTIR

Há várias maneiras de ver exposições: consequência da formação, do hábito de ver, inclusivé das exposições do momento. Mas há uma que é comum a todos nós: deixar que o que é visto entre pela porta da sensibilidade. Não é esta a maneira de ver mais inadequada para usar na exposição de Pomar. Se calhar até é uma das mais indicadas. O que é mostrado na Gulbenkian abrange várias décadas da prática artística do pintor. Pode-se anotar evoluções, percursos e, mais concerteza, mudanças. Podem-se referir influências, épocas ou um determinado tipo de intemporalidade.

É um modo de análise enriquecedor, tanto quanto estudar a composição, o domínio do cromatismo, a libertação do gesto ou pelo contrário, a disciplina impressa. E, no entanto, esta exposição presta-se lindamente ao gozo da sensibilidade pura: olhar e deixar-se tomar pelas sensações daí resultantes. Pomar tem o domínio da sua arte, e isso quer dizer que ele «faz passar» o que de facto pretende. É só permitir que assim aconteça e, para tanto, basta estar disponível: percorrer as salas a passo lento, ver de longe, gravando na memória as formas e as cores. E depois voltar, lentamente, e deixar-se prender. E a maioria das obras tem força de atracção suficiente. É só experimentar.

A Fundação Gulbenkian é na Av. de Berna, 45 e está aberta de terça a domingo, das 10 às 17.

«O Gadanheiro» de Júlio Pomar



Pintura de Cosia Pinheiro na Galeria 111

EXPOSIÇÕES

• Galerias das Exposições Temporárias da Gulbenkian: exposição de Max Ernst - livros e obra gráfica.

• Galeria 111 (Campo Grande, 113-A): Pintura de Costa Pinheiro.

• Casa de Bocage, Setúbal: exposição de Pintura de Carlos Lança.

• Poligrupo - R. Ivens, 14: Colectiva com trabalhos de Isabel Augusta, Ivo, Mateus, Rui Matos e Teresa Silva.

• Museu de Artes Decorativas - Largo das Portas do Sol,2: Desenho e Pintura de Jaime Silva. Até 13 de Fevereiro, de segunda a sábado das 10,30 às 13 e das 14,30 às 17.

• Restauração - Av. Guerra Junqueiro, 18-C: Maria Caldas e Manuel Fontana expõem mobiliário antigo pintura.

• Galeria Quadrum (R. Alberto de Oliveira - Corucheus): exposição de obras sobre papel da autoria de António Mira. Patente até 19 de Fevereiro, todos os dias excepto domingos, das 10 às 13 e das 15 às 19, sábados das 15 às 19.

Cetária - Galerias de Arte (Pousada de S. Filipe - Setúbal), exposição de Miguel Barbosa (Pintura), Elisabete Gois (Pintura), Boavida Amaro (Pintura) e Susana de Barros (Cerâmica), patente até 27 de Março das 10 às 22 horas, diariamente.

• «Ferrolho» : exposição de Desenho da autoria de M. Inês S. Barros.

• Fundação Gulbenkian : Pintura de Júlio Pomar, de 3ª a domingo das 10 às 17.

Trata-se da exposição que foi apresentada na Fundação Federal, em Brasília e no Museu de Arte de S. Paulo «Assis Chateaubriand».

Apresentação de 83 peças, entre as quia figuram óleos sobre cartão e tela, colagem, acrílico sobre cana, plástico, arame, osso, etc.

• Galeria do Hotel Alfa : Pintura de Zewen Situ até 9 de Fevereiro, de 2ª a 6ª dqs 10 às 13,30 e das 15,30 às 19,30, sábados e domingos das das 16 às 19,3o.

• Galeria Paulino Ferreira (R. Nova da Trindade, 18-B): exposição de Pintura de Ilídia, patente até dia 25 de Fevereiro, de segunda a sexta das 9 às 12,30 e das 14,30 às 19, sábados das 9 às 13.

• Atrium da Casa da Imprensa: Pintura de Maria Duarte até 13 de Fevereiro, de 2ª a 6ª das 10 às 20.

• Galeria do Restaurante Escorial (R. Portas de Santo Antão, 47): exposição de Pintura de Louro Artur. Patente até 18 de Fevereiro, das 12 às 24, com o título «Memórias da Pintura a Fresco».

• Galeria de Arte do Centro Comercial Fonte Nova (Est. de Benfica, 503): Exposição com trabalhos de José Augusto. Até 19 de Fevereiro, diariamente das 10 às 24.

• Galeria de Arte do «Botequim do Rei» - Parque Eduardo VII - exposição de aguarelas de José Bello. Patente até 12 de Fevereiro, das 12 às 20 horas.

• Fundação Gulbenkian : exposição promovida pela Associação Europeia dos Professores (Secção portuguesa), dedicada à Declaração Universal dos Direitos do Homem, que conta com a participação de Júlio Resende, Rocha de Sous , Isabel Sousa Ribeiro, Gil Teixeira Lopes, Matilde, Marçal, Armando Passos, Helena san Payo e Manuel Dias, entre outros.

• Livraria Barata, Av. de Roma, 11-A : Manuel Viana expõe 20 desenhos a pastel sobre suporte de papel. Até 15 de Fevereiro, de 2ª a sábado das 12 às 23.

• Altamira, R. Filipe Folque, 48-A : Pintura de João Oom até 4 de Fevereiro, de 2ª a 6ª das 10 às 19, sábados da 10 às 13.

MÚSICA

• Grande Auditório da Gulbenkian: às 18,30, o concerto do pianista vietnamês Dang Thai Son, que interpreta obras de Mozart (sonata em dó maior K. 330); de Debussy (Reflets dans l´eau, Cloches à travers les feilles, Poissons d´or e l´Isle Joyeuse); e de Chopin (Três nocturnos, três valsas e Scherzo nº 2 em si bemol, op. 31).

• Teatro S. Luís: «Vida e Obra de Ravel» com direcção artística e comentários do maestro José Atalaya. Colaboração do duo de pianistas Francisco José Monteiro e Teresa Xavier. Entrada livre, às 18,30.

TEATROS

• Teatro Aberto: «O Jardim das Cerejas» de Anton Tchekov, pelo Novo Grupo. Encenação de João Lourenço, com interpretação de Carmen Dolores, Irene Cruz, Joaquim Rosa, entre outros.

Carlos Lança expõe na Casa de Bocage

• «A Barraca»: «Os Polícias», de S. Mrozek, encenação de Helder Costa.

• CAM da Gulbenkian: «Amor de D. Perlimplim com Belisa em seu Jardim», de Federico Garcia Lorca, encenação de Nuno Carinhas.

• Centro Cultural da Bica (L. de St. Antoninho): «O Subsídio» de Nuno Artur Silva. (sextas às 22 horas, sábados e domingos às 16).

«O Jardim das Cerejas» no Teatro Aberto

• Instituto Franco-Português: «Yes, Peut-Être», de Marguerite Duras.

• Teatro Ibérico: «A Vida É Sonho», de Calderon de La Barca, encenação de Blanco Gil.

• Comuna: «Victor ou as Crianças no Poder», de Roger Vitrac, encenação de João Mota.

• Teatro S. Luís: «Seis Personagens à Procura de Autor» de Luigi Pirandelo. Encenação de Mário Feliciano com interpretação, entre outros, de Fernanda Alves, Lurdes Norberto, Io Apolonni, Luís Mata, Mário Jacquese Vicente Galfo, com a participação especial de Susana Prado. Em cena até 8 de Fevereiro.

• Teatro Mirita Casimiro (Estoril): «Galileu Galilei» de Brecht pelo TEC dirigido por Carlos Avilez

• Teatro do Século: «Drácula Junior», texto e encenação de Fernando Gomes.

• Teatro da Trindade: «A Mulher do Campo» pela Cornucópia, encenação de Luís Miguel Cintra.

• Teatro Vasco Santana: «Sylvia Plath - Quem a Matou ?», pelo teatro Estúdio de Lisboa, encenação de Luzia Maria Martins.

• Teatro Nacional D. Maria II: «Guerras do Alecrim e Manjerona» de António José da Silva (O Judeu), encenação de Carlos Avilez.

• «ABC»: a revista «Lisboa, Tejo e Tudo de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia.

• Teatro Maria Matos: a revista renovada «Escrita em Dia», de Henrique Santana, Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal, com Salvador, Simone, Delfina Cruz e Nicholson.

• Teatro Variedades: «Aqui Há Fantasmas», comédia de Henrique Santana.

• Teatro Villaret: «Sapateado», de Richard Harris trad. de César de Oliveira e Barry Scarry.

CINEMAS

• Cinemateca Portuguesa (R. Barata Salgueiro, 39): Ciclo Marginalidade e Justiça com o filme de Martin Scorcese «Taxi Driver» - de 1976 - com Robert De Niro e Cybill Shepherd. Sessão às 18,30, em colaboração com o Centro de Estudos Judiciários. Legendas em português.

• Estúdio 444: Ciclo Mestres do Riso, antestreia de «O Raio Verde» de Eric Rohmer (5º da série Comédias e Provérbios) promovida pelo «ABC-Cineclube de Lisboa». Sessão às 18,45.

• Forum Picoas: Ciclo Cinema Fantástico com o filme «Cocoon, a Aventura dos Corais Perdidos» de Ron Howard, com Don Ameche e Wilford Brimley. Sessões às 19 e 22.

CINEMAS

Uma cena do filme «O PASSAGEIRO DA NOITE», realizado por Alan Rudolph, Genevieve Bujold e Keith Carradine e música de Teddy Pendergrass. Filme de qualidade em exibição no cinema Quarteto

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2
MONA LISA
(m. 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3
A MISSAO
(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4
TOP GUN – ASES INDOMÁVEIS
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa Club
RAN – OS SENHORES DA GUERRA
(m. 12 anos)
15.00, 18.00, 21.00 e 24 h

Shopping Center de Lisboa
Auditório 1
O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

Auditório 2
QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(m. 12 anos)
14.15, 16,45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Auditório 3
RAN — OS SENHORES DA GUERRA
(m. 12 anos)
15.00, 18.00, 21.00 e 24.00 h

Auditório 4
MONA LISA
(m. 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Auditório 5
HOWARD E O DESTINO DO MUNDO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

Auditório 6
A MISSÃO
(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Apolo 70
CORONEL REDL
(m. 12 anos)
15.00, 18.00 e 21.30 h

Ávila
— T. 539930
PEGGY LUE CASOU-SE
(m. 12 anos)
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis
— T. 547163
DOROTHEA
(Int. m. de 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098
O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Capitólio
— T. 372358
VAMOS FALAR DE SEXO
(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194
ACTO SELVAGEM
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco
E.T. – O EXTRA TERRESTRE
(m. 6 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
O JUSTICEIRO DE NOVA IORQUE
(int. 18 anos)
24.00 h

Cinebolso
A INSACIÁVEL
(Porno)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cine Camões
O EXTERMINADOR – II
(n. acons. men. 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
SILVERADO — T. 579460
(m. 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
POLICIA E LADRÃO
(n. acons. m. 18 anos)
2400 h

Cine Portela
— T. 2524761
Portela Grande
BETTY BLUE – 37.º 2 DA MANHÃ
(m. 16 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Chaby
POLÍCIA DE HONG KONG
(m. 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine
EMMANUELLE 4
(int. m. 18 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
O ÚLTIMO TANGO EM NOVA IORQUE
(m. 18 anos)
23.45 h

Condes
— T. 322523
O GOLPE DO GÉNIO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.45 h

Eden
POLTERGEIST II – O OUTRO LADO
(m. 16 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estudio
— T. 555134
NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(m. 16 anos)
14.30, 17, 19.30 e 21.30 h

Estudio ACS
— T. 887255
A HONRA DOS PADRINHOS
(m. 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estudio 444
— T. 768078
À VOLTA DA MEIA-NOITE (m. 12 anos)
15.30, 18,30 e 21.30 h

Fonte Nova
ALIENS – O RECONTRO FINAL
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Sala 2
POR FAVOR MATEM A MINHA MULHER
(m. 18 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Sala 3
TOP-GUN — ASES INDOMÁVEIS
(m. 12 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

Forum Picoas
— T. 541037
RIO SEM REGRESSO
(int. m. 13 anos)
19.00 e 22.00 h

Gemini
— T. 734009
O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 802859
O GOLPE DO GÉNIO
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24 h

CAMPO DO INFERNO
(m. 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Imperio
— T. 555134
BANDO DA MÃO
(m. 16 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162
Sala 1
O GOLPE DO GÉNIO
(m. 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2
SÓ ENTRE AMIGAS
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Londres
— T. 801313
SÓ ENTRE AMIGAS
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743
Sala 1
O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Sala 2
QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3
A MISSÃO
(m. 6 anos)
13.45, 16.15, 18.45 e 21.15 h

Nimas
— T. 574362
LEMBRAS-TE DA ÚLTIMA NOITE
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283
MISSÃO COBRA
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Olimpia
T. 325309
INICIAÇÃO DAS VIRGENS
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathé
— 821933
EMMANUELLE 4
(m. 18 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h

Politeama
T. 326305
ACTO SELVAGEM
(m. 12 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378
ENTRE O AMOR E O MEDO
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
O ÚLTIMO FÓLEGO
(m. 16 anos)
23.30 h

Sala 2
À VOLTA DA MEIA-NOITE
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19 e 21.30 h
O REI DA EVASÃO
(m. 16 anos)
24 h

Sala 3
TANGOS, O EXÍLIO DE GARDEL
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.00 e 21.30 h
O PRINCÍPIO DA ARCA DE NOÉ
(m. 16 anos)
24.00 h

Sala 4
O PASSAGEIRO DA NOITE
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
REVOLTA NO PACÍFICO
(m. 16 anos)
23.30 h

Roma
— T. 889192
POLTERGEIST II – O OUTRO LADO
(m. 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Roxy
T. 548560
MISSÃO COBRA
(int. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
Sala 1
O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 2
A MISSÃO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Sala 3
MONA LISA
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19.15 e 21.45 h

7.ª Arte
— T. 730715
PEGGY SUE CASOU-SE
(m. 12 anos)
De: Francis Coppola
14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210
NOVE SEMANAS E MEIA
(m. 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573
O BANDO DA MÃO
(m. 16 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595
POLTERGEIST II – O OUTRO LADO
(m. 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Turim
T. 706666
QUE GRANDE CEGADA
15.00, 17.30 e 21.45 h

Voxmania
— T. 880808
O ANO DO DRAGÃO
(m. 16 anos)
15.30, 18.15 e 21 h

Xenon
T. 368480
CAMPO DO INFERNO
(m. 16 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodíaco
— T. 570151
Exibição permanente de filmes indianos
(m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra
ALMADA — Academia — «A Missão», às 15.30, e 21.30 h (m. 12 anos)
ALMADA — Cinesis — «Howard e o Destino do Mundo», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (m. 12 anos)
ALMADA — Incrível Almadense — «Prisão de Mulheres», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)
COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «A Noite de Espanto», às 15.45 e 21.30 h (m. 12 anos)
Sala 2 — «O Labirinto», às 16.15 e 21.45 h (m. 6 anos)
BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «Os Inimigos», (porno), às 15 e 21.15 h (int. 18 anos)
LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Louca por Si Professor»,às 16 e 21.30 h (m. 12 anos)
ODIVELAS — Cineodivel — «Regresso da Selva», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos).
CRUZ DE PAU — Cinema Lord — «Um Dia a Casa Vem Abaixo», às 16 e 21 h (m. 6 anos)

Linha de Cascais
ESTORIL — Casino Estoril — «Kalidor, a Lenda do Talismã», às 17 e 21.15 h (maiores 12 anos)
ALGÉS — Cinema 2000 — «Invasão E.U.A.», às 15.30 e 21.30 h (m. 18 anos).
OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Só Entre Amigas», às 15.15 e 21.30 h (m. 12 anos)
Sala 2 — «A Missão», às 15.30 e 21.45 h (m. 12 anos)
CARCAVELOS — Atlântida Cine — «A Difícil Arte de Amar», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)
CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «A Missão», às 15.15 e 21.30 h (m. 12 anos)
Sala 2 — «Betty Blue 37.º – 2 da Manhã», às 15.30 e 21.30 (m. 16 anos)
CASCAIS — Oxford — «O Campo do Inferno», às 16 e 21.30 h (m. 16 anos)

Outra Banda
ALMADA — Academia — «João Broncas – O Eterno Repetente», às 15.30, e 21.30 h (m. 12 anos)
ALMADA — Cinestúdio — «Howard e o Destino do Mundo», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (m. 12 anos)
ALMADA — Incrível Almadense — «Prisão de Mulheres», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)
COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «Borracho Choque para Menina Chique», às 15.45 e 21.30 h (m. 12 anos)
Sala 2 — «O Labirinto», às 16.15 e 21.45 h (m. 6 anos)
BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «Os Inimigos», (porno), às 15 e 21.15 (int. 18 anos)
LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Armados e Perigosos», às 16 e 21.30 h (m. 12 anos)
ODIVELAS — Cineodivel — «Ponto de Impacto», às 15.30 e 21.30 (m. 16 anos).
CRUZ DE PAU — Cinema Lord — «Um Dia a Casa Vem Abaixo», às 16 e 21 h (m. 6 anos)

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ARCO DO CEGO - ESTEFÂNIA: Palma, Av. Duque de Ávila, 25-31 (T. 547088); **AVENIDA DE ROMA: Avis**, Av. de Roma, 56-B-C (T. 895370); **CAMPOLIDE - SETE RIOS: Nova**, R. de Campolide, 297-C (T. 687475); **INFANTE SANTO: Andrade Ribeiro**, Av. Infante Santo, 66-B (T. 666971); **LUMIAR - QUINTA DAS MOURAS: Matos Viegas**, Av. Rainha D. Amélia, 34-B (T. 794174); **LUZ - FRENTE AOS MENINOS DA LUZ: Gény**, R. Conselheiro José Silvestre Ribeiro, 12-A, ao 218 da E. da Luz (T. 7140342); **OLIVAIS SUL: Fernando Borges**, R. . Aleixo Corte Real, lote 388, cruzamento com a R. Cidade de Bolama (T. 31091); **PEDROUÇOS: Sociedade Higilux**, R. de Pedrouços, 50-52 (T. 610280); **PENHA DE FRANÇA: Higiénica**, R. Heliodoro Salgado, 20-A (T. 844361); **PICHELEIRA: Mariuz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SANTA APOLONIA - CAMINHOS DE FERRO: Pereira, Sucursal**, R. do Paraíso, 98, Santa Clara, Hospital da Marinha (T. 863224); **TIVOLI: Morais Sarmento**, R. de Santa Marta, 16-A-B (T. 546490); **CARNAXIDE: Central de Carnaxide**, Av. de Portugal, 16-B (T. 2184913); **CODIVEL - ODIVELAS: Nabais Vicente**, R. A, lote 19-A, loja, Urbanização Codivel (T. 9816803); **COLINA DO SOL - BRANDOA - AMADORA: Vidal Reis**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 35 (T. 996540); **PONTINHA: Cruz Correia**, E. de Santo Elói, 41-A (T. 992543).

REFORÇO - ALTO DE SANTO AMARO: Santo Amaro, R. Filinto Elísio, 29-A-B (T. 637070); **ALVALADE: Brisália**, Av. do Rio de Janeiro, 66-66-A (T. 882368); **AVENIDAS NOVAS: Fátima**, Av. 5 de Outubro, 147-A (T. 763107); **BAIRRO AZUL: Sírius**, R. Fialho de Almeida, 38-A (T. 544000); **BAIXA: Barral**, R. Augusta, 225 (T. 361534); **CALHARIZ - BENFICA: Rebocho**, R. Tenente Coronel Ribeiro dos Reis, 12-B (T. 743871); **CAMPO DE OURIQUE: Pinheiro**, R. de Campo de Ourique, 135 (T. 686640); **CHELAS - COLÉGIO VALSASSINA: Serra**, R. Luís Cristino da Silva, lote 221, loja 133, zona 2, Chelas (T. 853720); **FONTE LUMINOSA - ALAMEDA AFONSO HENRIQUES: Paes**, R. Abade de Faria, 22-A (T. 883965); **RATO: São Mamede**, R. da Escola Politécnica, 82-B (T. 660280); **SANTOS: Fontoura Carvalho**, R. de Santos-o-Velho, 12 (T. 662075); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (T. 2760565). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Cerqueira**, L. 5 de Outubro, 18 (T. 2750254). Permanente; **MONTE DA CAPARICA: Guerreiro**, lote 31-I-J, Moinho (T. 2950727). Até às 19 horas; **COSTA DA CAPARICA: Higiénica**, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Oliveira Sérgio**, R. dos Álamos, 2-A (T. 2296464). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; 2ARREIRO: Pimenta, R. Conselheiro Joaquim António de Aguiar, 259 (T. 2072012). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Teixeira**, B. de Moçambique, 84-B (T. 2040946). Até às 19 horas; **CORROIOS: Abreu Cardoso**, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU: Fonseca**, R. do Ribatejo, 2-A (T. 2211131). Até às 22 horas; **ARRENTELA: Lusitana**, P. Cândido dos Reis, 10 (T. 2210007). Até às 22 horas; **MONTIJO: Giraldes**, R. Almirante Reis. 45 (T. 2310008). Até ás 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 2340137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Fuzeta**. Permanente; **Normal do Sul**, P. do Bocage, 137 (T. 22216). Permanente; **Saião**, Av. da Portela, 55 (T. 22709). Até às 22 horas.

Linha de Cascais— ALGÉS: Miramar, R. Ernesto Silva, 83 (T. 2112048). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Moderna**, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 24416t6). Até às 22 horas; **ALCABIDECE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás**, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Permanente; **OEIRAS: Godinho**, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Brandão**, Av. da República, 77-C (T. 2471054). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Suíça**, Cruzeiro (T. 260087). Até às 22 horas; **CASCAIS: Cascais**, R. Conde de Monte Real, Bairro das Caixas (T. 282407). Permanente.

Linha de Sintra— AMADORA: Cavaca, R. Elias Garcia, 20 (T. 4930019). Permanente; **Carlos**, R. Sebastião da Gama, 28-B, Casal de São Brás. Até às 22 horas; **DAMAIA: Nova**, R. Elias Garcia, 10 (T. 972530). Permanente; **QUELUZ: André**, Av. Elias Garcia, 151 (T. 950043). Até às 22 horas; **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2571069). Até às 19 horas; **CACÉM: Guerra Rico**, Av. dos Bombeiros Voluntários (T. 9244002). Permanente; **ALGUEIRÃO: Vítor Manuel**, E. de Algueirão, 123 (T. 9217814). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**, C. da Rinchoa, 38 (T. 9262006). Até às 22 horas; **SINTRA: Marrazes**, L. Afonso de Albuquerque, 24 (T. 9230058). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

DL TEATROS

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 57 54

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00 e 21.30

«**LISBOA, TEJO E TUDO**«, de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira. Interpretação: Carlos Miguel, Margarida Carpinteiro, Henrique Viana, Natalina José, José Camacho e Alexandra Solnado, entre outros.

Estoril — Teatro Mirita Casimiro

Av. Fausto Figueiredo, Cruzeiro — Tel. 267 03 20

Terças, quartas e quintas, às 15.15; sextas e sábados, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«**GALILEU GALILEI**«, de Bertolt Brecht.

Comuna — Sala 2

P. Espanha (Telef. 7260818)
De 3.ª a sáb. às 21.30.
«VICTOR» OU AS CRIANÇAS NO PODER de Roger Vitrac. Enc. de João Mota.

TEATRO ABERTO

P. Espanha (Telef. 770969)
De 2.ª a 5.ª, às 21.30; domingo, às 16.00 e 21.30.
O JARDIM DAS CEREJAS, de Tchekov. Versão de João Lourenço, Vera San Payo de Lemos. Música de Eduardo Paes Mamede. Cen. de José Manuel Castanheira.

Teatro Nacional D. Maria II

P. D. Pedro IV — Tel. 32 22 10
Sala Garrett

De terça a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«**GUERRAS DO ALECRIM E MANJERONA**«, de António José da Silva («O Judeu»). Encenação de Carlos Avilez. Com: Rui de Carvalho, Manuel Coelho, São José Lapa, Catarina Avelar, Henriqueta Maia, e outros.

Teatro Municipal de São Luiz

R. António Maria Cardoso — Tel. 32 71 72

Todos os dias, às 21.30; sábados, às 16.00 e 21.30; domingos, às 16.00

«**SEIS PERSONAGENS À PROCURA DE AUTOR**«, de Luigi Pirandelo. Com encenação de Mário Feliciano.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingo e feriados, às 16.00

«**ESCRITA EM DIA**«. Nova versão de «Isto É Maria Vitória», original de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha com a colaboração de Mário Zambujal. Intérpretes: Eugenio Salvador, Simone de Oliveira, Francisco Nicholson, Delfina Cruz, Carlos Cunha e Marina Mota.

Centro de Arte Moderna

— Sala Polivalente

R. Dr. Nicolau Betencourt — Tel. 73 43 09

3.ª e 4.ª, às 18.30; 5.ª, 6.ª e sábado, s 21. domingo, às 15.00

«**AMOR DE D. PERLIMPIM COM BELISA E SEU JARDIM**«, de Garcia Lorca, Encenação de Nuno Carinhas. Interpretação de Anamar, António Pires, Isabel Alarcão, José Wallenstein, Luís Madureira e Luísa Cruz.

Instituto Franco-português

Av. Luís Bívar, 91 — Tel. 54 45 74

De quarta a sábado, às 21.30; domingos, às 16.30

«**YES, PEUT-ÊTRE**«, de Marguerite Duras. Encenação: Philippe Fridman. Intérpretes: Inês Goulart de Medeiros e Anne Pradines.

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 53 85 86

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00 e 21.30

«**SAPATEADO**«, de Richard Harris. Versão portuguesa de César de Oliveira e Barry Scray. Encenação de Varela Silva.

Vasco Santana

Av. da República, 16 — Tel. 76 86 09

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«**SYLVIA PLATH — QUEM MATOU?**«, de Barry Kyle. Tradução de Teresa Guerreiro. Direcção de Luzia Maria Martins. Montagem de Fernando Filipe. Intérpretes: Clara Joana, Luísa Ortigoso, Manuel Mendonça e Maria Dulce.

Teatro Ibérico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 38 25 31

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 17.00

«**A VIDA É UM SONHO**«, de Pedro Calderon de la Barca. Espectáculo de Blanco Xil. Intérpretes: Blanco Xil, Jorge Sousa Costa, Lídia Franco, Francisco Soromenho, Luzia Paramés, António Filipe, Miguel Martins.

Trindade

R. Nova da Trindade — Tel. 32 00 00

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingos, só às 16.00

«**A MULHER DO CAMPO**«, de William Wycherley. Pelo Teatro da Cornucópia.

Teatro do «O Século»

R. do Século, 41 — Tel. 32 47 04

De quinta a domingo, às 21.30

«**DRÁCULOS JÚNIOR**«, texto e encenação: Fernando Gomes. Intérpretes: Fernando Gomes, Fernando Luís, Maria Vieira, Maruga e Pedro Advirta.

Variedades

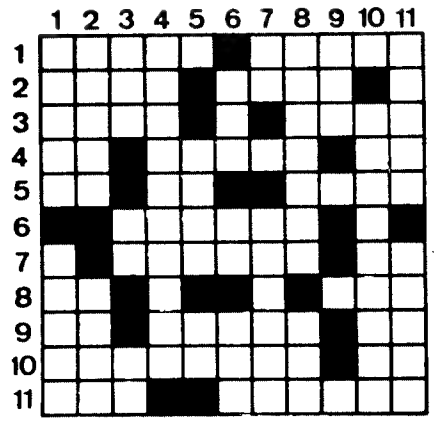
Parque Mayer — Tel. 32 60 37

Todas as noites, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

«**AQUI HÁ FANTASMAS**«, original em português de Henrique Santana. Encenação de Henrique Santana. Intérpretes: Henrique Santana, Rita Ribeiro, Henrique Santos, Carlos Quintas, Armando Cortez, Maria Helena Matos, Luís Alberto e António Feio.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 949



HORIZONTAIS:

1 Mamíferos domésticos. A alma.
2 Vila e concelho do distrito de Portalegre. Aquele que.
3 Cursos de água naturais e abundantes. Alcoviteira.
4 Rádio (s.q). Fruto seco. Sufixo que designa estado.
5 Carta de jogar. Cento e um em romano. Espécie de sofá.
6 Emparelhara.
7 Reunião de palavras com sentido (pl). Depois de Cristo.
8 Pequena ilha francesa fortificada do Mediterrâneo. Pequeno símio do Brasil.
9 Níquel (s.q). Primeiramente. Seiscentos em romano.
10 Temporal. Európio (s.q).
11 Membro de ave. Rio de Inglaterra.

VERTICAIS:

1 Tirania (fig). Engane.
2 Despachas. Gumes.
3 Irmão do pai. Confere. Batráquio.
4 Caluniariam.
5 Aponta. Neon (s.q).
6 Pronome relativo. Artigo definido. Troctil (abrev).
7 Ouro (s.q). Envie.
8 Doce como mel. Figura que simboliza o povo americano.
9 Estime.
10 Notícias.
11 Aldeia de índios do Brasil. Seirão de cipó para cangalhas (Bras).

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **16 948**

HORIZONTAIS:

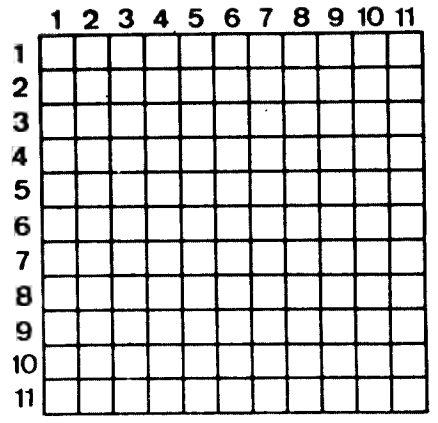
1 MULHER. E. Bo.
2 Uriel. Trair.
3 Lima. Rea. Se.
4 Ava.
5 Isolara.
6 Sagres. Sá.
7 Meia. Asa.
8 Pá. Orara. Cn.
9 Ata. Vu. Crua.
10 Ua! ER. Aer.
11 Mós. Arruar.

VERTICAIS:

1 MULA. O. PAU.
2 Urivi. Matam.
3 Limasse. Aio.
4 Hea. Oaio.
5 El. Algarve.
6 Ar. Aura.
7 Terrear.
8 Era. Assacar.
9 Réu.
10 Bis. AS. CURA.
11 Orem. Arma.

PROVÉRBIO: Mulher e mula o pau as cura.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 778



HORIZONTAIS:

1 Remediar. Sopeiras.
2 Venera. Recolhe na adega.
3 Porco. Prevines.
4 Prendam. Fêmeas dos leões.
5 A alma. Pátria de Abrão.
6 Nota musical. Grande lago da Turquia. Agarrei.
7 Serra de Portugal. Empregar.
8 Foi para fora. Aqui.
9 Cidade de Itália. Batráquio. Matemática.
10 Roeram. Passada.
11 Camareiras. Cobertores.

VERTICAIS:

1 Mulher de estatura baixa. Batera.
2 Preposição latina que designa movimento. Iguais. Interjeição da ilha das Flores, o mesmo que ah! oh!
3 Observem. Entoa.
4 Perfumava. Colina da Suécia.
5 Batráquio. Gálio (s.q).
6 Estenderam.
7 Rio de Moçambique. Uma das mais antigas divindades da Índia, deus da justiça e da morte.
8 Detestou. Cidade da China.
9 Consideraras. Mitologia.
10 Nome de letra (pl). Balcão.
11 Sadias. Corsários.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **14 777**

HORIZONTAIS:

1 Paval. Moras.
2 Amaz. Na. Ede.
3 Saca. Acamar.-
4 Sras. Mata.
5 Aero. Ba.
6 Si. Crostas.
7 Colado.
8 Ava. Ad. Rd
9 II. Cró. Tapo.
10 Assoássemos.
11 Marro. Asaro.

VERTICAIS:

1 Passa. Caiam.
2 Amares. Visa.
3 Vacariça. Sr.
4 Aso. Cor.
5 Clarão.
6 Namorados.
7 Maça. Dó. Sá.
8 At. Sortes.
9 Rema. Dama.
10 Ada. Bar. Por.
11 Sérias. Coso.

Radio

Antena Um

16.00: Pequeno jornal e rock-lândia; **18.00**: Regressos; **19.00**: Informação e música; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.15**: Música portuguesa; **20.30**: A voz do solidariedade; **21.00**: Musical; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

15.20: Autores portugueses contemporâneos; **17.00**: Integrais; **17.35**: Sonoridades; **18.40**: Concerto sinfónico; **20.40**: Música do nosso século; **21.00**: 6.º Festival Bach da Madeira; **21.45**: Grandes intérpretes; **23.00**: Intercâmbio musical; **00.35**: «Psyche», de César Franck; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; **17.00**: Feira mágica; **20.00**: Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo e resultados; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: É de noite... já se vê; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: O sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **00.00**: Morrison Hotel; **02.00**ã O rock pode esperar; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Terceira vaga; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Programa da LAR; **20.30**: Cidade nova; **21.00**: Luzes da ribalta; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial; **23.55**: Meditando.

Voz do Alentejo

15.00: Boa-tarde, Alentejo; **18.0**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Grande bazar.

Voz de Lisboa

15.00: Rádio da cidade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **22.00**: Vamos aos fados; **23.00**: Bola branca; **23.30**: As canções da meia-noite; **23.57**: Meditando.

Voz do Porto

15.00: Passeio alegre; **18.00**; Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Porto de abrigo; **20.30**: Meia de música; **21.00**: Palácio de Cristal; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Porto final.

Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

20.00: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico. Noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO

RTP 1

17.30 - Mira Técnica
Com Música Portuguesa

18.02 - Sumário
18.07 - Brinca Brincando
18.50 - Show Bis
19.15 - Boletim Meteorológico para a Agricultura
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.05 - Palavras Cruzadas

17º Episódio: - Lurdes e Mina abraçam-se emocionadas. Lurdes diz à filha que foi para Paris como empregada de uma família francesa e que tentou muitas vezes contactar o pai sem nunca ter tido qualquer resposta. Mina não pode deixar de a recriminar por a ter deixado. Filipe tenta desdramatizar a situação existente entre Margarida e os irmãos Salgado. Mina e Rosa discutem a propósito do súbito aparecimento de Lurdes e Rosa pede a Mina que não faça sofrer o pai. João vai a casa dos tios, Lucinda fica radiante por o ver e entretanto chega Margarida que conta a João que acabou tudo com Francisco porque o ama. Helena encontra-se com Osvaldo e tenta amortizar a dívida, mas ele esquiva-se e alega compromissos inadiáveis. Óscar vê a pulseira da filha e continua convencido de que ela a comprou com as suas economias. Francisco espera João e pede-lhe que o ajude a compreender o que se passa com Margarida. João não tem outro remédio senão contar-lhe toda a verdade.

20.45 - Portugal Sem Fim
«Austrália»

21.40 - Dempsey e Makepeace

13º Episódio: - Dempsey vê um homem ser assassínado. Tudo parece indicar que o morto seria um cidadão respeitador da lei sem ligações com a marginalidade. Mais tarde, Dempsey recebe um telefonema anónimo. Uma voz de mulher diz-lhe que o quer matar e que o assassínio a que ele assistira fora apenas um aviso. Dempsey não consegue recordar-se de qualquer mulher que possa querer matá-lo, mas, nos dias seguintes, começa a receber em casa flores destinadas a mortes. Finalmente, recebe um bilhete a combinar um encontro.

22.35 - 24 Horas
23.05 - Remate

RTP 2

15.05 - Agora, Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.05 - Countdown
18.00 - Estádio
19.05 - Nino Show
20.00 - Notícias

No 1º canal, às 20,05, o 17º episódio de «Palavras Cruzadas»

20.05 - 5ª Dimensão
81º Episódio

20.30 - Uma Família às Direitas
56º Episódio

21.00 - Jornal das Nove
21.30 - E de Ler

«Dicionário das Revistas Literárias do Séc.XX» de David Pires

21.35 - Cinemadois

«Crónica dos Bons Malandros»: - Neste filme estreado em Outubro de 1984, Renato, Pedro, Marlene, Adelaide, Arnaldo, Flávio e Silvino formam uma simpática e não muito bem organizada quadrilha de gatunos lisboetas. O dia a dia dos seus pequenos furtos é quebrado pelo inesperado contacto do misterioso italiano. Ele vem encomendar um «serviço»: nada mais nada menos que o roubo da colecção Lalique da Fundação Gulbenkian.

Realizador: Fernando Lopes

No 2º canal, sensivelmente no mesmo horário, o 81º episódio de «5ª Dimensão»

AMANHÃ

RTP-1

17.30 - Mira Técnica
18.02 - Sumário
18.07 - Brinca Brincnado
18.50 - Show Bis
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Metetorológico
20.05 - Vamos Jogar no Totobola
20.15 - Palavras Cruzadas
21.00 - Lotação Esgotada
23.00 - 24 Horas
23.30 - Remate

RTP-2

15.05 - Agora, Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.05 - Countdown
18.00 - Estádio
19.00 - Nino Show
20.00 - Notícias
20.05 - 5ª Dimensão
20.30 - Uma Família às Direitas
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - É de Ler
21.35 - Bailado

AOS CONDUTORES

"Junto das paragens de transportes públicos, abrande e marche, porque a qualquer momento pode surgir uma criança a atravessar, quer pela frente quer pela retaguarda do autocarro."

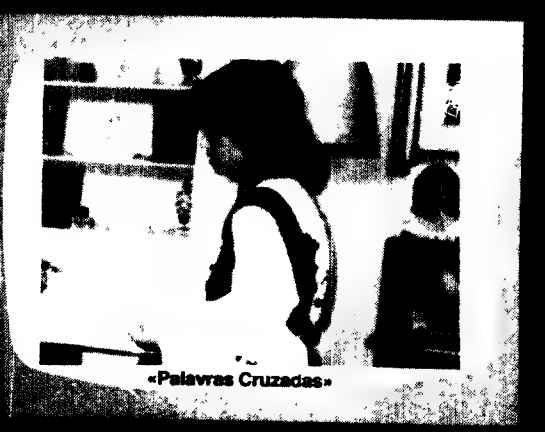
PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1 Dempsey e Makepeace

RTP 2 Cinemadois

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.



«Palavras Cruzadas»

PORTE PAGO

DL

Fundador **Joaquim Manso**

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos. **RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA**
TELEFONES: 32 11 54 / 5 – 32 02 71 2 3 Publicidade 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21). Porteiro 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição INTERPRESS Rua do Norte, 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 21 00 – 32 22 04 – 32 07 84
Preço do «DL» na Madeira. 40$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Director **A. Ruella Ramos** Director adjunto **Fernando Piteira Santos**

ÚLTIMA HORA

A Espanha obteve um saldo positivo de 13.970 milhões de pesetas nas suas relações financeiras com a CEE, em 1986. A noticia foi dada ao princípio da tarde pelo secretário de Estado espanhol para as Finanças, José Bordel. Apesar deste saldo, a Comunidade terá ainda de devolver à Espanha 21.000 milhões de pesetas, pois a contribuição daquele país para os cofres comunitários foi sobrevalorizada. Bordel anunciou que o Governo de Madrid está a preparar um plano especial para desenvolver as exportações espanholas.

Ministro do Plano queixa-se:

REGIONALIZAÇÃO ESTÁ A SER POUCO DISCUTIDA

«Não temos necessidades específicas para fazer a regionalização», afirmou hoje o ministro do Plano e do Ordenamento do Território, Valente de Oliveira, num encontro com os jornalistas num hotel de Lisboa. A afirmação surgida na sequência de uma pergunta sobre qual o comentário aos vários projectos partidários já apresentados, referia-se ao facto de em Portugal, à excepção dos Açores e da Madeira, não haver diferenças nem geográficas nem principalmente culturais definidoras das regiões e por isso ser necessário discutir «para que servem as regiões».

Só que neste momento, como disse o ministro, «o debate não foi feito» e, segundo Valente de Oliveira, «não se tem discutido muito para além dos partidos».

No entender de Valente de Oliveira, as questões mais relevantes para essa definição ainda não foram esclarecidas, correndo-se o risco de vir a discutir mais fronteiras e capitais regionais do que propriamente regionalização, que, segundo Valente de Oliveira deve atender à «descentralização, definição de decisões mais consonantes com necessidades locais e harmonização de desequilíbrios regionais».

Nesse sentido, Valente de Oliveira defendeu que as regiões deviam integrar municípios com diferentes graus de desenvolvimento, nomeadamente envolvendo zonas de litoral e interior. O ministro do Plano mostrou-se partidário da definição de três regiões principais: Norte, Centro e Sul, em consonância com a actual divisão do território pelas Comissões de Coordenação Regional, integrando mais a de Lisboa e do Vale do Tejo e ainda do Algarve.

Recorde-se que neste momento se encontram a discussão mais quatro projectos dos partidos da oposição à excepção do CDS, definido diferentes divisões administrativas. O projecto do MDP preconiza uma delimitação compreendendo regiões administrativas para cada uma das duas principais cidades do país e ainda mais oito regiões com uma demarcação entre litoral e interior. Os projectos do PS e do PRD não diferem muito do do MDP, propondo o PS a agregação das duas regiões do Alentejo e das Beiras em duas regiões administrativas, a integração do Porto na região do Minho e Entre Douro e a de Lisboa junta com a zona de Santarém, constituindo-se na região da Estremadura e Vale do Tejo.

Quanto ao projecto do PRD, são defendidas nove regiões, em que a zona de Lisboa do projecto do PS surge desagregada em duas: uma relativa à Estremadura e outra para o Ribatejo.

O projecto do PCP defende que o processo de regionalização se deva fazer no sentido contrário.

/D/E/C/A/R/A/S/

SERGIO RIBEIRO conclui hoje as provas de doutoramento em Economia no Instituto Superior de Economia de Lisboa, tendo sido aprovado com distinção e louvor. A discussão da tese, consagrada ao tema «Planificação dos recursos humanos na estratégia de desenvolvimento nos países em vias de desenvolvimento», tinha sido iniciada ontem. A prova complementar que hoje terminou tinha como tema «As populações de idade mais avançada e o emprego da sua força de trabalho». O júri foi presidido pelo professor Simões Lopes, reitor da Universidade Técnica, e o director de tese foi o professor Jacques Nagels, da Universidade Livre de Bruxelas.

D. MANUEL DA SILVA MARTINS, bispo de Setúbal, afirmou em Palmela que «é necessário aumentar o clima de esperança no futuro próximo deste distrito», lembrando que a a sua área tem sido fustigada pelo desemprego e pelos salários em atraso e há que fazer algo para mudar o actual estado de coisas. O bispo, que intervinha junto de participantes de um curso de preparação de electricistas com apoio de fundos europeus, desejou que «com eles, muutos dos nossos jovens encontrem uma luz que lhes proporcione algo hoje em dia muito precioso: um emprego».

JOAO PAULO II ultrapassou Madonna em matéria de direitos de autor com a publicação de um disco single em que o tema é uma sua mensagem de paz em quatro línguas, escrita pelo compositor francês Pierre de Lanoe. Os lucros de venda do disco, conseguidos com 23 por cento sobre os resultados das vendas, revertem a favor das obras de caridade da Igreja católica, prevendo-se que esses fundos sejam assim reforçados com uma verba de um milhão e 750 mil contos.

PAUL SIMON, cantor e compositor norte-americano afirmou em Londres que o Congresso Nacional Africano já não tem objecções ao seu último álbum, «Graceland». Esta declaração surge como resposta a acusações formuladas contra Simon, de que teria violado o boicote cultural internacional a Pretória, por ter feito a gravação na África do Sul, com músicos locais. A nova tomada de posição do ANC foi transmitida a Simon por Harry Belafonte, que é militante anti-apartheid.

MANOEL DE OLIVEIRA é um dos dois autores que terão obras exibidas no Festival Internacional de Cinema de Roterdão. O outro foi o autor de uma nova-obra, Vítor Gonçalves, professor da Escola Superior de Cinema, cujo primeiro filme, «Uma rapariga no Verão», será passado amanhã e quinta-feira. «O meu caso», de Manoel de Oliveira, que já tinha merecido a honra de abrir o último Festival de Veneza, foi passado em três sessões, no domingo.

FERNANDO AMARAL foi ontem homenageado pela Associação Nacional dos Professores do Ensino Básico, que o nomeou seu sócio honorário. Assistiram ao acto, que se realizou em Braga, o ministro de Estado, Eurico de melo, o arcebispo primaz, Eurico Nogueira, e o governador civil de Braga, em representação do ministro da Educação. Fernando Amaral agradeceu a homenagem, falando na sua qualidade de presidente da Assembleia da República, e recordando os 11 anos em que exerceu a actividade de professor primário.

Advogado de Júlio Regadas ameaça "partir muita loiça"

João Miranda, o advogado que já defendeu Júlio Regadas no processo da rede bombista, voltou a constituir-se como patrono do subinspector da Polícia Judiciária em fuga, prometendo fazer «partir muita loiça» e tendo já remetido ao 1.º JIC do Porto um requerimento, a fim de tomar conhecimento dos factos e incriminações que pendem sobre o arguido.

Mas na sua edição de hoje «O Comércio do Porto» faz referência a uma carta dirigida por João Miranda ao director da PJ do Porto, dr. Pinto Hespanhol, quando estava detido nos calabouços daquela instituição, acusado de sequestro da sua ex-esposa, na qual ameaçava divulgar numerosos casos de corrupção no seio da PJ («quadros do Caramulo, Mercedes das redes internacionais, tráfico de drogas e de divisas, prostituição, pratas, falsificação de cheques, assalto ao ouro do Santuário de Fátima e mandado de captura contra o sobrinho de um conhecido industrial da capital nortenha, com a interferência de um líder partidário».

José Saramago distinguido em Itália

«O Ano da Morte de Ricardo Reis», de José Saramago, é um dos três vencedores da secção «Literatura Estrangeira» do prémio italiano «Grinzane Cavour», que vai na sexta edição.

Dividido em duas fases, cujos resultados foram agora anunciados, na primeira, um júri especializado elege as três melhores obras de literatura italiana e estrangeira publicadas ao longo do ano, sendo atribuido a cada autor um montante de duzentos e vinte contos.

Depois desta primeira escolha, um júri constituido por alunos de onze escolas da região de Piemonte - onde se situa a localidade que dá nome ao prémio - elegerão os dois «super-vencedores» de cada secção, que receberão quinhentos e cinquenta contos cada.

A distinção do livro de Saramago - cuja tradução italiana de «Memorial do Convento» conheceu um assinalável sucesso da crítica em 1984 - surge num momento em que é notória a atenção que em Itália se vem prestando à literatura portuguesa.

SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO DIÁRIO DE LISBOA. SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1.200 LISBOA. TELEF. 320271/320272. TELEX: 12363

A «bica» privada

O empregado pousou a chávena e o senhor Silva deu-lhe trinta escudos. Era já a segunda do dia. Esse facto fê-lo levantar os olhos e pensar quantos cafés já teriam os outros consumidores bebido àquela hora do dia. Na sequência, alargou o raciocínio à cidade e depois ao país inteiro e números monstruosos co - meçaram-lhe a cair na mesa vindos de toda a parte do território nacional.

O senhor Silva começou por sa - ber quantas pessoas com mais de 15 anos havia em Portugal. De - pois, supôs que em média cada ci - dadão com mais de 15 anos be bes - se dois cafés por dia. Tudo encon - trado, multiplicou por trinta escu - dos, quantia pacatamente entregue ao dono do estabelecimento, para pagar aquele nico e alugar parte do espaço.

Resumindo e concluindo, em ca - da dia enfileiram-se sobre os bal - cões 15 milhões de chávenas, num total de mais de mil quilómetros de louça, que dava para cobrir a costa num bloqueio continental inima - ginável.

Dois contos por mês

O senhor Silva não perdeu muito tempo a encontrar a quantia movi - mentada diariamente naquele ri - tual. Se as premissas do raciocínio forem aceitáveis, cerca de 420 mil contos em bruto sairão dos bolsos dos consumidores, representando ao mês o número redondo de 12 milhões de contos. E isto para não fazer contas ao total do ano.

O espanto do senhor Silva diri - giu-se para a incógnita seguinte, preocupada em saber para onde vão todas essas moedas. Da parte do senhor Silva, e mantendo a mesma média, o orçamento mensal vê-se embobrecido em cerca de 2 contos, constituindo assim um verdadeiro imposto.

Logo, o espírito do senhor Silva tentou encontrar «os maus», res - ponsáveis por tal derrame de rique - za. Seria realmente o Estado? A dúvida é já de si caricata, tal o esta - do de ignorância em que se encon - tra o cidadão, incapaz de saber de que lado sai o ordenado.

Quinze tostões de IVA?

O senhor Silva decidiu partir do que sabia: a «bica» custa trinta escudos a qualquer cidadão. Desse montante, qual a parte que reverte para o Estado?

Com este espírito, o gerente de um estabelecimento dispôs-se a ajudá-lo e, encostados ao balcão en - quanto se encomendavam os pratos do dia, foram encontrando alguns números.

Segundo o gerente, e para as suas contas, o único imposto ali presen - te era o IVA, com a taxa reduzida de 8 por cento sobre a margem de comercialização que mantinha ao nível de 40 por cento, por não ser «necessário aumentar o preço do café».

Assim, cada lote de café de um quilo daria no seu estabelecimento para 240 chávenas, a uma média de 4 gramas por café, por ser «café de saco». Estando o lote ao preço de 1 280 escudos, cada chávena levaria 5$12 de grão moído.

A este custo, deverá acrescentar-se quinze tostões do açúcar e mais 7$50 de custos vários, entre os quais mão-de-obra, electricidade, gás e tudo o mais. Tudo somado, vai encontrar-se a margem de co - mercialização, como o diz o gerente, «mantida por costume», dado que há um ano vigora o regime de «preço livre».

Sobre essa margem, e para nosso cálculo já que o IVA é pago em bloco, se encontrará o montante de IVA a entregar a. cofres do Estado.

Dezoito escudos de lucro

Ora, como facilmente se depren - derá, o montante de IVA sobre o preço final do café é mais que irre - levante, na ordem dos quinze to - stões a chávena, facto que obrigou o senhor Silva a recalcular as con - tas, obtendo um desvio entre o preço do consumidor e todos os custos onde se incluie a tal mar - gem de comercialização. E um de - svio de mais de uma dezena de escudos.

«Isso é o lucro», atalha de ime - diato o gerente. Números parecidos foram apresentados por outro ge - rente de um estabelecimento com nome na praça que veio confirmar a ideia.

«Noutro dia, estivemos a fazer a capitação e chegou-se à conclusão que haveria uma margem de 150 por cento», isto é, em cada trinta escudos, 12 são para custos e 18 para lucro. E daqueles doze, 7$68 são para pagar o café, já que o ge - rente garantiu que, «por questões de qualidade do produto», o moinho se encontrava regulado para fazer cair 6 gramas por café.

«Não se esqueça», não fosse o senhor Silva achar muito o lucro obtido, «que uma chávena que se parte são 110 escudos», enumeran - do os gastos que entram no movi - mento quotidiano de uma casa co - mo aquela. Contudo, o gerente concordou que se trata de um pro - duto que cobre os prejuízos ou as margens menores de outros, como os pratos mantidos a preços abaixo da média da zona.

E o Estado?

Como se viu, o Estado arrecada a taxa reduzida de oito por cento do comerciante, bem como os mes - mos oito por cento de qualquer fase do circuito entre o produtor e o consumidor.

Neste caso do café, os grãos vêm de fora, à volta de 20 mil to - neladas por ano, e sobre eles recai uma taxa aduaneira. «É essa taxa que dá origem ao montante que se encontra publicado no Orçamento do Estado», como disse ao senhor Silva um elemento do serviço de informação do Ministério das Fi - nanças. De acordo com o texto pu - blicado, o Estado chamará a si ne - ste ano 2,5 milhões de contos por conta do imposto de consumo so - bre café e mais não consta de específico relativo a este produto.

Das alfândegas sai para os arma - zenistas ou directamente para tor - refações. Em qualquer das fases, o IVA será o imposto a cobrar inci - dindo, como se disse, sobre as margens de cada um dos agentes.

«Geralmente, sai das alfândegas a setecentos e tal o lote», disse ao senhor Silva um empregado de uma loja de café com mais de 35 anos de casa. «Na torrefação, perde vinte por cento do peso e sai entre 900 a mil e tal», dependendo do ti - po e do lote, chegando ao re talhista ou o estabelecimento de consumo directo ao preço já referido.

Se não quer paga, não beba

Não restou dúvidas so senhor Silva que o verdadeiro imposto era cobrado pelos estabelecimentos, tributo válido já que se trata de um produto de longínqua necessidade, excluindo ser o combustível da maior das pessoas empregues em trabalhos fastiosos ou de ritmo ace - lerado, principalmente urbanos.

Combustível cujo depósito cheio deve estar limitado aos sete, oito

Continua na pág. 4

Coisas de linguagem militar Pág. 3

Número especial da «vértice»

Cardoso Pires e Ramos Rosa escrevem sobre José Gomes Ferreira Págs. 6 e 7

Monstros VIII

Chaké Matossian

De mais e pouco

À imagem do filósofo ou do homem de ciência, o artista atinge o génio ou o sublime, tomando como ponto de partida do seu trabalho o que repugna ao comum, o que horroriza o homem médio: um cadáver, por exemplo. O artista reenvia ao homem médio uma representação do real monstruoso, representação em que esse homem médio, pela confiança que deposita no trabalho do filósofo-artista, encontra um prazer, o do reconhecimento (Aristóteles), ou ainda o da satisfação de uma concupiscência mórbida (Sto. Agostinho).

Muito curiosamente, este homem médio, espectador do monstruoso em representação, será também o próprio objecto da pintura, o modelo por excelência, de qualquer figura.

A dissecação do cadáver revela-se necessária porque ensina o homem a pintar, o belo homem que Leonardo Da Vinci definirá como resultado de um cálculo, de uma média. É preciso conhecer o cadáver para pintar o ser vivo que aparece, decerto, como um corpo, mas um corpo dotado de alma, habitado por um sopro, um ar *invisível*. É ese sopro, esse vento subtil, que o pintor deve transmitir ao seu personagem, é essa invisibilidade que, exactamente, ele deve pintar.

Hume dirá, mais tarde, que o esteta percepciona o que o homem comum nem adivinha, a saber, «essas insensíveis diferenças» que escapam ao vulgar (1). Pintar o sopro invisível e presente requer que se passe pelo estudo do cadáver, pelo exame da morte que, apenas ele, deixa entrever a potência da vida.

Tal será, grosso modo, o problema da expressão. Esta é uma representação da paixão, o modo que o corpo utiliza para pintar, pelos seus movimentos, os movimentos da alma. Por consequência, incumbe ao pintor representar a representação, operar a representação da representação, ou ainda conseguir pintar o corpo que, ele próprio, pinta, os movimentos da alma.

Se falha, o pintor, aparenta-se a um mau criminoso — ao não deixar traços, o crime perfeito materializa, de certo modo, a invisibilidade — porque mata duas vezes o modelo: «essa figura será dita duas vezes morta, porque é pintada, por um lado, e porque nada exprime da alma nem do corpo, por outro» (2).

Se tem êxito, o pintor cria uma obra, dá vida a uma figura morta porque representada.

Graças ao exame do cadáver, o pintor aprende a estrutura do corpo e pode então pintar um corpo pleno, sólido, onde estão presentes, sem que no entanto os notemos, a construção óssea, a circulação do sangue, o movimento dos músculos.

Cada parte da figura *deve* a medidas e a proporções, incluindo as expressões que, no caso das paixões violentas,mostram a desmesura, o desregulamento que na alma se produz.

Isso mesmo provará Charles Le Brun no século XVIII, com as suas máscaras em que cada expressão de uma paixão advém de uma *deformação,* mais ou menos grande da figura equilibrada, da rede de base, que é tranquilidade (3)

O que o cadáver assinala é o poder extraordinário da vida, a maravilhosa organização dos corpos, a diversidade admirável que se encontra na natureza.

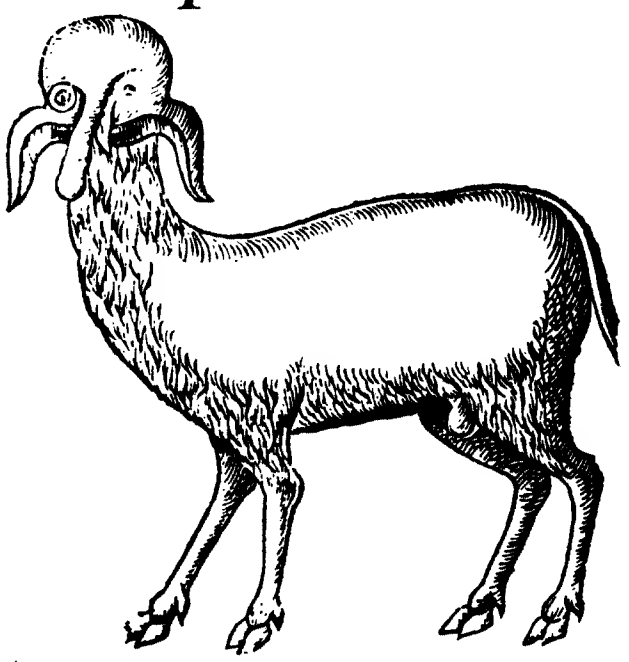


Imagem de um carneiro monstruoso

Diversidade não significa deformidade e, aqui, Leonardo está com Aristóteles. Trata-se de representar a variedade das formas através da normalidade que lhe confere a beleza: «é maravilha, na natureza, que não se veja nenhuma espécie idêntica a outra; por isso o imitador da natureza considera atentamente a variedade dos contornos; porém sou de parecer que devem evitar-se as coisas monstruosas, pernas compridas de mais, braços curtos em excesso, peitos estreitos, braços mais longos do que devem...» (2).

Do mesmo modo que aconselha que se evite o «demasiado» ou o «demasiado pouco» característicos da monstruosidade, Leonardo exclui a mistura dos géneros, como o gordo com o magro ou «formas envelhecidas com jovens, membros pesados e musculosos com outros delicados e finos, e traços masculinos com outros femininos» (2).

De modo bem mais subtil, o monstruoso é *o próprio artista*, quando ele penetra inconscientemente o quadro, ali projectando as suas próprias deformidades, e realizando — sem disso se dar conta — um auto-retrato repetido em cada quadro, uma série de auto-retratos, portanto.

O artista, para realizar uma obra, deve ultrapassar o narcisismo, e ultrapassá-lo duplamente: num primeiro tempo tem de considerar-se tal qual é, consentindo em perder o seu ideal e procurando voluntariamente os seus defeitos, assumindo-os, a fim de evitar — num segundo tempo — tratar o quadro como um espelho em que pintasse a sua *disformidade* e encontrando, aí, *prazer*. «Medida a proporção dos teus membros, e se a achas em algum ponto defeituosa, toma nota desse ponto e tem cuidado, ao desenhares, para não reproduzires esse defeito. Geralmente os pintores comprazem-se em fazer parecido com eles» (2).

Notas:

1) David Hume, *Les Essais Esthétiques*, segunda parte.

2) Leonardo Da Vinci, *Tratado de Pintura*

3) Charles Le Brun, «Conférence sur l'expression générale et particulière» pronunciada em Maio na Académie Royale de Peinture et Sculpture. Ver igualmente: Hubert Damish, *L'Alphabet des Masques*, in *Nouvelle Revue de Psychanalyse*.

Nova Iorque

Rui Zink

Acho imensa graça, isto é, não acho graça nenhuma, quando uma amiga se encosta no meu ombro e, chorosíssima, se lamenta de como é triste e faz claustrofobia estar em Lisboa quando podia estar em Nova Iorque a **curtir a onda.** Não que eu tenha particular simpatia pelos cartazes «É-bom-viver-em-Portugal», ou que conteste a existência de um mal-estar português, ou ainda que negue que, por vezes (muitas, infelizmente), uma pessoa se sente aqui fechada e tem vontade de ir dar uma curva, apanhar ar, se não sufoca. Tudo bem. Também não perfilho a teoria do **sofrer para crer,** nem considero que a dor seja a mais didáctica das pedagogias, e nisto discordo do Bom Senso Lusitano, que se regozija com a desgraça do próximo, e diz: «É para aprender...»

É na verdade um pouco estranho viver num País em que o amor ao próximo é tão grande que facilmente se transforma em ódio fenómeno que, todos sabemos, só acontece aos grandes amores, às grandes paixões. As pessoas de direita adoram sinceramente o dr. Álvaro Cunhal, daí que lhe façam tantos trejeitos — amor não correspondido, infelizmente. A esquerda, em contrapartida, sangra de desejo pela direita: de que outra forma lhe dedicaria tantos debates, tantos estudos, tantos sonetos? Repare-se que os maridos traídos raramente matam o outro homem, aquele que seria lógico matarem, porque dele só têm razões de queixa. Mas não, quem leva o tiro é sempre, infalivelmente, a mulher. E quando isso não acontece, quando **o outro** também morre, vem a provar-se que foi um acidente, que a espingarda se disparou sozinha ou que o ciumento enfurecido era míope...

Só estou bem onde não estou

Isto é que é estranho na minha hipotética amiga e no inúmero de pessoas reais de que ela é paradigma. Que um velho se queixe da vida e do mundo, acho normal; ambos estão, de facto, a maltratá-lo. Mas as crianças, Senhor, porque hão-de sentir tanta dor? A sério: que nos interessa a nós que haja «muita coisa» a acontecer em Nova Iorque? Que mania nova é esta de **consumir acontecimentos** a torto e a direito, e que consumo é este a que todos pensam ter direito?

«Lá, há montes de coisas a acontecerem», dizem-me. E depois, há azar? Bom proveito, acho bem, vão com Deus, mas na minha cabeça também há montes de coisas a acontecerem, e algumas bem divertidas (outras menos). Se já me vejo metido em dificuldades para poder ver todos os filmes, exposições e peças de teatro que me interessam aqui em Lisboa... (Por falar nisso, não vi o **Ran:** será que corro o risco de ser enforcado num candeeiro do Bairro Alto?)

Não sou fanático da auto-suficiência, mas atordoa-me um pouco a cada vez maior quantidade de fãs da auto-insuficiência. E acaba por acontecer uma coisa que seria engraçada se não fosse triste: quanto mais uma pessoa é desinteressante mais se queixa de que só encontra pessoas desinteressantes... **aqui.** Contudo desiludo-vos desde já: estão muito enganados se pensam poder ir resolver o vosso problema para Paris. O melhor que pode acontecer é passarem a corresponder-se com um imbecil que diz asneiras numa língua em que até as enormidades soam brilhantes.

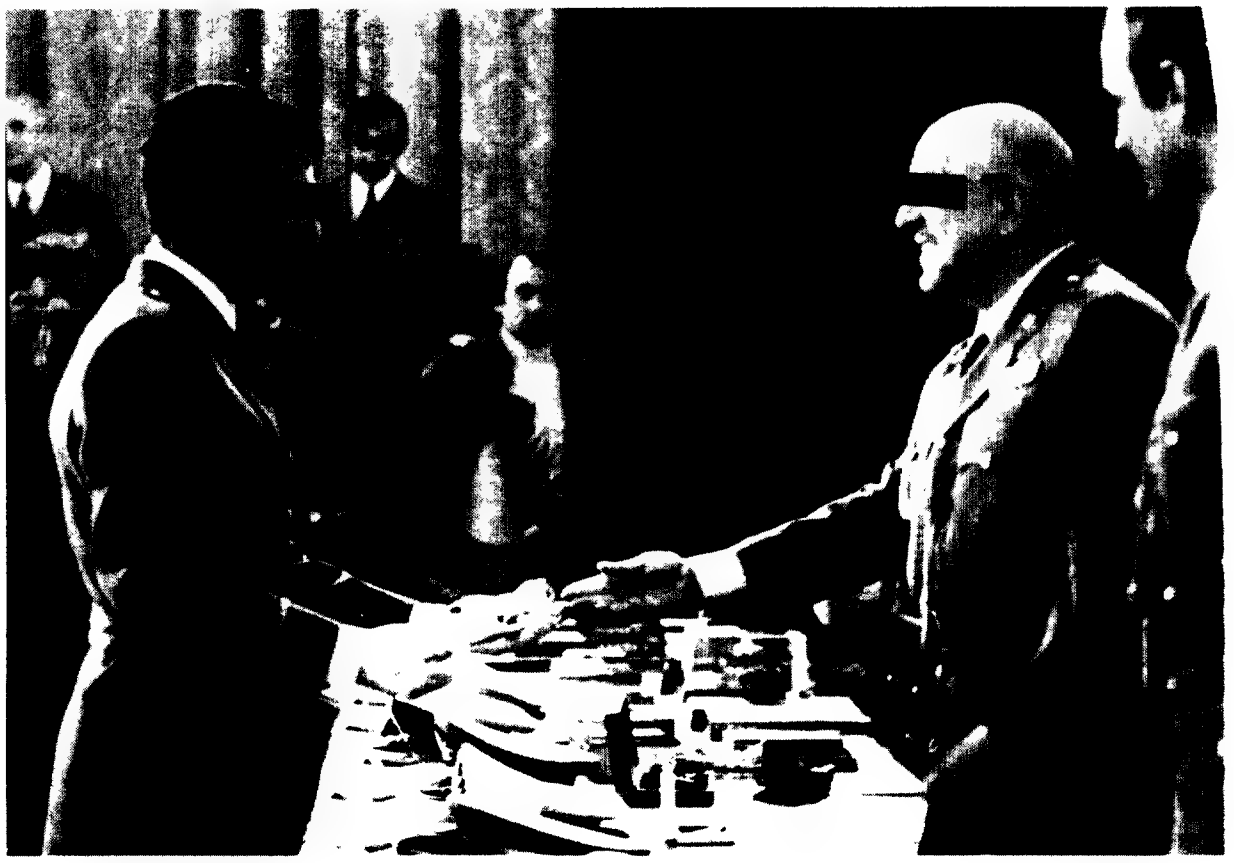
Ai, o que eu perdi!

Curiosidade intelectual é uma coisa, passivismo de quem quer uma chucha melhor é outra. Nós, como indivíduos, não vamos mudar só por irmos para — ou a — Nova Iorque. Diariamente estamos a perder montes de coisas que lá acontecem? Maravilhoso. Se lá estivéssemos estaríamos à mesma a perder montes de coisas que lá aconteciam. O primeiro grande acontecimento é aquele em que intervimos.

Gosto da minha vida. Devo mesmo dizer que alguns dos melhores momentos da minha vida passei-os comigo. A minha vida é interessante.

A sua não? Então, dou-lhe um conselho: meta um anúncio no jornal e troque-a por uma passagem, só de ida, para Nova Iorque.

Normas de etiqueta e comportamento entre militares



Os militares continuam a utilizar o português corrente como qualquer outro cidadão. Mas no interior dos quartéis e uma vez fardados, eles vestem também a tradição de uma linguagem própria, incrustada em hábitos que o tempo só veio confirmar. Por exemplo, o termo «ataviado» tem apenas sentido dentro da caserna. Cá fora ele é praticamente desconhecido, e o comum das pessoas pensa que o seu significado deve ser equivalente a qualquer coisa do género de «apalermado» ou «gaseado», o que em nada corresponde à realidade. «Ataviado» representa sim a perfeita consonância entre os botões, o nó da gravata, os emblemas, o brilho da bota, os elásticos das calças, e o boné dum militar.

Vêm estas observações a propósito do universo de regras de comportamento e etiqueta da instituição militar materializadas quer numa tradição oral solidamente enraizada quer em manuais de civilidade reeditados ano após ano com a chancela editorial do Dept. de Pessoal, 1.ª Rep. do EME (Referimo-nos ao RDM — regulamento de disciplina militar, e ao RGSUE-reg. geral do serviço das unidades do exército). É nossa opinião que para uma visão sociológica dessas normas e padrões de comportamento importará destacar o papel determinante da linguagem militar e a sua função altamente integradora em relação à comunidade. É pela linguagem — estamos em crer — que os valores essenciais são preservados e transmitidos de incorporação em incorporação.

As formas linguísticas de tratamento interpessoal estruturam-se em torno de duas palavras-chave: o **meu** e o **nosso.** Nada há aqui de comum com a linguagem de certos meios culturais jovens, pois estas formas de comunicação oral duram há gerações, e distinguem-se dos fenómenos de moda. Geralmente a expressão «Ó meu...» é sempre seguida de um sintagma indicativo da patente do destinatário (ó meu... alferes!). Examinemos mais em pormenor estas expressões: MEU é utilizado quando um subordinado se dirige a um superior, e exprime uma relação unívoca e de exclusividade para com aquele, investindo-o na sua autoridade com o simples emprego da fórmula. NOSSO, por seu turno, designa a comunidade dos subordinados face a um chefe comum, identifica a profunda comunhão de todos em estarem ali, naquele momento, na presença dele.

Mas este sistema dualista «MEU-/NOSSO» complica-se profundamente quando estão presentes três elementos (a estrutura mental militar é mais adaptável à álgebra Booleana de 0 e 1, ou seja, de Sim(s) e Não(s). A introdução de um terceiro elemento pode destruir todo o sistema). Vejamos um exemplo concreto: se um cabo desejar falar com um tenente na presença de um major, a primeira coisa que deve fazer é pedir ao major licença para tal, pois qualquer tratamento deve ser dirigido à patente mais elevada em campo. Dirá então: «O meu major dá licença que peça uma coisa ao NOSSO tenente?» — ou seja em relação ao major o tenente é nosso, faz parte da comunidade cá de baixo. Uma vez autorizado o cabo passa a estar só em sintonia com o tenente, desfazendo-se assim o triângulo. Nessas circunstâncias dirá: (por exemplo) «O MEU tenente tem por acaso aí a picareta do nosso primeiro para levar ao meu coronel que está a cavar a sua cova?» E assim, num ápice, o tenente é promovido de nosso a meu; passa do grupo dos dirigidos ao dos dirigentes. O mais curioso é que no espaço de 24 horas estas recolocações dão-se 5, 10, 20 vezes.

Há no entanto uma excepção à movimentação constante dos atributos de um sujeito; designamo-la por **isomorfismo do Nosso.** Referimo-nos com este conceito ao grupo dos soldados que nunca passam a meu porque nunca podem gozar uma única oportunidade de dar uma única ordem. Restringem-se portanto a serem sempre nossos. É o lugar do morto. A «categoria» soldado é de facto definida somente em função de um feixe de deveres:

«Os soldados têm por dever o exacto e pontual cumprimento dos serviços de que foram encarregados, previstos neste e noutros regulamentos, e desempenhá-los com zelo e dedicação» RGSUE. AAVV; Lisboa, 1980, 1.ª Rep. do Dept. de Pessoal do EME, 1.ª parte, Cap. II, art.º 16 «Dos soldados». E é tudo. Quanto a soldados até já se disse de mais.

Mas a linguagem militar dispõe ainda de outros termos adaptados a situações de relativa informalidade. «Bazaroco», por exemplo, é um aspirante a «maçarico», enquanto «maçarico» é um bazaroco transitório, e «castiço» é a síntese de ambos, ou seja, um maçaroco. O primeiro é o recém-chegado, o segundo um aprendiz que não vestiu bem a pele do personagem, e o terceiro um acomodado às situações. O tom informal destas formas de tratamento não apaga de todo os vestígios da hierarquia: se é completamente improvável que um bazaroco dê bailarico ao maçarico, já o inverso é perfeitamente corrente: o maçarico dá bailaroco a tudo e todos. É essa a sua definição.

As normas de etiqueta progridem assim do tratamento relativamente informal até ao tratamento oficioso e administrativo. Neste último caso encontramos a par do MEU/NOSSO uma outra expressão assaz interessante: o ser moderno. Na linguagem castrense diz-se que alguém é **mais moderno** quando em comparação com todos os graduados do mesmo posto ele é o último que atingiu essa graduação. Por outras palavras, é o «maçarico» de uma determinada patente. Obviamente que na linguagem formal não se emprega a palavra «maçarico» preferindo-se dizer que o militar x é o mais moderno. Simplesmente esta expressão gera equívocos. Moderno não é um conceito de ordem temporal ou cronológica, e portanto mais moderno não pode exprimir uma graduação numa escala de tempo, mas sim uma situação de facto. Trata-se de um conceito que opera no plano sincrónico e não no diacrónico. Dizer «o coronel y é o mais moderno» não é o mesmo que dizer que ele entra todos os dias no quartel na sua Honda 250, bronzeado, walkie-talkies nos ouvidos, jeans coçados, e com a Down Beat debaixo dos braços. Não está em causa uma qualidade do indivíduo (a modernidade) mas somente a sua posição relativa numa escala temporal.

Se passarmos agora das normas de etiqueta oral para as escritas, veremos que o Estado-Maior tem feito campanhas exaustivas no sentido de reprimir as diversas correntes de opinião e os dialectos que proliferam nos quartéis, procurando uniformizar ao máximo a linguagem.

«1. A redacção dos documentos militares além de levar em conta as normas de respeito e os preceitos específicos da vivência militar, deve ser clara, precisa e concisa, usar linguagem corrente e destacar o essencial.» GSUE, ob. cit., 2.ª parte, Cap. II, Secção B, art. 6, Normas Gerais para a elaboração de documentos.

À altura em que este preceito é publicado existiam três correntes entre os sargentos-mores divididas quanto ao preenchimento de impressos: os filintianos (seguidores de Filinto Elísio, praticamente sediados na Infantaria, exaltando as virtudes do contacto com a natureza) os queirosianos (de Administração Militar, mais virados para as peripécias urbanas) e os vanguardistas (de Cavalaria e Engenharia que procuravam estar sempre na frente).

Reagindo contra esta multiplicidade de escritas a norma segunda para a elaboração de documentos diz:

«2. Todas as conclusões devem ter o carácter afirmativo ou negativo, sendo evitadas as expressões redundantes, evasivas ou sem responsabilidades» (idem).

Preceito como se vê claramente Booleano. O escrito deve devolver a imagem de uma posição 0 ou 1 de memória. Todo o raciocínio caminha para se chegar ao Sim final ou ao Não derradeiro.

Entre esse Sim e esse Não fica apenas o espaço da irresponsabilidade civil. No militar qualquer pensamento deve equivaler a uma decisão.

Uma última norma veio uniformizar as grafias nos quartéis introduzindo finalmente alguma ordem nos documentos. Segundo consta o EME fartou-se de ver papéis com o título de «Relatório de dezaçeis de Março» ou «Contas da cétima repartissão» publicando assim a norma terceira:

«3. É obrigatório o uso da ortografia oficial» (idem)

Diego Afonso

O espectáculo (do) quotidiano

A Pátria agita-se?

CRESCI, como quase todos nós, sob o olhar vigilante e exigente da Pátria. («Ó minha terra, não sou ninguém, mas se houver guerra, quero ir também, morrer por ti lá nessa Pátria ideal, que eu nunca vi mas que é também Portugal» — se a memória das cantigas me não falha...). Cresci, como quase todos nós, a pensar que não havia no mundo cantinho melhor para viver e que a História era uma longa série de invejas por parte de estrangeiros que, periodicamente, nos vinham cobiçar o torrão. Os espanhóis eram os piores, claro, mas, dos sarracenos aos franceses, passando até pelos nossos aliados britânicos (ah, o mapa cor-de-rosa!...) era um rodopio de agrestes criaturas. E lá íamos, cantando e rindo, levados, levados sim...

Se a Pátria era assim, desde há oito séculos, rodeada de abutres, dos quais os mais perigosos eram os Miguel de Vasconcelos, que, contudo, acabavam sempre por malhar com os ossos no lajedo das ruas, não era de estranhar que todos os dias alguém nos viesse precaver contra os inimigos da Nação, danação que nos coubera em desdita. Cresci com a invasão da Índia, o «rapidamente e em força», a guerra de África, a ideia de que mais importante que o cidadão era o Império que se ia consumindo. Cresci com a noção de que o comunismo e a sífilis eram as pragas que havia que evitar. Quando um ministro aparecia na televisão para nos avisar contra a subversão nas ruas e nos corações — que fazer senão concordar?

Soube depois que as coisas eram muito diversas. E há quase treze anos que ninguém nos vinha prevenir contra acções antipatrióticas, perpetradas portas adentro do corpo nacional.

Este fim-de-semana, milagre, um ministro rompeu o silêncio e voltou a prevenir-nos contra a agitação que andam a fomentar no coração dos nossos filhos. Foi o ministro da Educação quem assim retomou uma das práticas mais tradicionais do discurso político lusitano: a contestação juvenil não é um protesto, é uma cabala, para servir interesses pessoais (inconfessáveis ?), quiçá movida por antipatriotas; não chegou o senhor ministro a falar de rublos mas andou lá perto. Voltamos a casa...

Há um ditado popular que diz que se albarda o burro à vontade do dono, o que os políticos costumam traduzir por «para cada audiência, o seu discurso»; algum pudor patriótico que guardo para estas ocasiões leva-me a supor que o senhor ministro não pensa rigorosamente o que disse mas que o estatuto da audiência o levou a tão longe chegar. Mas no espectáculo do nosso quotidiano político tal discurso não deixa de ser revelador. Quando a Direita afirma (e acredita?) que a juventude se veste com as suas cores, deve ser particularmente incómodo — e matéria de não pouco espanto — vê-la contestar o exercício do Poder por essa Direita, em assuntos que lhe dizem directamente respeito. A contestação juvenil só quer dizer uma coisa, hoje como ontem ou amanhã: que ela se move, sinal de vida. Coisa perturbadora para quem a julgava na mão, à mão, à rédea. Quando o senhor ministro avisa os pais dos «nossos filhos» que há uma agitação antipatriótica em gestação, tal facto só demonstra uma coisa: o ministro tem medo. Quanto à Pátria, essa vai bem, muito obrigado.

Jorge Leitão Ramos

Fotografia 6 — Figuras do Espanto

Das proximidades possíveis de um longínquo

OS modos novecentistas de relacionamento com as fotografias não se ficavam, porém, nessa piedade quase passiva da retenção fotográfica, tal como não se esgotavam na constatação alucinada de um ser da luz que queimava a imagem para se impor aos olhares. Na realidade, a humildade fotográfica de um Talbot e a piedade visível dos fotógrafos que iniciaram a incansável anexação do visível cedo foi continuada, transmutando-se, pelo sentimento de um poder até nunca experiementado, e que não se reduzia à capacidade de fazer da luz o lápis da natureza. Tratava-se, antes, do poder de desafiar o tempo na sua corrida inexorável, e de desafiar na imagem o trabalho inexorável da morte que devasta os corpos. O poder, em suma, de guardar para um hoje que ainda não é a imagem de um hoje condenado a já então não ser. À superfície do mundo, dificilmente podem os nossos olhos experimentar a temporalidade diferida da propagação da luz, ficando-se eles antes pela comodidade da ilusão do instantâneo. As nossas luzes teimam em ser sempre demasiado velozes, obstinam-se em fazer com que, para nós, sejam sempre coincidentes os momentos das suas partidas e das suas chegadas. Para que a luz perca para nós esta exasperante pontualidade, para que possamos ter o privilégio de receber uma luz envelhecida, torna-se necessária a interposição de distâncias cuja imaginação é para nós pnosa. Assim com a luz das estrelas, e a este respeito não poderemos aqui deixar de citar uma nota de Delacroix concernente aos Daguerreótipos da estrela Vega, conseguidos em 1850 em Cambridge: «Como a luz da estrela que foi daguerreotipada levou vinte anos a atravessar o espaço que a separa da terra, o raio que a placa fixou tinha, assim, deixado a esfera celeste muito antes de Daguerre ter descoberto o processo graças ao qual acabámos de conseguir controlar essa luz» (2).

Sarah Bernhardt, fotografada por Nadar entre 1860 e 1865

A monstruosidade da distância que aqui está em jogo deveria dar-nos que pensar em relação aos estranhíssimos efeitos de distanciação temporal que a retenção fotográfica introduz no nosso relacionamento com as aparências do mundo. Recorte do visível e talhe abrupto do tempo, o acto fotográfico não apenas necessita a distância espacial para com o objecto fotografado como condição da sua efectuação como também institui uma separação temporal radical entre esse objecto e o aspecto fotográfico que dele se extirpa. Separação que não cessa de se aprofundar, espécie de chaga do tempo que nada poderá a partir de então sarar. Separação sensível logo no início, no momento cego em que uma imagem latente, depois de nos ter obrigado a esperar a sua revelação, se forma lentamente sob os nossos olhos espantados: aí, como diz Kozloff, «cada vez que uma fotografia é revelada, o vestígio de uma vista perdida volta para nós como se recuperada de algum abismo» (2). Cabe aqui um parêntisis: como veremos proximamente, a recuperação fotográfica dos aspectos corresponde a algo mais do que ao exumar das ruínas da percepção, no sentido em que estas amostras de tempo apreendido, na sua inteireza, na sua perfeição fotográfica, consignam em imagem uma visibilidade excessiva que a cada momento se nega aos exercícios vagabundeantes do olho.

Mas, e é isso que nos interessa agora, essa fragmentação fotográfica da propagação da luz e dos aspectos, o ritmo irregular que daí decorre para algumas aparências deste mundo, parecem não chegar, na maior parte dos casos, a ser percebidos como efeitos de distância. A fotografia instaura antes, ao que parece, um regime de proximidade dos longínquos através de uma subtil e multifacetada confusão entre o objecto e sua imagem, a pessoa e sua efígie, a que não é de todo estranho o tacto de que é a própria luz que deles provém que é retida e fixada nas suas imagens. Como dizia Elizabeth Barrett, já em 1843, «Desejo possuir a recordação de todos os seres do mundo que me são queridos. Não é só a semelhança que é preciosa em tais casos — mas a associação e a sensação de proximidade (...) *o facto de a própria sombra da pessoa estar ali fixada para sempre*. Penso que é a própria *santificação dos retratos* — e não me parece nada monstruoso dizer, apesar dos protestos veementes dos meus irmãos, que preferia ter uma recordação assim de alguém que muito amei do que a obra de arte mais nobre jamais produzida.»([3]) Ressonância humana nos factos que, para além da reprovação das belas almas artisticamente educadas, afirma o poder da fotografia de *avivar as nossas ideias* através da representação associada de uma contiguidade passada (sujeito-câmara) e de uma causalidade suposta mas segura (a da luz como aquilo que determina a produção desse pequeno sistema de sombras que é uma fotografia).

A santificação dos retratos, de que fala aqui E. Barrett, situa-se precisamente no ponto em que esta mesma sombra, sendo representada pelo sujeito como casualmente decorrente da acção da luz reflectida pela pessoa, adquire o estatuto de *relíquia* e por isso nos autoriza aqui um reenvio mais directo para os escritos de David Hume, uma vez que este autor tinha já então contribuído em muito para a clarificação das razões que justificam o valor atribuído pelos devotos às relíquias dos santos. Quer se tratasse de objectos produzidos pelas mãos dos virtuosos ou de simples objectos pessoais que lhes tivessem, em vida, sido contiguos, as relíquias estariam «ligadas a eles por uma série de consequências mais curta do que qualquer das que nos fazem saber que eles existiram realmente»([4]), representando assim para o sujeito devoto uma materialidade presente que aproxima, de certo modo, uma corporalidade ausente. É numa relação deste tipo que se devem procurar as raízes da sensação de proximidade evocada por Elizabeth Barrett, e que aqui se entrelaça com a fabricação ou preservação de uma crença. Porque, como dizia ainda David Hume, «uma impressão presente junta a uma relação de causalidade (que no seu sistema filosófico pressupõe sempre a representação associada de uma contiguidade) pode avivar qualquer ideia e pode... por conseguinte produzir a crença ou o assentimento».([5])

Pedro Miguel Frade

Notas:

(1) Citado a partir de Susan Sontag, *Ensaios sobre a fotografia*, D. Quixote 1986, pág. 139.

(2) Max Kozloff, *Photography and Fascination*, Addison House, N.Y. 1979, p. 101.

(3) In Sontag, op. cit. p. 159.

(4) David Hume, *Traité de la Nature Humaine*, Aubier-Montaigne, Paris 1973, Tomo I, p. 178.

(5) Idem, p. 178.

Julião Sarmento

Sarmento na Documenta 8

Julião Sarmento estará na *Documenta 8*, a mais importante exposição de arte contemporânea que se realiza em Kassel, na RFA, de cinco em cinco anos. O pintor esteve já na edição da *Documenta* de 1982, e foi novamente convidado a participar na deste ano, que decorre entre 12 de Junho e 20 de Setembro. Esta semana, Sarmento está em Zurique (na *Forum*) e, de 10 a 17, em Madrid, com uma exposição individual na ARCO 87.

Em Madrid estão também representados Pedro Cabrita Reis, Pedro Proença, Juan Muñoz e Cristina Iglesias — todos eles com a galeria *Cómicos*, de Lisboa.

Agathe Gaillard em Lisboa

No Módulo-Porto, é inaugurada esta tarde a exposição da obra gráfica internacional, incluindo trabalhos que se destacaram na arte europeia durante os últimos 30 anos. Na Módulo-Lisboa, a partir de dia 6, fotografias da Galeria Agathe Gaillard: Alvarez Bravo, Bill Brandt, Doisneau, Kertesz, Lartigue, Freund... No dia 5, a galerista participa numa mesa-redonda sobre fotografia contemporânea no Instituto Franco-Português (às 18 e 30), onde também abre a exposição «Fotografia Portuguesa nos anos 80».

Um poderoso fascínio, também para a geração mais jovem

Fotos José Tavares

Pomar

Para além da sua qualidade e importância: a retrospectiva de Júlio Pomar consegue atrair um público numeroso, com muitos jovens, à grande sala das exposições temporárias da Gulbenkian. O Sete Ponto Sete publica aqui, do catálogo, o texto introdutório do director do C.A.M., José Sommer Ribeiro.

JÚLIO POMAR foi sempre um pintor incómodo, tanto para os seus professores como para os colegas, os políticos e, especialmente, para os críticos.

Quando entrámos para a Escola de Belas-Artes de Lisboa, no velho Convento de São Francisco, em 42, Pomar, com apenas 16 anos, era o mais jovem do nosso curso. Aí, apesar de nos ser ministrado um ensino obsoleto, Pomar conseguia nos seus trabalhos uma baforada de modernidade que muito indignava os velhos mestres. Os colegas admiravam-no pela sua cultura, muito superior à da maioria, mas, por vezes, esta enfadava-os. Por tudo isto, não admira que, ao fim de um ano, Pomar partisse para o Porto, onde pensava ir encontrar um ensino mais actualizado.

Para os políticos de direita, Pomar foi incómodo através dos seus escritos, na página de cultura do jornal «A Tarde», do Porto, onde, em 1947, durante cerca de seis meses, lutou por novas ideias, não só estéticas, mas também sociais, que o conduziram, no mesmo ano, ao presídio político de Caxias. No entanto, continuou a bater-se por elas, como em 58, data de extrema importância na vida política portuguesa, em que se pensou ser a altura possível para abrir o caminho da verdadeira democracia. Tal não aconteceu, e o próprio Pomar, no livro de Helena Vaz da Silva intitulado *Com Júlio Pomar*, confessa: «O pouco tempo que me sobrava queria voltá-lo para o meu trabalho, e não para as discussões intermináveis à volta de uma mesa.» Assim, começa igualmente a ser incómodo para uma determinada corrente política de esquerda.

Todavia, Pomar não deixa de assinalar na sua pintura os grandes momentos políticos, como é o caso do *Ciclo Maio de 68*, agora exposto pela primeira vez.

A crítica acolhe com entusiasmo o seu aparecimento durante o período neo-realista(1). Mário Dionísio e Ernesto de Sousa são os mais entusiastas, e José-Augusto França, no seu livro *A Arte em Portugal no século XX*, considera-o «o mais brilhante dos cultores do neo-realismo de 45».

A viragem da sua pintura dá-se em 58 e, como bem assinala Rui Mário Gonçalves, o quadro *Maria da Fonte* é a charneira dessa mudança.

Desde então, a crítica portuguesa acentua a «sua hábil pincelada» quando se refere às pinturas da *Tauromaquia* e das *Corridas de Cavalos*, esquecendo-se de que obras como *Os Cegos de Madrid* e a série *D. Quixote* não são unicamente fruto de pinceladas habilidosas. Começa a ser difícil comprometer Pomar com qualquer movimento.

Nos anos 70, quando da sua série *Banhos Turcos de Ingres*, fala-se muito de influência de Matisse e de outros grandes mestres da pintura contemporânea.

Para mim, não são influências. Pomar estuda o que lhe interessa em cada um desses artistas, criando depois uma obra muito pessoal, o que, felizmente, se manteve até às suas séries *Erótica, Os Tigres, Os Retratos*, etc . . .

É perturbante que a crítica não tenha assinalado, com o devido destaque, a Exposição Au tour du Bain Turc, realizada no Museu do Louvre, em 71, onde participaram 15 artistas, entre os quais Labisse, Jiri Kolar, Man Ray, Picasso, Rauschenberg e Raysse, e na qual Pomar foi convidado a expor.

Quando pensei que tinha de escrever estas linhas sobre Júlio Pomar, a quem estou ligado por uma sólida e velha amizade, julguei que me seria difícil fazê-lo. Porém, ao tornar a analisar a sua obra e tudo quanto tem sido escrito sobre ela, concluo que tal não aconteceu, pois Pomar é, sem dúvida, um dos grandes pintores portugueses da segunda metade deste século.

Esta Exposição Antológica, em cuja preparação o artista participou activamente, irá bem demonstrar o que acabo de afirmar, e julgo que não só é importante vê-la, como também ler os escritos do artista, dos quais distingo, muito especialmente, *Da Cegueira dos Pintores*, pois aí sentiremos todo o seu poder de criação e de autocrítica, que lhe tem permitido realizar uma obra que nunca ficará na dependência de movimentos artísticos em voga.

José Sommer Ribeiro

Nota:

(1) Em Portugal, durante a ditadura de direita, o realismo social foi chamado de neo-realismo.

Número especial da Vértice sobre José Gomes Ferreira: sai agora, datado de Julho a Dezembro de 1986. «Evocamos com este número um dos melhores de nós — diz o editorial, não assinado. — Não para alimentar a nostalgia, mas para garantir que continuamos seus seguidores (...)». O número recolheu colaboração especial de António Ramos Rosa, Carlos Santarém Andrade, Casimiro de Brito, Fernando J. B. Martinho, Fernando Piteira Santos, Gregory McNab, Helena Riausóva, Laurence Roux, Luiz Francisco Rebello, Manuel Frias Martins, Maria da Glória Padrão, Maria Graciete Besse, Pavla Lidmilová, Samuel Fraga, Artur Ramos, Baptista-Bastos, Gerald Moser, José Cardoso Pires, José Manuel Mendes, Mário Dionísio, Urbano Tavares Rodrigues e Wanda Ramos. Maria Velho da Costa enviou o excerto do seu próximo romance, Missa in Albis, *e Fernando Lopes Graça a música para* Vivam, Apenas, de José Gomes Ferreira. Um punhado de fac-símiles de manuscritos e numerosas fotos ilustram a edição. Com a devida vénia, o Sete Ponto Sete *saúda a iniciativa da* Vértice *reproduzindo dois dos textos ali incluídos:* Proposições sobre a Poesia de José Gomes Ferreira, *de António Ramos Rosa, e* De lembrança em lembrança, *de José Cardoso Pires.*

Vértice – um número duplo muito especial

De lembrança em lembrança

QUANDO ele nasceu (1900) nascia o século e andava um zepelim no ar. Coisa mágica, aquela: uma criança acabada de abrir os olhos para o mundo e uma nave de prata a subir em céu azul.

Quem assim nasceu já se sabe que vinha marcado pelo sonho e José Gomes Ferreira nunca, pelos anos fora, deixou de hastear essa bandeira. Viveu a *belle époque* republicana das crianças do «Oh, escolas, semeai», o livro aberto da Universidade Livre, a revolução socialista e o racionalismo dos visionários universais. Viveu igualmente o pesadelo, o lado monstruoso do século, guerras, fascismos, campos de concentração, cristandades salazaristas, maldições atómicas. Um filho preso, um amigo morto — também isso fez parte da noite dele e de tantos de nós. Censuras de ministérios corruptos, ladainhas de resignação. Tudo isso.

Mas o balão da sua infância subia, subia sempre e os sonhos iam-se cumprindo. Ditaduras que caíam, umas atrás das outras; impérios que naufragavam, cavernosos; um Portugal sem medo e finalmente livre.

Tudo porque, como disse outro poeta, o sonho comandava a vida e fazia-se razão.

Há um retrato

Há um retrato pintado por Fred Kradolfer, 1932, que dá o José Gomes Ferreira em juventude atenta até aos últimos dias. Há outro que o vê na oficina das máscaras e dos espelhos da sua obra poética e esse foi Carlos de Oliveira que o escreveu. Há aqueles que os amigos mais dedicados guardam hoje dele — Lopes Graça, Mário Dionísio, Nélson de Matos — e que muitas vezes entrevemos numa frase ou num apontamento carregado de tempo e de ternura. E há evidentemente o grande painel da *Vida e Obra* em que Alexandre Pinheiro Torres desdobrou o Poeta nas suas raízes e nas suas múltiplas imagens. Começa assim: «No ano em que o zepelim se arriscava ao seu primeiro voo triunfal.» Averba a seguir vários triunfos da ciência e da tecnologia e termina o certificado registando que «nesse ano nascia no Porto e, muito a propósito, na Rua das Musas, José Gomes Ferreira».

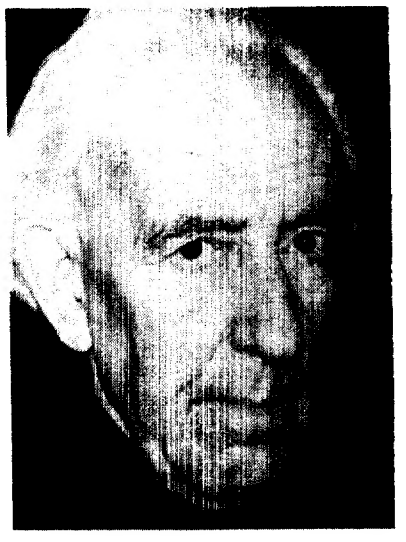
Difícil, muito difícil falar-se de Zé Gomes sem se falar deste livro, penso eu.

Certa noite, num desenho

Eu, naturalmente, também guardo a minha imagem pessoal do Zé Gomes, que vem dos primeiros encontros que tive com ele fora dos versos (no teatro de Manuela Porto e na Academia dos Amadores de Música) e que se conservou para sempre nas linhas fundamentais, apesar dos muitos reflexos com que o Eu literário dele o distanciavam ou confundiam de verso para verso.

Era, antes de mais nada, a imagem de um romântico voluntário que ironicamente se assume como tal, talvez, não sei, ainda na continuidade daquele retrato tão nocturno que o Stuart fez dele aos vinte anos. Mas agora já sem a menor sombra de dramatismo e em vez de solidão, pudor. Pudor e fidelidade natural ao mundo dos outros, qualquer coisa de príncipe republicano nascido em bairro comunal.

Depois, tudo nele se movimentava por uma preciosa acuidade em com-



preender o erro alheio e por uma serena verticalidade perante a mentira e o oportunismo. Simples e comovido perante os pequenos nadas da existência ou as grandes causas do destino (este Amigo Lagarto que ele saúda ao passar numa vereda, esta criança ao sol, este estandarte, este adeus de Allende) e, em contrapartida, inabalável perante os corruptos da inteligência e os torturadores do povo. Era, é, muito assim o Zé Gomes da vida e dos livros.

Uma noite, num jantar comemorativo de há muitos anos, alguns instalados na boa consciência arengavam arabescos enojados contra os primarismos das censuras salazaristas. Queriam um inimigo de alta competição? Queriam-no como um interlocutor para dialogar em cultura? Queriam-no, assim, ainda mais tenebroso porque mais reforçado de poder?, perguntava-me eu. Não, aquilo não tinha sentido; Zé Gomes, ao meu lado, limitava-se a desenhar qualquer coisa num papel.

À saída, tirou-o do bolso e ofereceu-mo: era um bicho kafkiano todo feito de picos e de articulações desirmanadas. «O Intelectual», escrevera ele por baixo do desenho, com assinatura datada.

Ainda hoje o guardo entre as páginas do *Panfleto contra a Paisagem* como mais um poema do mundo desabitado.

Viver sempre

De lembrança em lembrança ressalta-me o terrível golpe na vida de José Gomes Ferreira. O corpo do seu grande amigo estendido em câmara ardente, e ele numa resignação assustadora. Ele a olhar à volta e sem se dar conta da destruição que lhe ia por dentro.

«Viver sempre também cansa», dir-me-ia mais tarde, repetindo ao vivo o que muito antes dissera em frase de livro. Mas nessa altura já ele estava em caminho de morte e referia-se a si próprio. Como que a despedir-se.

O Eu e o Outro

Sempre que o leio, sempre que o lemos, o que seduz é o sucessivo equacionar das relações contraditórias: mito e realidade, natureza e civilização, convenção e moralidade, individualismo e comunidade. Aí, o Eu vem do Outro que nos confronta e o absurdo revela-se-nos como lógica social do quotidiano. Todo o José Gomes Ferreira é, digamos, uma demonstração de inconformidade militante perante a organização do mundo habitado e dos seus símbolos. Aborda-o servindo-se de máscaras próprias (como autor-actor) para denunciar as máscaras culturais com que o cidadão se situa em relação a si próprio e aos outros, e, ao cair do pano, último verso, já se sabe: é ele, Homem que deixa cair o disfarce de personagem poética e põe à vista os trunfos viciados do jogo da vida.

Jogo, sem dúvida. Encenação. A poesia e a crónica de José Gomes Ferreira são deliberadamente construídas assim, penso eu. Mas o que mais me importa é que essa denegação do aparente e do organizado resulta duma praxis antidemagógica de confrontação: bem no fundo, o obstinado horror à demagogia é o sentimento que lhe impulsiona a escrita.

Na verdade, ele tanto interroga o óbvio e o lugar-comum como o conceito excomungado, como a alegria duma revelação. Cada texto seu é um *«panfleto contra a paisagem»*. Daí que se tenha chamado a si mesmo, e por extenso, poeta militante; e, vendo bem, que é a poesia se não uma íntima e pessoalíssima corrosão das sintaxes que nos organizam na vida e na expressão? Como homem e como voz sabemos de que lado sempre esteve e no entanto ouvíamo-lo perguntar-se a meio do verso: «Que sei eu do povo?».

Uma frontalidade assim, um desafio ao próprio como este, é acima de tudo uma chamada de consciência à demagogia literária e política circundante. E, se interrogar-se nos outros e aos outros em si é sair do *«mundo desabitado»*, *então foi essa a trajectória que conduziu José Gomes Ferreira ao «mundo dos outros»* e o fez militante do povo.

Electric Cinema

Também não esqueço que ele foi pioneiro do cinema português, nos anos trinta (com Keil do Amaral, Bernardo Marques e Carlos Botelho). *Aldeia da Roupa Branca*, o argumento do filme era dele e tinha aquela saudável réplica ao «western» da corrida das carroças das lavadeiras em pleno Texas saloio.

Mas nessa altura começava por cá o império da mediocridade serventuária encabeçada por Lopes Ribeiro, e José Gomes Ferreira fechou a experiência com uma cruz. Chianca de Garcia, o realizador, também. Fui encontrá-lo um dia em Copacabana a cumprir o seu longo e modesto exílio voluntário, acompanhado, sempre acompanhado, dos livros e das recordações do seu amigo de Lisboa.

Chianca tinha-se tornado o admirável cronista que chegava até nós através do *Diário de Lisboa*. Foi ele que me fez o mais comovido retrato do poeta-quando-jovem nessas conversas que tivemos no Rio com um oceano de tempo pelo meio.

Outro retrato, ainda

«Há entre nós ambos, menino, uma tão grande diferença de idades que pouco conservados estamos: pergunta aos da fatia de gente e comoções entre nós se eu não podia ser tua avó — É que podia.»

Isto escreveu Maria Velho da Costa (*Cravo*, 1976) numa cantiga de amigo intitulada *Zé Gomes* e a ele remetida publicamente quando o dito ia na casa dos setenta. «Eu era lá capaz de entender a seco que um penedo é de pedra num parêntesis e pô-lo de seguida a dizer coisas de alma, a ilustrar o sol», cantou ela então, alegre como uma cotovia, ao avôzinho-irmão. «Eu era lá capaz desse operariado das rosas, dessas odes de sacho e pianíssimo.»

Assim, sim, dá gosto ouvir. Cantar um amigo enquanto vivo, sabê-lo antes do inventário e prestar-lhe homenagem e companhia, aí, sim, aí é que está o talento da amizade. Muitos o fizeram — Lopes Graça, Mário Dionísio, Nélson de Matos, Pinheiro Torres, Carlos de Oliveira. Para mim há um pouco de cada um deles no Zé Gomes que partiu.

A lua, finalmente

Certas figuras volantes de Chagal e certos personagens nocturnos de José Júlio, quer eu queira, quer não, lembram-me uma infinidade de versos de José Gomes Ferreira. As nuvens e a lua, dois lugares-comuns do lirismo de bilhete-postal. A lua, sobretudo, como ilustração declaradamente consagrada do sonho — algum português das letras foi mais pontualmente noctívago do que o Gomes Ferreira?

Ainda o vejo a subir a pé a Avenida da Liberdade depois dum serão de trabalho, só e lento e, se havia lua, a pensá-la. Não a mistificá-la para lá da dimensão nocturna, estou certo; não a entrevê-la dentro de si como espectro do dia e menos ainda como anunciação da morte. Não. A lua, para José Gomes Ferreira, foi sempre: sonho de vencer a noite, ironia de desmistificar o lirismo corrente («lâmpada de cães e de poetas magros», definiu-a ele) ou insulto ao preconceito anticentífico. Um balão de infância, talvez também; mas nesse caso já com personagens de Júlio Verne e caminho e com rotas de voo e engenhos mecânicos.

É que, como disse Alexandre Pinheiro Torres, José Gomes Ferreira nasceu sob o signo do zeppelin. Foi esse o seu despertar para a vida e para o sonho, depois o tempo lhe daria razão. Antes de morrer teria a glória de ver com os seus próprios olhos os astronautas atravessando o azul e fazerem da lua uma estação da terra, uma realidade de partida para outro sonho mais além.

Aqui, como em tantas coisas novas que o mundo trouxe, o sonho deu-lhe razão e assim foi um poeta feliz, um poeta que se cumpriu até ao último instante. Só por isso viver tanto não cansou, foi bom. Foi maravilhoso para nós tê-lo escutado e vivido.

Post scriptum à morte própria

«Quando eu morrer não compliquem o mistério» — José Gomes Ferreira, Poesia, III.

«Só quero a Terra, ouviram?» — José Gomes Ferrera, Poesia IV.

José Cardoso Pires

Proposições sobre a poesia de José Gomes Ferreira

1.

SONHO, morte, frio, terra, pedras, árvores, nuvens, estrelas, astros — eis algumas das palavras que se nos deparam com mais frequência nos poemas de José Gomes Ferreira. O sonho não é mais que um momento, um ímpeto que se realiza no movimento do poema e só nele, dado que o sonho é impossível, total. Assim, o sonho ou o desejo, só na linguagem encontra a totalidade que o revela como possibilidade poética, ou seja, como palavra que, opondo-se à negação, se afirma independentemente da lógica negativa que muitas vezes domina este discurso poético.

Se eu ao menos construísse
a casa num terreno de cristal
que o meu olhar atravessasse
— lâmpada de água que sobe à superfície
para a luz ter face.

2.

A poesia de José Gomes Ferreira acusa a sociedade de ocultar a realidade do mal e a condição trágica do homem. E a violência com que o faz é extrema. É, sem dúvida, uma forma de desespero radical e a expressão de uma negatividade irredutível. No entanto, esta negatividade, que se manifesta de uma forma tão explosiva, não se fecha de todo no seu círculo negativo. É que no próprio grito há uma força libertadora que, a par da negação e no próprio interior dela, promove uma abertura e como que uma purificação em que a esperança, implicitamente, se renova.

Deixem-nos o planeta descarnado e áspero para vermos bem os esqueletos de tudo, até das nuvens.
Um planeta sem vales de ecos húmidos nem mulheres de flores nas planícies estendidas.
Um planeta feio de lágrimas e caveiras de sucata com morangos que dançam na penumbra o enigma das tocas.
E fábricas de galopes de cavalos com patas de fumo.
E máquinas com sexos estridentes para amores de metal.
E punhos cerrados dos mortos que furam o desespero das campas.
E barracões e vielas e vícios e escravos
a suarem um simulacro de vida entre bolor, fome, mãos de súplica e cadáveres,
entulho de cadáveres, abismos de cadáveres, cadáveres andantes e pedras.
Deixem-nos o planeta despido de árvores de estrelas a nós os poetas que estrangulámos todos os pássaros para ouvirmos mais alto o silêncio dos homens
— terríveis à espera
na sombra do chão
sujo da nossa morte.

3.

A poesia de José Gomes Ferreira é uma permanente contestação do real ou, antes, da aparência a que chamamos realidade. Contestação da sua mecânica feroz, do seu artificialismo absurdo, do seu não-saentido, da sua falta de imaginação. Daí que esta poesia se torne antilírica, uma poesia do não radical, um grito, mais do que um canto e, também, uma violenta autocontestação:

Vai-te, Poesia!
Deixem-me ver firmemente
a realidade nua
sem ninfas de iludir
ou violinos de lua.

O lirismo é aqui rejeitado por não corresponder à «vida exacta e intolerável», a única que o poeta quer cantar por uma exigência radical de justiça e de verdade.

4.

A voz poética de José Gomes Ferreira é dilacerante, profundamente angustiada, mas não sombria, não fúnebre, porque o poema é sempre um grito que de algum modo liberta e clarifica e limpa. No ímpeto deste grito, na sua fúria explosiva, a dor extrema volve-se na palavra libertadora que, sem transfigurar o negativo (pois que o expõe na sua nudez insuportável), transforma o trauma num princípio de vida e num poder inaugural. É este ímpeto que confere à poesia de José Gomes Ferreira uma salubridade expressiva que transmuda toda a sua negatividade numa forma de afirmação vital e de insubordinação solar contra o mundo.

5.

Onde «a lembrança perde, de súbito, o rosto». Esta falha, este súbito lapso da consciência é uma perda e esta perda é a própria experiência que cega e congela, que dissolve o eu, que corta o cordão umbilical, mas que ao mesmo tempo é uma irrupção, palavra viva de todos, palavra do todo para todos ([1]). Nesse momento obscuro, em que a realidade é uma nebulosa originária, o poeta é guiado não pela consciência habitual, mas pela «cegueira de dentro dos olhos da imaginação».

6.

«No passado, as condições de vida nunca foram totalmente prosaicas, os homens (...) encontravam ao nascer um universo à sua medida, domesticado, civilizado por milénios de sonhos, de lendas, de símbolos, de mitos. Na era técnico-científica, a realidade perdeu estas miragens: as coisas são nuas, quer dizer perfeitamente inumanas, indiferentes, insignificantes. Como viver no inumano? Como construir a felicidade no insignificante? Qualquer que seja o grau de conforto atingido pelo progresso, só a reconquista poética do real poderá torná-lo suportável.» ([2]) Podemos situar José Gomes Ferreira entre os poetas que mais contribuíram para «a reconquista poética do real». Sempre com uma extrema violência, este poeta diz não à asfixia e ao absurdo (tanto no âmbito cósmico como social), à sujeição do real imediato e quotidiano e até à imaginação, quando esta, em vez de mostrar a condição trágica do homem, a vela e esconde, falseando assim a relação com o real.

Deixem-nos o planeta descarnado e áspero
para vermos bem os esqueletos de tudo,
até das nuvens.

Este enegrecimento do real não deve ser considerado como uma visão pessimista, mas sim como uma afirmação trágica que visa antes de tudo um esclarecimento da realidade. O poeta, nem por um momento, esquece a condição terrível do homem e é essa consciência permanente que determina a violência nua da sua palavra poética. Nunca essa violência, por mais trágica que seja, deixa de ser um acto de liberdade e de resistência, uma irreprimível afirmação vital em face de tudo quanto aliena e oprime os homens e, consequentemente, mascara e degrada a própria condição humana.

Sempre a mesma mulher de saias curtas
nos degraus matinais
— capricho com olhos,
corpo sem nudez,
mãos de cera derretida.

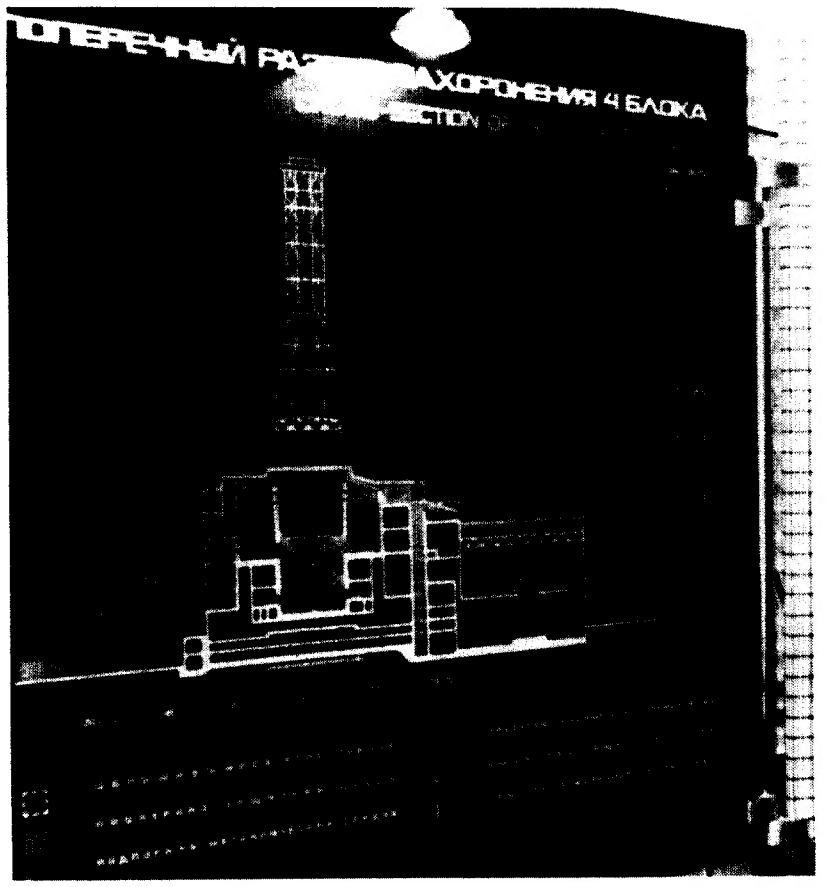
Nenhuma cólera de não haver horizontes.
Apenas o sono português
desta noite com insónia
chamada vida.

António Ramos Rosa

Notas
[1]) Cf. **Fundadores de la Nueva Poesia Latino-americana,** Saul Yurkievich, Barral
[2]) **L'asphyxie et le cri,** Jean Onimus, Deschée de Brouwer

Esquecer Chernobyl

Ocorrida há quase onze meses, a catástrofe de Tchernobyl, o mais grave acidente da história nuclear, traumatizou a opinião internacional, sem no entanto pôr em causa a exploração civil dessa energia — o que os responsáveis chegaram a temer. De facto, tudo foi feito para esquecer o desastre.



Na noite de 25 para 26 de Abril de 1986 um sopro apocalíptico abrasou o céu da Ucrânia. Chernobyl tinha um lindo nome: absinto (a palavra designa, em russo, uma variedade de absinto). Agora, o nome entrou na mitologia sinistra dos dramas industriais.

A Leste como no Ocidente, é a consternação. O impossível aconteceu. Pela primeira vez, uma central nuclear explodiu matando e poluindo a muitos quilómetros de distância em seu torno.

Pior: a nuvem ultrapassou fronteiras, sobrevoou a Escandinávia, a Europa, despertando uma fobia antinuclear mal extinta.

Catástrofe humana, mas também económica e política. A indústria nuclear, incomodada pela recaída dos preços do petróleo, convalescia ainda do seu «azar» precedente — o de Three Miles Island — que já ocorrera há sete anos e fora infinitamente menos grave. Chernobyl, ao reanimar a oposição antinuclear, iria vibrar-lhe um golpe mortal?

Também os governos ocidentais se inquietam. A catástrofe enfraquecera a União Soviética, mas Gorbachev passdos os primeiros momentos não se priva de amalgamar os perigos do nuclear civil e militar. Está-se em plena crise na discussão sobre o desarmamento. O peso dos Verdes europeus pode tornar-se determinante...

Oito meses mais tarde, os **nucleocratas** respiram de alívio: o falhanço humano e ecológico é pesado, mas, a Leste como no Ocidente, as consequências económicas e políticas são, apesar de tudo, limitadas.

«Ninguém considera, hoje, que Tchernobyl possa ter consequências notórias nos grandes equilíbrios económicos da União Soviética», lê-se em mais do que uma revista especializada. O custo global do acidente significará porventura para Moscovo três mil milhões de dólares, segundo as primeiras estimativas oficiais. Mas mesmo que a conta, **in fine,** se mostrasse muito mais elevada, como deixou perceber recentemente Gorbachev ao primeiro-ministro norueguês, seria, sempre, de importância mínima.

Tanto mais que as consequências humanas e ecológicas poderiam ter sido, elas também, infinitamente mais grave se a região do acidente fosse mais povoada e as condições climatéricas as «ideais» no momento da catástrofe. Foi uma sorte que o tempo estivesse bom... e que o modelo da central acidentada seja único no Mundo, pensam, ainda, e dizem em surdina, os especialistas ocidentais.

A Leste, naturalmente, tudo foi feito para limitar as consequências do acidente — e com sucesso: o caso Tchernobyl ficará sendo uma dessas aberrações que os homens das estatísticas eliminam dos seus cálculos porque escapam a qualquer lógica e previsibilidade. Além disso, o acidente é considerado mais **soviético** do que **nuclear.** Para o Leste, no entanto, Tchernobyl fica a significar o contrário de Three Miles Island, dito TMI, que se tornou num caso de manual: um alerta exemplar que não fez vítimas. Tchernobyl é o anti-TMI.

«No plano técnico, os ensinamentos do acidente são nulos», diz por exemplo o responsável pelos serviços de protecção nuclear franceses. Ele sublinha a dissemelhança total entre o modelo da central soviética e o de TMI, predominante no Ocidente.

Insignificantes igualmente, a acreditar nos responsáveis de exploração, as consequências de Chernobyl numa conduta a seguir nas centrais nucleares: Embora todos reconheçam que na origem do acidente esteve «uma inacreditável série de erros humanos», atribuem-na à enorme confusão, à incúria, e, em voz mais baixa, ao vodka, «tipicamente soviéticos», mais do que ao relachamento da atenção nos turnos posteriores à meia-noite ou aos efeitos perversos da rotina.

Tornou-se obrigatório sublinhar o carácter «rústico» dos sistemas de segurança soviéticos. E, em compensação, sublinham-se os esforços feitos, neste domínio, em todos os países ocidentais.

Neste contexto, as sequelas de Chernobyl na programação nuclear do Ocidente são desprezíveis. É verdade que, na Grã-Bretanha, na RFA e em Itália, os partidos socialistas (na oposição) tomaram posição a favor da interrupção do nuclear, tendo o cuidado de não falar de prazos. Também é verdade que as querelas transfronteiras se multiplicaram entre os Estados «pró» e «anti» nucleares: Suécia-Dinamarca, RFA-Áustria, França-Luxemburgo...

Mas temos de reconhecer que os programas propriamente ditos não sofreram praticamente nada com isso. Na maioria dos casos, os governos mantiveram as suas opções. Apenas dois países não aguentaram a pressão e congelaram o que estavam a fazer:
a Finlândia por razões evidentes — ela utiliza a técnica e materiais soviéticos — e a Holanda, que já era um caso muito hesitante antes de Chernobyl.

O Terceiro Mundo

Mas na RFA, onde o peso dos Verdes é determinante, o governo pôs a funcionar a central de Brokdorf, perto de Hamburgo, símbolo da contestação, e com doze anos de atraso sobre a data inicialmente prevista. E, na Inglaterra, a sra. Thatcher prepara-se para dar luz verde à construção de um novo reactor em Sizewell, no Suffolk.

Em contrapartida, há menos hipóteses de ser construído, agora, segundo supergerador europeu, o «Superfénix 2». Já prejudicado pelo seu custo enorme, ele sofrerá decerto com o novo embaraço alemão e italiano. Em França, o estudo do projecto continua, mas ao mesmo tempo começam a ser desmanteladas as equipas responsáveis por ele.

Fora da Ucrânia, as principais vítimas do acidente serão provavelmente... os países em vias de desenvolvimento candidatos ao nuclear. «O problema continua por resolver»: só há acidentes em exploração, e os países compradores não estão preparados.

O Brasil já aceitou uma moratória de três anos para o seu programa, e «deslgou» em Junho a única central que tem em funcionamento, para testar um plano de evacuação... O Egipto, a Turquia o México, a Líbia, etc., têm agora menos possibilidades de serem contemplados com créditos, tecnologias e sobretudo parceiros necessários. Que responsável ocidental irá para o Egipto assegurar o bom funcionamento da «sua» central?

Esquecer Chernobyl: «Mesmo que houvesse um acidente deste género em cada ano, o que está longe de corresponder aos factos, eu continuaria a considerar o nuclear como uma fonte de energia interessante» - disse no Verão passado o director da segurança da Agência Internacional da Energia Atómica em Viena. É preciso ser mais claro ainda?

E no entanto, por detrás da auto-segurança da Internacional Nuclear, a inquietação e a angústia florescem entre os responsáveis ao mais alto nível. Chernobyl incomoda.

«Foi o mais grave acidente ocorrido no nuclear civil, e nem se imaginava que ele pudesse acontecer», ouve-se com frequência. A seguir a esta catástrofe, ninguém pode assegurar, como aconteceu durante muitos anos, que um reactor não pode explodir e atingir as populações vizinhas. E ninguém tem ainda cara para garantir que a técnica e as condições de exploração desarmam suficientemente a «loucura» humana.

«Os soviéticos encarniçaram-se em demolir a central acidentada, mas cometeram seis erros graves; se tivessem evitado um deles, tê-la-iam salvo. É inimaginável», diz um outro responsável francês, Leclerc.

Um acidente como o de Chernobyl pode não ser concebível no Ocidente, mas o facto é que ele demonstra uma «nova fragilidade» que tudo põe em causa.

Todos os oficiais deste ofício concordam em que é possível, hoje, limitar os riscos ao mínimo, mas ninguém assegura que possam eliminar-se totalmente. E isso é novo. «Este acidente mostra que a probabilidade de uma catástrofe maior, durante muito tempo considerada nula, não o é e que é preciso ter em conta este novo dado na avaliação dos programas energéticos» - eis o testemunho de Bernard Laplonche, físico de reactores e director da Agência Francesa para o controlo da energia.

A «bica» privada

Continuação da pág. 1

no máximo chávenas ao dia, a partir das quais as consequências poderão ser perigosas para as instituições, pelo menos a julgar pelas afirmações de Honoré de Balzac que caracteriza o sobreconsumo de café como «agitação de ideias, o galope das comparações, a chegada veloz de recordações e a artilharia da lógica e das fugas do espírito».

Sobre a forma de alterar o actual estado de coisas, não se sugere o exemplo de Manuel Azinhais Nabeiro, presidente da Câmara de Campo Maior e actualmente em Badajoz onde floresce o volume dos seus negócios, mesmo em Portugal. Recorde-se que Nabeiro, através da declaração de uma pretensa isenção de pagamento de imposto de transação, teria em dois anos, com conivências nas alfândegas, ludibriado o fisco em 355 mil contos só naquele imposto, dívida global que chega a 860 mil contos.

A melhor forma, já que o actual regime não se prevê que venha a ser alterado e que se fala de novo aumento, é reduzir o seu consumo. Até porque quem beba mais de cinco chávenas por dia multiplica por três o seu risco de sofrer de uma doença de coração, ao ingerir um produto tóxico para o coração e vasos sanguíneos. Proteste, pois, mas com o coração.

João Almeida

Mensagens Pessoais

Gravador Vídeo VHS

Vendo barato motivo à vista. Tel. 2479058, rede Lisboa. Atendo aos fins-de-semana.

Associação Portuguesa de Poetas

Fundada há dois anos, a Associação Portuguesa de Poetas propõe-se divulgar os poetas até aqui ignorados e com dificuldades em verem conhecida a sua obra. Para ser associado escreva para: Associação Portuguesa de Poetas — Apartado 4320 — 1500 LISBOA CODEX, pedindo informações e regulamento, ou telefone para 703071, depois das 18 horas.

S.O.S. Rockers

A essência maior do Rock'N'Roll é o companheirismo e a amizade (I can't help myself)! João Miguel Franco, Largo Bispo de Mariana, 15-3.º esq/frt, 2520 — Peniche.

Bancários — Férias Frias

Aluga-se apartamento To, preço acessível integrado no Aldeamento Turístico de Pedras d'El-Rei c/piscina, praia, supermercado e restaurante, a 5 km de Tavira — lugar aprazível e temperatura ambiente agradável. Contactar telefone 2078464, após 19 horas.

Explicações

Universitária dá explicações. Preços acessíveis. Contacte: 883689.

Grande Enciclopédia Luso Brasileira

Compro em muito bom estado. Condições carta para F. C. Ribeiro, Av. Almirante Gago Coutinho, 101-B-1.º Esq.º, 1700 LISBOA.

Tropicana

Baile (música das CARAÍBAS), Vídeo, Bar Tropical. Em 7 de Fevereiro, das 16 às 24 horas, na Junta de Freguesia de Alcântara (Rua dos Lusíadas, 13 — Lisboa), vem divertir-te e traz outro amigo também. Associação de Amizade Portugal-Cuba.

Colcha antiga

Vendo colcha antiga trab. manual em trama. Nova. Helena Reis. Av. Marquês de Tomar, 104-4.º-Esq.º, 1200 LISBOA, telefone 772022/685263.

Quarto

Quarto bom aluga-se a menina estudante ou empregada, telefone 606482.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o «Sete Ponto Sete» publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o «Sete Ponto Sete» nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», «Sete Ponto Sete», «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.